



Universidade Federal de Uberlândia

Alice Registro Fonseca

**MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÕES DO MUnA
MUSEU UNIVERSITÁRIO DE ARTE**

Uberlândia- MG

2013

Universidade Federal de Uberlândia

Alice Registro Fonseca

**MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÕES DO MUUnA
MUSEU UNIVERSITÁRIO DE ARTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Artes/Mestrado . Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Artes Visuais
Linha de pesquisa: Práticas e Processos em Artes
Tema: Arte-educação em museus, instituições culturais e ensino não formal.

Orientação: Profa. Dra. Luciana Mourão Arslan

Uberlândia- MG

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F676m Fonseca, Alice Registro, 1987-
2013 Mediações em exposições do MUnA Museu Universitário de
Arte / Alice Registro Fonseca. -- 2013.
156 f. : il.

Orientadora: Luciana Mourão Arslan.
Dissertação (mestrado) . Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Artes.
Inclui bibliografia.

1. Artes - Teses. 2. Muna . Uberlândia (MG) - Teses. 3. Museu
Universitário de Arte (Uberlândia, MG) . Exposições - Teses. I.
Arslan, Luciana Mourão. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Artes. III. Título.

CDU: 7



UFU Universidade
Federal de
Uberlândia

PPG ARTES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - MESTRADO**

Ata da defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO junto ao Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

Defesa de dissertação de mestrado: CPART/057

Discente: Alice Registro Fonseca - Nº Matrícula: 11112ART003

Título do Trabalho: Mediações em exposições do MUnA - Museu Universitário de Arte

Área de concentração: Artes

Modalidade cursada: Artes Visuais

Linha de pesquisa: Prática e Processos em Artes

Projeto de Pesquisa: Experiência estética na vida cotidiana.

Às quinze horas do dia vinte e dois de março do ano de dois mil e treze no auditório do Museu Universitário de Arte, em Uberlândia reuniu-se a Comissão Julgadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes, assim composta, professores doutores: Rejane Galvão Coutinho – UNESP - IA; Luciene Lehmkuhl – UFU e Luciana Mourão Arslan, orientadora da aluna. Iniciando os trabalhos a presidente da mesa Dra. Luciana Mourão Arslan concedeu, preliminarmente, a palavra à discente para uma breve exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do aluno e o tempo de arguição e resposta transcorreram conforme as normas do programa estabelecidas pelo colegiado. A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, à examinadoras, as quais passaram a arguir a candidata, durante o prazo máximo de (30) minutos, assegurando-se ao mesmo igual prazo para resposta. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a comissão, em sessão secreta, atribuiu o conceito e emitiu o parecer final. Em face do resultado obtido, a Comissão Julgadora considerou a candidata **aprovada**. As correções observadas pelos examinadores deverão ser realizadas no prazo máximo de trinta dias. Esta defesa de dissertação de mestrado é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme os artigos de número 46 a 52 do Regulamento do Programa e a regulamentação interna da Universidade Federal de Uberlândia. Para constar, lavrou-se a presente ata que será assinada pela presidente e demais membros da banca.

Prof. Dra. Luciana Mourão Arslan
Orientadora

Prof. Dra. Rejane Galvão Coutinho – UNESP - IA

Prof. Dr. Luciene Lehmkuhl - UFU

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Dra. Luciana Mourão Arslan, pela confiança e carinho ao apoiar a minha formação como mestra. O seu incentivo à pesquisa e a novas experiências me possibilitou caminhar com maior segurança.

A todos docentes e ex-alunos do curso de graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Uberlândia, que participaram das entrevistas. Eles representam o coração desta pesquisa e, conjuntamente, fazem parte de um corpo funcional do MUnA (Museu Universitário de Arte).

À banca examinadora, Luciene Lehmkuhl e Rejane Galvão Coutinho, pelas sugestões e colaborações de ideias e caminhos apresentados na fase de qualificação do mestrado.

Ao Programa de Pós Graduação em Artes/Mestrado, do Instituto de Artes Visuais, da Universidade Federal de Uberlândia pela oportunidade de realizar este curso.

A coordenação geral do MUnA e seus funcionários pela permissão de consultar os documentos de seu arquivo administrativo e pela recepção durante a pesquisa.

Ao MUnA, por proporcionar vivências com as artes visuais e educação em museu.

Aos meus pais, Marisa e Aluísio, e minha irmã Luísa, pelo incentivo na realização desta conquista e, por me fazerem acreditar que é possível atingir meus objetivos.

À torcida atenciosa da minha família, tias Tânia, Marcia, Regina, Carmem e Rita, dos primos Coralina, Ricardo, Gabriela e Pedro, do vô Anivaldo e vó Jeni, por cada novo passo em que caminho na vida acadêmica.

À minha amiga e prima do coração, Vanessa Martins Monte e, seu marido Marco Stiepcich, pela revisão cuidadosa desta dissertação.

Às professoras Raquel Mello Salimeno de Sá e Lídia Meirelles, pelo incentivo a continuação na área da pesquisa acadêmica e pelas oportunidades oferecidas na área de educação em museu.

Aos meus amigos, em especial, Yolanda Cipriano, Weimar Amorim, Lizandra Calife e Maísa Tardivo, pelo incentivo na trajetória da pesquisa.

Ao meu amado companheiro Rafael Saba Ferreira, pela compreensão nos momentos em que estivemos distantes e, por acreditar e apoiar meus sonhos.

RESUMO

O presente trabalho apresenta o estudo das práticas de mediação em exposições realizadas no MUnA (Museu Universitário de Arte), entre os anos de 1998 a 2011. Para a pesquisa foram utilizadas as memórias relatadas dos mediadores, obtidas através de entrevistas, artigos, relatórios e projetos. Os relatos utilizados na pesquisa foram importantes ferramentas metodológicas para analisar os objetivos, as dinâmicas e as estratégias empregados nas práticas educativas de comunicação entre o visitante e a arte exposta. O estudo aborda alguns episódios relevantes na trajetória das práticas do educativo do MUnA, a partir dos quais é possível identificar o seu desenvolvimento perante a constante rotatividade dos discentes e dos docentes e também as atitudes das distintas gestões administrativas. Apesar dessas variações, foi observado que as atividades sempre se desenvolveram em torno do próprio espaço em que o MUnA disponibiliza para o público, como: galeria de exposição, auditório, oficina e pátio. As diversas mediações realizadas ao longo desses treze anos têm como característica principal a distinção de ações para cada um destes espaços. Na galeria de exposição, prevê-se a leitura e a interação com as produções artísticas. No auditório ou no pátio, supõe-se a reflexão sobre a temática expositiva e a introdução sobre a história e as normas do Museu. A oficina sugere a criação plástica. O resultado final desta pesquisa não é apenas identificar e analisar as mediações em exposição, mas sugerir ideias e proporcionar reflexões que possam auxiliar no desenvolvimento de novos planos e estratégias.

Palavras-chave: Mediação em exposição; MUnA; Educação; Museu Universitário.

ABSTRACT

This paper presents the study of guided tours at the University Museum of Art (MUnA) between 1998 and 2011. The study is based on the memories reported by the tour guides, who are students and teachers of the Visual Art course of Federal University of Uberlandia. The tour guides' reports were important methodological tools in analyzing the goals, dynamics and strategies employed in the educational practices of communication between the visitor and the art. The author selected relevant episodes in the educational path of MUnA, through which it is possible to identify MUnA's development. Its development showed that despite changing tour guides and different administrative attitudes, MUnA created activities around its public space; for example, the exhibition gallery, auditorium and courtyard and studio. On these three spaces, throughout thirteen years, a variety of tours occurred. First, in the gallery was appreciation and interaction with the art work. Secondly, in the auditorium and courtyard was exhibition theme reflection and Museum rules. Finally, in the studio was hands-on+ plastic creativity. In conclusion, this research is intended to identify and analyze the guided tours and suggest ideas to assist in developing new plans and strategies for MUnA.

Key words: Guided Tours; MUnA; Education; University Museum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÃO	17
1.1 Materiais de mediação em exposição oferecidos pelos museus	19
1.2 Mediação em exposição interpessoal	20
1.2.1 Planejamento	21
1.2.2 Execução	23
1.2.3 Avaliação de mediações	27
2. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA E DA ANÁLISE	30
2.1 A Pesquisa de campo	30
2.1.1 Relatos de experiência.....	31
2.2 A construção de um panorama das mediações.....	36
3. PROJETOS DO EDUCATIVO DO MU_{NA}: INTENÇÕES E FINALIDADES	39
4. AS DINÂMICAS NAS MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÃO NO MU_{NA}: AS EXPERIÊNCIAS.....	54
1ª TEMPORADA (1998-2004): a formação das práticas de mediação e aproximação com a comunidade	54
2ª TEMPORADA (2005-2008): multiplicidade das ações educativas	80
3ª TEMPORADA (2009 - 2011): proposição de novas interações.....	94
LINHA DO TEMPO: ações educativas e atividades de aproximação do público	109
5. PROBLEMAS E SOLUÇÕES NAS MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÃO DO MUNA.....	111
5.1 Recursos humanos	111
5.1.1 Remuneração e não remuneração dos estagiários.....	111

5.2	Organização das ações educativas.....	116
5.2.1	Preparação dos estagiários.....	117
5.2.2	Divulgação e o público	119
5.2.3	Atendimento ao público.....	123
5.2.3.1	Sistemas de Organização.....	124
5.2.3.2	Produção de material didático	128
5.2.3.3	Lidar com as expectativas do público	129
5.3	O educativo e outras atividades museológicas	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS		134
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....		145
APÊNDICE A - FICHA DOS ENTREVISTADOS		154
APÊNDICE B É AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA NO MUnA.....		156

INTRODUÇÃO

Pesquisas são fundamentais para todos os museus, mas, como afirma Almeida (2001, p. 221), um museu universitário deve tê-las como seu coração. São elas que possibilitam um museu realizar exposições, cursos, ações educativas e outras práticas inovadoras e de qualidade. Por outro lado, quando as pesquisas relacionam museu e universidade, elas podem ser trabalhadas por duas vertentes: sobre as práticas museológicas, das quais fazem parte o estudo da educação no museu; e sobre a temática que o museu trabalha, que, no caso do Museu Universitário de Arte de Uberlândia-MG - MUnA¹, é a arte contemporânea.

A pesquisa em questão, que trata das mediações em exposições desenvolvidas no MUnA, aborda experiências, condutas e estratégias utilizadas pelos mediadores e proponentes dessas ações, sob a ótica e a memória desses². O propósito da evocação da recordação foi o de obter vestígios armazenados individualmente na memória dos mediadores para organizar um acervo das práticas educativas do MUnA em comunhão com os projetos e os relatos escritos existentes. O período estudado equivale a treze anos de atividades do MUnA, da abertura da primeira exposição, no final de 1998, até o ano em que se inicia esta pesquisa: 2011. Tal período foi escolhido pelo interesse em conhecer e desmistificar certas ações propostas e alguns problemas, desde a primeira exposição até a presente pesquisa. O recorte cronológico adotado possibilita visualizar um horizonte estendido das práticas de mediação. Contudo, entende-se que tal proporção gera uma visão parcial, no sentido de que podem existir outras memórias, opiniões e interpretações.

Um dos principais motivos da escolha da abordagem específica do estudo sobre a prática de mediação na exposição foi o encantamento que essa

¹ MUnA . Museu Universitário de Arte . é um órgão complementar do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e é coordenado pelo Curso de Artes Visuais. Site: www.muna.ufu.br.

² A pesquisa em questão mostra-se diferente de estudos atuais, como exemplo de Black (2005), que trata a importância do envolvimento do público com a coleção e a exposição de um museu sob o aspecto do aprendizado do visitante. Trata-se de priorizar o conhecimento das condutas realizadas pelo setor educativo para auxiliar no desenvolvimento de futuras propostas de prática e, assim, proporcionar diferentes alternativas de aprendizado.

experiência me proporcionou quando ainda era aluna de graduação em Artes Plástica pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Neste período, tive a oportunidade de fazer estágios em dois museus na cidade de Uberlândia, o Museu do Índio e o MUnA. Ambos proporcionaram vivências práticas na área de educação em museus. Minha atuação na ação educativa no Museu do Índio e meu interesse pela arte indígena foram importantes fatores para a realização da pesquisa de monografia³.

No primeiro semestre de 2009, e meu último ano de formação, tive a chance de participar do grupo de alunos que estavam desenvolvendo ações educativas no MUnA para a disciplina de Prática de Ensino sob forma de estágio supervisionado 4. Diferente da maioria dos meus colegas, que realizaram oficinas, eu resolvi participar das mediações para as exposições.

Nessa experiência fiquei intrigada quanto ao público das visitas agendadas, pois tivemos que lidar com a pouca procura. Desde aquela época, mantive a curiosidade em conhecer como haviam sido as antigas mediações. Questionava-me se sempre houvera essa dificuldade de aproximar visitantes do museu, como outros estagiários trabalharam, como as outras gestões participaram nessa atividade e quais estratégias eram realizadas para divulgação, agendamento e atendimento. Nesse período, notei que não havia uma documentação organizada sobre tais experiências, mas que ela estava distribuída pelos acervos pessoais de seus propositores.

O MUnA, por estar situado no bairro Fundinho, antigo centro comercial e atual centro cultural da cidade de Uberlândia, tem como característica o atendimento ao público interessado na apreciação e no aprendizado da arte, seja ele acadêmico ou não. Nesse sentido, o MUnA é tido como importante espaço para a cidade, atendendo a demanda artística contemporânea, seja para o contato com as produções atuais seja pelo espaço de divulgação e desenvolvimento do ensino de arte na cidade.

³ FONSECA, Alice Registro. **A Cultura Material Karajá como Fonte Primária para a Construção do Conhecimento:** Interfaces entre Educação Patrimonial e Proposta Triangular. Monografia (Graduação em Artes Plásticas) Universidade Federal de Uberlândia, 2009. Orientador: Raquel Mello Salimeno Sá.

Sobre o fato de um museu universitário também ser representativo para a cidade, Almeida (2001, p. 27) ressalta que esse adquire funções e valores extra universitários. Um museu universitário pode resolver a ausência de um museu ou coleção específica em uma cidade, já que se alia às políticas de pesquisa, ensino e extensão previstas na universidade a favor da comunidade geral.

A referência inicial que se tem sobre a função de arte-educador envolvida em atividades educativas em museus foi aquela do *Victoria and Albert Museum*, em 1852. Barbosa (1989, p. 126) ainda destaca o fato de esse primeiro museu ter um programa educativo vinculado a uma escola de Artes Industriais. Essa rica informação histórica auxilia na reflexão sobre a significativa relação que o museu pode ter com a universidade. Existem outros exemplos dessa interação de instituições que resultaram em positivas experiências museológicas e renovações no ensino de arte. Acrescentando a respeito dessa relação, Moura (2007, p. 41) destaca que a mesma está prevista nos estatutos do Conselho Internacional dos Museus, ICOM, como *fórmula ideal* para o equilíbrio entre as funções acadêmica e educativa.

No caso dessa pesquisa, os estagiários do MUnA, que são discentes do curso de Artes Visuais, têm a oportunidade de praticar os conhecimentos obtidos durante sua graduação, acerca da Estética, da História da Arte, Ensino e as próprias propostas de ensino e aprendizagem, com os visitantes do Museu. Dessa forma, o MUnA oferece tanto atividades voltadas para a formação acadêmica como possibilidades de interação entre a comunidade e a arte que está sendo produzida e exposta.

A arquitetura do MUnA cumpre as necessidades no atendimento ao público. Desde sua primeira exposição, existem variados espaços para circulação e convívio com o visitante. Não é um Museu de grande porte, mas possibilita que nas mediações em exposição haja tanto o momento de leitura na galeria, como o de reflexão sobre arte e temas afins, com o auxílio de vídeo e projeção, no auditório, e também das criações plástica e poética, na oficina.

Pelo fato de esses espaços existirem desde o início, era previsto que o Museu disponibilizasse seu espaço para uso de ensino, aprendizagem e leitura da Arte. A figura 1 abaixo é composta com imagens dos três espaços do MUnA que fazem parte da prática de mediação em exposição.



Figura 1 . Da esquerda para direita: fachada do MUnA, visão parcial da Galeria Principal, Auditório e oficina. (fotos de mediação em exposição no ano de 2011)
Fonte: da autora, 2011.

Discentes e docentes partilham a responsabilidade pelo desenvolvimento do Museu. Por esta razão, a pesquisa teve objetivo de conhecer as variadas estratégias e alternativas de mediação em exposição, realizadas sob a ótica destes personagens, vislumbrando a constante rotatividade destes atuantes.

Uma das especificidades do MUnA reside na sua diversidade de ações educativas, que podem ou não serem ligadas à universidade. A dimensão educativa do MUnA engloba as ações listadas a seguir:

1. Mediações nas exposições (visitas agendadas ou não, material didático para público da exposição, texto de parede, etiqueta, etc).
2. Oficinas e cursos livres para a comunidade.

3. Estágios nas áreas de Educação em museu; Expografia ou montagem de exposição; Produção Gráfica e outros.
4. Formação de professores da educação básica. (Exemplo: Pólo Rede Arte na Escola).
5. Eventos culturais diversos (mostras de vídeo, lançamento de livro).
6. Proposições de exposições de discentes e docentes.
7. Exposições dos artistas externos à UFU e à cidade, para ampliar o repertório dos alunos.
8. Objeto e local para desenvolver pesquisas de TCC, Mestrado, Iniciação Científica, etc.

Esta pesquisa foi executada com a proposta metodológica de análise qualitativa dos dados obtidos em relação às proposições atuais museológicas. A escolha pela metodologia qualitativa busca valorizar as práticas educativas dentro do MUnA a partir das suas próprias ações revisitadas. Ao refletir sobre as práticas de mediações pretende-se evidenciar que é possível ponderar sobre as ações e diretrizes para o MUnA considerando o seu cenário real e não apenas uma situação ideal.

A dissertação foi dividida em cinco capítulos, sendo que os dois primeiros fazem referência à estruturação e à construção da pesquisa, tanto por refletir sobre a temática (mediação em exposição) quanto pela apresentação da metodologia de pesquisa e análise. Os capítulos posteriores expõem a análise dos relatos de experiência dos discentes e docentes que participaram das mediações em exposição.

No **capítulo 1**, apresento uma breve contextualização teórica e prática sobre mediação em exposição, destacando Grinder e McCoy (1989), que evidenciaram o potencial educativo dos museus apresentando estratégias de ensino e aprendizado aos *Tour Guide* (mediadores); Grinspum (2000), que também trabalhou com a bibliografia anterior, relacionando a proposta da Educação Patrimonial; Coutinho (2009 e 2011) que trata das transformações das práticas de mediações, segundo propostas de arte/educação e Educação Patrimonial; Barbosa (1989, 2009, 2004) que também entrelaçou a mediação com o estudo da educação, destacando a importância da experiência e da interpretação da visita

ao museu. Outros autores que também auxiliaram na reflexão sobre a temática foram Almeida (2001) que aborda o contexto dos museus universitários, Moura (2007) e Hooper-Greenhill (1999). Todas as referências utilizadas sobre as práticas de mediação em exposição tiveram relevância para reflexão sobre as condutas do planejamento, da execução e da avaliação e, como das relações do público com a exposição e com os mediadores (materiais e interpessoais).

Tratando da contextualização da pesquisa, o **capítulo 2** abordou o procedimento de aquisição dos dados, entrevistas e coleta de documentos, e como eles foram sistematizados para análise. Para auxiliar na metodologia de pesquisa escolhida foram consultados alguns estudos sobre a História Oral.⁴

Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo não foi previsto medir ou quantificar dados, mas compreender o contexto e as condutas que os mediadores do MUnA realizaram ao longo dos 13 anos.

A pesquisa foi baseada em propostas similares de análise educativa em museus específicos. A dissertação de mestrado de Alik Santos Antolino (2009), que apresentou um panorama das ações do setor educativo do Museu de Arte Moderna de São Paulo e da Pinacoteca do Estado, e trabalhou sobre as propostas de ensino de arte nessas instituições e suas relações com escolas públicas. O relatório final da pesquisa de pós-doutorado de Maria Isabel Leite (2007), que investigou as ações educativas nos museus londrinos com objetivo de conhecer as experiências para auxiliar na reflexão sobre os museus brasileiros, permitindo pensar criticamente estratégias e suportes para o redimensionamento do campo e, em específico para o museu em que atua, o Museu da Infância da UNESCO. O estudo de Leite (2007) apresentou o caminho positivo de uma pesquisa qualitativa, em que utiliza entrevistas e conversas informais com funcionários dos museus em comunhão com a observação das atividades e a análise documental⁵.

O leitor conhecerá o processo de construção da análise sobre as diversas ações relatadas no **capítulo 2**, no qual priorizou-se a estrutura em três tópicos,

⁴ O pesquisador Portelli (1997) compreende que a fonte oral é um mecanismo de aquisição de informação diferenciado, no qual o personagem e a memória deste são os protagonistas.

⁵ A apresentação da metodologia de análise da frequência do público aos museus de arte na Europa no livro de Bourdieu e Darbel (2007) serve como referência de exposição dos procedimentos da pesquisa.

que se ramificam em questões complementares. Os três tópicos para análise consistem na compreensão das intenções e finalidades relatadas nos projetos do MUnA vinculados à ação educativa; no exame das condutas e das experiências das práticas de mediação em exposição do MUnA; e na identificação dos problemas e soluções dessas práticas. Cada um desses tópicos são trabalhados nos três capítulos seguintes.

O **capítulo 3** é pautado em como as ações educativas eram abordadas nos projetos escritos e documentos do MUnA, analisando cada um separadamente, mas referenciando seu contexto com algumas passagens dos relatos orais. O **capítulo 4** expõe alguns episódios de práticas de mediação em exposição, sendo apresentados dentro de três temporadas definidas por contextos e gestões que se assemelham. Cada episódio tem uma narrativa em especial, representativa tanto da sua temporada como da totalidade das práticas de mediação do MUnA.

O **capítulo 5** expõe quais foram os efetivos problemas na realização das mediações em exposições do MUnA e quais estratégias foram utilizadas para contorná-los. Os sub tópicos encontram-se direcionados aos comentários relatados nas entrevistas e em outros registros e textos, sobre recursos humanos, organização das mediações (planejamento, preparação dos estagiários, atendimento ao público) e a relação entre os participantes do educativo e as outras atividades museológicas.

A partir dos apontamentos nos diversos relatos de experiência sobre problemas enfrentados e estratégias utilizadas foi elaborado uma proposta de ações que podem ser exploradas no MUnA com o objetivo de crescer e valorizar suas atividades frente ao público. As dez sugestões, baseadas na observação de atividade de outros museus, são apresentadas nas considerações finais como uma colaboração da pesquisa para o educativo do MUnA.

A construção da documentação sobre as práticas de mediação trabalhadas nesta pesquisa possibilita criar diretrizes específicas para o MUnA. Lembrando que o Museu está fora do eixo hegemônico de circulação das artes visuais no Brasil, como a cidade de São Paulo, é problemática a transposição de tais modelos educacionais e museográficos. Apesar das dez sugestões serem baseadas em práticas de outros museus, elas são pensadas e adequadas para as necessidades particulares do MUnA.

1. MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÃO

A visita ao museu pode ser uma experiência única, na qual o visitante, interpretando a exposição e seus objetos, pode aprender de uma maneira diversa. O potencial educativo do museu está nas exposições, nos materiais escritos e em outros dispositivos de informação (GRINDER; McCOY, 1989, p. 40).

A interação direta com os objetos expostos é um dos principais elementos estimulantes da educação no museu. A interpretação que pode surgir, pela observação dos trabalhos originais expostos, é relacionada à conexão possível entre objeto e visitante. Existem aqueles que preferem percorrer a exposição sozinho, tendo apoio informativo e movido por interesse próprio, ou aqueles que procuram apoio de um sujeito mediador para visita (GRINDER; McCOY, 1989, p. 41).

A orientação das visitas, quando realizada com apoio de um sujeito mediador, pode ser estendida para além do simples fato de dar informação ao visitante. Espera-se que o mediador trabalhe com técnicas e estratégias de ensino para auxiliar a interpretação do visitante (GRINDER; McCOY, 1989, p. 41).

O termo mediador também pode ser empregado para se referir aos diversos materiais físicos, que oferecem mecanismos de interação e interpretação dos trabalhos expostos. A diferença entre essas formas de mediação é que os sujeitos mediadores são especialistas capacitados em completar e estender informações fornecidas pelas etiquetas e outros sinais. Eles têm a vantagem de poder lidar com as necessidades e interesses apresentadas pelos visitantes, conseguindo trabalhar de diferentes maneiras para uma mesma exposição.

Apesar da referencia bibliográfica escolhida, o livro *The Good Guide: a sourcebook for interpreters, docentes and tour guides* (Grinder; McCoy, 1989) denominarem os mediadores como *Tour Guides*, as suas discussões a respeito das práticas educativas nas visitas as exposições são pertinentes para ações atuais. Não se tem a intenção de questionar as terminologias⁶, pois esses autores dizem respeito ao contexto norte americano e do final da década de 1980.

⁶ No Brasil a denominação guia, monitor, visita guiada e visita monitorada são terminologias discutidas quanto ao seu valor. Essas denominações consideradas tradicionais não poderiam ser utilizadas para aqueles mediadores em museu que exploram diversos olhares e interpretações para um mesmo objeto cultural. Contudo, os mesmos continuam sendo utilizados para as

O fato de utilizar pesquisas situadas no século passado, do final da década de 1980, não quer dizer que não podemos referencia-las na atualidade. Os autores trazem tipologias de visita e a organização dessas abarcando todo o contexto educacional. Ao compreender o universo que se propõe no livro *The Good Guide* diante do contexto atual é preciso ser crítico quanto aos pensamentos filosóficos e práticos sobre a educação em museus, pois neste contexto, o valor das relações culturais, que pode ser construído socialmente, não era tão fundamental.

Barbosa (2009) e Grinder e McCoy (1989) ao discutir sobre a prática educativa na visita a exposição, relacionam as questões de educação e de aprendizagem, apresentando reflexões por meio de diversos pensadores. Grinder e McCoy (1989, p.37) referenciam John Dewey e Piaget para enfatizar a relevância da experiência no museu como um auxílio ao crescimento pessoal . correspondendo ao desenvolvimento da estrutura intelectual. Barbosa (2009, p.13) referencia Sócrates para ressaltar a ideia do professor mediar o parto da aprendizagem do aluno; John Dewey e Vygotsky por atribuírem ao professor o perfil de %organizador, estimulador, questionador e aglutinador+, ou seja, promover o desenvolvimento potencial do aluno.

Aprofundando a discussão sobre inter-relação da educação e da mediação, tomando os ideais de Paulo Freire, Barbosa (2009, p.13) acrescenta o fato que se aprenda uns com os outros mediatizados pelo mundo, assim, a arte/educação é a mediadora entre o público e arte e, o espaço desta mediação ser o museu.

A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público. O lugar experimental dessa mediação é o museu. Pensamos nos museus como laboratórios de arte. Museus são laboratório de conhecimento de arte, tão fundamentais para a aprendizagem da arte como os laboratórios de química o são para a aprendizagem da Química. (BARBOSA, 2009, p. 13 e14).

mediações com esse caráter. Segundo Grinspum (2000, p. 47), esse fato ocorre talvez pela %força do hábito ou por falta de reflexão e discussão suficientes entre os profissionais do museu+. O que Barbosa (2009, p. 14) questiona é pensar os mediadores como sujeitos que estão a disposição para *tirar dúvidas*, pois assim estariam %veiculando uma concepção errônea, diminuidora e humilhante dessa função.+

A abordagem específica de mediação em exposição não tem o objetivo de referenciar os estudos sobre cultura, arte e educação, sejam eles separados ou relacionados. O estudo é pautado no valor da experiência que uma visita ao museu pode significar, identificando alternativas práticas para produzirem conhecimentos relevantes. Coutinho (2009 e 2011) aproximou o campo das mediações ao universo da arte/educação, em específico da Proposta Triangular e do terreno da Educação Patrimonial. Para a autora, a ação educativa é um campo de relações entre os indivíduos e as várias camadas contextuais do mundo, dentre elas a arte, a cultura e o patrimônio (podendo as três serem pensadas como único corpo).

Barbosa (2009, p.15 e 2010, p.106) cita o autor Nicholas Serota, que propõe a ideia de o museu educar pela experiência de interpretação. Essa afirmação é relacionada à discussão de uma proposta expográfica que possibilite interpretações e discussões sobre arte e história da arte, de uma maneira não linear e não cronológica. Serota dedica um livro para discutir sobre a experiência e a interpretação e, também, como a prática educativa no museu, seja por meio de material ou de pessoal, favorece o enriquecimento teórico e prático através de novas interpretações e reflexões críticas.⁷

1.1 Materiais de mediação em exposição oferecidos pelos museus

A interação do visitante com a exposição pode ser realizada através do contato direto, sem apoio de outra pessoa. Essa experiência acontece por meio do envolvimento físico com o espaço, com as informações e com as atividades individuais disponíveis.

A visita ao museu sofre de variadas influências externas, sendo um deles o aspecto físico . ambiente, arquitetura, cheiro e sons. Certamente a primeira visita a um museu específico estará carregada de novidades sensoriais, sendo essas mais lembradas do que a própria cognição obtida na visita. Um museu que atende às necessidades do visitante será capaz de atingir o seu intelecto.+ (GRINSPUM, 2000, p. 17).

⁷ O livro de Nicholas Serota citado por Barbosa (2009, p.15) é *Experience or Interpretation: the dilemma of Museums of Modern Arte*.

A disposição da exposição afeta o comportamento e a circulação do visitante, assim, deve-se considerar também todos os materiais e elementos físicos, que influenciarão a experiência museológica (GRINSPUM, 2000, p. 17). O visitante espontâneo, o qual não utiliza o auxílio de um sujeito mediador, constrói sua mediação em exposição de acordo com que o museu oferece . textos de parede, legendas, etiquetas, áudios, vídeos, gráficos e outras tecnologias interativas.

Normalmente, os museus criam etiquetas para cada objeto da exposição, contendo informações descritivas e até legendas instrutivas. Estas últimas costumam ser utilizadas em museus em que há um grande número de visitantes espontâneos, os quais não planejam participar de uma visita mediada por algum educador (GRINDER; McCOY, 1989, p. 42).

O conteúdo de uma etiqueta pode influenciar na educação do visitante, pois possibilita acrescentar novos vocabulários, terminologias e outras sequências de informações específicas. Nos últimos anos, foram cuidadosamente estudados os materiais didáticos disponíveis para o público, sendo que muitos museus exploram outras formas de mediação através de atividades atraentes, expografia com partes que se movem e uso de novas tecnologias. Atividades que proporcionam interação da exposição com o visitante são uma excepcional forma de aprendizado pela experiência (GRINDER; McCOY, 1989, p. 42).

A visita espontânea propicia ao visitante a possibilidade de criar a sua própria experiência a partir do que vê, relaciona e reflete. Oferecer recursos informativos, interpretativos e interativos ao visitante proporciona o controle sobre a própria experiência museológica (GRINSPUM, 2000, p. 17).

1.2 Mediação em exposição interpessoal

Os primeiros serviços educativos em museus brasileiros, orientados para apreciar Arte, foram organizados no Rio de Janeiro nos anos de 1950. A partir da década de 1980, o MAC/USP e o Museu Lasar Segall criaram departamentos educativos, que influenciaram professores de Arte nas condições pós-modernas (BARBOSA, 2009, p. 16 e 17).

No MAC/USP foi desenvolvida e aplicada a Proposta Triangular, que modificou o ensino de arte nas escolas e também nos museus de arte brasileira.

Nessa proposta, o contato ao vivo com as produções artísticas foi considerado uma ação fundamental para interpretação e análise da arte. Dessa maneira, os professores e alunos começaram a procurar mais os museus, pois favorecia a prática de leitura da arte (BARBOSA, 2009, p. 17).

Com a criação e o desenvolvimento dos setores educativos, muitos deles desenvolveram roteiros de visita. Barbosa (2009, p. 17) destaca que muitas dessas proposições baseavam as suas mediações conforme o conhecimento de seus mediadores. Hoje sabe-se que a relevância da visita ao museu está em provocar diálogos de interesse para cada grupo. Não é o mediador que escolhe o que analisar, mas sim os interesses levantados pelo visitante.

1.2.1 Planejamento

Visitantes de museus diferem quanto aos interesses e aos estilos de aprendizado, há aqueles que preferem observar uma exposição sozinho, com apoio de alguns materiais (texto de parede, etiqueta, áudio-guia e outros), ou aqueles que preferem marcar um encontro com um mediador formado para auxiliar na visita. Os dois tipos de mediação dependem de uma organização prévia, porém eles se diferem quanto ao planejamento dirigido, integrando as necessidades do visitante ao conteúdo programado.

Para Grinder e McCoy (1989, p. 52), uma mediação em exposição, que poderá desenvolver bons resultados, é aquela planejada com objetivos, conteúdos e métodos didáticos baseados nas características dos visitantes. Sabe-se que nem sempre é possível conseguir muitos detalhes sobre o grupo, pois o responsável em agendar não é o mesmo que fará a mediação. Contudo, esses autores sugerem que os mediadores façam contato com o responsável pelo grupo de visitantes com o objetivo de descobrir algumas informações sobre o interesse da visita e sobre o conhecimento prévio da temática exposta.

O contato é importante para o planejamento da visita para ambas as partes: ao planejar a visita, o grupo de visitantes estará preparado e diminuirá o risco de ter desapontamentos e, ao mesmo tempo, os mediadores conseguirão planejar um encontro que gere boas experiências.

Uma característica básica que os mediadores precisam saber sobre seus visitantes é o nível escolar, pois, assim, poderão recorrer ao currículo escolar e

conhecer o conteúdo aprendido, podendo direcionar discussões e temáticas que auxiliem no desenvolvimento escolar (GRINDER; McCOY, 1989, p. 52). Contudo, este ponto de vista pode restringir a ação educativa como um complemento escolar.

Para Grinder e McCoy (1989, p. 53) o planejamento de uma mediação em exposição deve conter objetivos, conteúdo e conclusão e, no meu ponto de vista, o planejamento pode ter esta estrutura como também outra formula. No objetivo, os autores delimitam de uma maneira pragmática o aprendizado que o visitante deve alcançar, possibilitando definir mais de um alvo. Contudo, acredito que dentro da área de educação em museu não seja possível traçar com certeza a obtenção exata de um aprendizado. Na experiência museal cada um terá sua própria compreensão, que dependerá de todo contexto.

A seleção dos objetivos apontada por Grinder e McCoy (1989, p. 53), é fundamental para o desenvolvimento da ação educativa, sendo necessário esboçar conforme a especificidade de cada público. Esses autores definem os objetivos de uma maneira similar ao planejamento escolar: devendo projetar os conhecimentos possíveis. Esta objetivação bem definida ocorre pela fundamentação teórica nos estágios do desenvolvimento cognitivo de Piaget. Apesar de ser uma ferramenta de auxílio da projeção, é relevante considerar o planejamento do objetivo como um mecanismo limitador de expectativas.

O planejamento dos conteúdos a serem abordados na mediação em exposição condizem ao assunto pelo qual o objetivo trilhará. Grinder e McCoy (1989, p.53) explicam que o conteúdo diz respeito a um caminho entre partida e chegada. Ressalto novamente a questão de se ter uma delimitação precisa, pois a ação educativa em museu funciona de uma maneira mais aberta em relação a formação escolar. Nesse sentido, a conclusão do planejamento pode apontar possíveis resultados frente ao público da mediação. Além desses três tópicos, Barbosa, Oliveira e Ticle (2010, p. 10) sugerem que para cada mediação seja necessário estar definido o tempo disponível e o espaço a ser utilizado. Dependendo dos lugares que o museu oferece para a mediação, pode-se pensar em atividades mais exploratórias e criativas ou em exercícios de reflexão e discussão. O tempo da mediação é definido na maioria das vezes pelo grupo visitante e, de acordo com o tempo, podem-se estabelecer critérios de ações: ter

uma visita mais rápida para desenvolver uma prática criativa mais detalhada ou focalizar na maior parte do tempo da visita a galeria, com uma breve proposta de aplicação prática.

Portanto, a tarefa dos mediadores é possibilitar a expansão de novos conhecimentos ao público por meio do encontro direto com os objetos expostos. Deve-se estar atento tanto aos referenciais contextuais dos visitantes do museu como também deve-se estender a preocupação com os sujeitos mediadores. Coutinho (2009, p. 178), ao apresentar uma proposta de mediação, afirmou que os mediadores precisaram ter domínio do repertório aliado à direção crítica e reflexiva, a qual possibilitou a articulação de um discurso.

A preparação dos mediadores, quanto às informações sobre a exposição, também faz parte do planejamento da mediação em exposição. Compreender a temática e o contexto expositivo é fundamental para o mediador, mesmo que haja uma constante mudança de exposição. Ele deve conhecer informações pertinentes, a partir das quais pode desenvolver discussões e questões (GRINDER; McCOY, 1989, p. 56).

As informações podem ser trabalhadas segundo tópicos, objetos, cultura, cronologia, expografia e outras categorias significativas. É preciso que os mediadores tenham a compreensão da exposição como um todo, para assim conseguirem desenvolver uma mediação criativa e não aquela seguida de memorização dos fatos (GRINDER; McCOY, 1989, p.56).

Uma alternativa para os mediadores prepararem-se é estudarem e praticarem com colegas ações que envolvam a ênfase nos detalhes do objeto, como elementos e princípios estéticos, e a ênfase no conteúdo e no contexto cultural e histórico (GRINDER; McCOY, 1989, p.57).

1.2.2 Execução

Trabalhar com mediação em exposição depende de vários fatores e ações a serem tomadas. Um mediador pode decidir abordar uma leitura sobre os elementos estéticos ou trabalhar com a interpretação em relação ao contexto cultural, a partir dos conhecimentos e experiências do próprio visitante. Grinder e McCoy (1989, p. 46 e 47) definem essas estratégias de mediação, respectivamente, como: *Object-Directed* e *Object-Associated*.

A estratégia de observar os aspectos estéticos dos objetos expostos, como cor, linha, forma e outros elementos e princípios da Arte, conhecida por *Object-Directed*, é utilizada principalmente nos museus de arte. Contudo, é passível de ser aplicada em qualquer objeto sem ser artístico. Os mediadores podem auxiliar no desenvolvimento da sensibilidade visual e na habilidade de observação dos visitantes estimulando-os a descreverem, analisarem, interpretar e avaliarem. Esses estímulos fazem parte da técnica de mediação em exposição como um todo (GRINDER; McCOY, 1989, p. 46).

A leitura do objeto por associação e por referências de experiências próprias faz com que o visitante adquira conhecimentos no museu. Dessa forma, um mediador deve instigar o público à percepção de diferentes contextos (história da arte, simbolismo, história cultural, ambientalismo, função, estrutura, comportamento, história social e nacional)⁸. Portanto, o procedimento *Object-Associated* fortalece a aprendizagem pela experiência dos visitantes, dando-lhes a oportunidade de pensar sobre objetos de diferentes maneiras (GRINDER; McCOY, 1989, p.47)

Quando o visitante está envolvido na mediação em exposição, ele é capaz de compreender como os objetos são relacionados, tanto com a própria interpretação como entre diferentes contextos. Grinder e McCoy (1989, p. 48) citam três exemplos de métodos, nos quais propõem interação dos visitantes durante a mediação: comparação e diferenciação, imaginação e ênfase de temáticas.

Comparar e diferenciar são importantes métodos de mediação que podem ser realizados na leitura de dois ou mais objetos expostos. Esse método pode desenvolver no visitante uma habilidade de análise de diferentes elementos dos objetos (GRINDER; McCOY, 1989, p. 48).

Explorar a imaginação ao apreciar um objeto exposto é um dos métodos de mediação mais utilizados com visitas de crianças. Elas não possuem a barreira convencional dos adultos, conseguindo facilmente se inserir dentro do contexto possível daquele objeto (GRINDER; McCOY, 1989, p.49).

⁸ Grinder e McCoy (1989, p. 47) apresentam essas nove categorias que podem ser analisadas junto aos objetos expostos através do estudo da definição dos objetos pela observação cultural de Thomas Schlereth, no livro *Material Cultural Studies in America* (1984).

Mediações em exposição podem ser desenvolvidas a partir de um único tema ou de um tema comum. A abordagem da mediação a partir de uma temática pode ser mais efetiva do que uma apreciação singular dos objetos. Essa ação possibilita o visitante do museu compreender certas ideias abstratas, como, por exemplo, histórias particulares de períodos; as escolas de pintura; os efeitos da guerra e da existência de diversas classes sociais na história das esculturas (GRINDER; McCOY, 1989, p. 49).

O melhor método de mediação em exposição para Grinder e McCoy (1989, p. 56) é aquele que cria alternativas de interpretação, que relaciona aprendizagem e diversão. As técnicas de interpretação que esses autores apontam condizem com a conduta dos mediadores frente aos objetos expostos, independente das estratégias de observação e análise, já mencionadas.

A estratégia de interpretação determina o significado do objeto e como ele é observado e compreendido. Hooper-Greenhill (1999, p. 50) afirma que a construção do significado, para a teoria de aprendizagem construtivista, depende do que a pessoa conhece e, a partir disso, cria sentido para aquilo que percebe.

Para acrescentar a discussão sobre o uso da interpretação na mediação em exposição, Coutinho (2009, p. 175) lembra do princípio freiriano de que essa ação é um processo de construção de sentidos para os sujeitos que interpretam, pois eles se apropriam do novo conhecimento interagindo com seu meio cultural e social. O procedimento da leitura possibilita uma infinidade de interpretações, pois cada leitor utiliza de sua própria experiência adquirida anteriormente e, também, da visão de mundo que possui.

Coutinho (2009, p. 175) ainda reflete que não há interpretações certas ou erradas no campo das artes, mas sim aquelas mais coerentes, pertinentes e personalizadas. As imagens e os objetos, principalmente artísticos, possibilitam interpretar segundo um referencial teórico, o qual o mediador pode explorar, dando ênfase ao contexto, à obra e ao intérprete. Portanto, conhecer diferentes instrumentos de leitura, situando-os perante as teorias que os iluminam, é o recurso fundamental para o mediador criar condições que possibilitem interpretações.+ (COUTINHO, 2009, p. 176). Grinder e McCoy (1989, p. 56) apresentam cinco técnicas de interpretação, mas destacam três como básicas: *Lecture technique (Palestra)*; ***Lecture-Discussion technique*** (*Visita-palestra*);

Inquiry-discussion technique (*Discussão dirigida*); ***Guided Discovery technique*** (*Descoberta orientada*) e *Guided Involvement technique* (*Envolvimento orientado* ou *Caminhada orientada*).⁹

As *visitas-palestra* são também conhecidas como *conversas na exposição* (*talking guide*). Esse tipo de visita envolve principalmente a ação do mediador, pois ele detém a palavra na maior parte do tempo. Mesmo que os visitantes não tenham tantas oportunidades, os mediadores costumam encorajá-los a participar das discussões. Nessa abordagem o mediador se desloca rapidamente de um objeto exposto para outro, buscando manter a atenção do visitante. Ele possui a voz de comando da ação de observação e união do grupo, usa do estilo informal, da linguagem corporal e aproveita para fazer relação com outras histórias. Essa abordagem costuma ser mais adequada para adultos e estudantes de Ensino Médio, pois teriam uma maior quantidade de conhecimento e, por isso, poderiam dialogar mais com o mediador (GRINSPUM, 2000, p. 48). Ao término dessa visita o mediador costuma disponibilizar um tempo para que os visitantes caminhem livremente pela exposição, pois, na maioria das vezes, a visita não é direcionada para uma obra específica. Com esse tempo, o visitante pode escolher uma ou mais obras que queira observar com mais calma (GRINSPUM, 2000, p. 48).

A estrutura da *discussão dirigida* é composta pelo diálogo entre mediador e visitante, no qual o primeiro propõe perguntas sobre o objeto que estão observando à espera de respostas dos visitantes, dando informações em intervalos adequados. As perguntas são utilizadas para direcionar a discussão com a intenção de atingir o objetivo de aprendizado da visita (GRINDER; MCCOY, 1989, p. 60). Essa técnica de interpretação é bem sucedida com grupos de estudantes e crianças, pois convida a interação de todos, possibilitando a troca de ideias. Portanto, o momento dos *insights* ou da obtenção de novos conhecimentos e experiências é centrado na discussão do grupo e não mais em como as informações são transmitidas pelo mediador nas *visitas-palestra* (GRINSPUM,

⁹ As três técnicas de interpretação, que foram destacadas no texto em negrito, são consideradas para Grinder e McCoy (1989) as principais proposições interpretativas. Grinspum (2000, p. 48-49) trabalha com essas, traduzindo-as conforme as especificidades de cada uma. As outras duas técnicas interpretativas foram traduzidas pela autora, a partir das características discutidas por Grinder e McCoy (1989, p. 70-71). Ambas foram consideradas como outras técnicas de mediação (*other tour techniques*).

2000, p. 49). A *discussão dirigida* é a técnica de interpretação que cria mais possibilidades de mudanças de atitudes e sentimentos do visitante em relação à instituição e à visita em si. O grupo que participa dessa ação tem a oportunidade de construir suas próprias percepções, respostas e novas questões (GRINDER; MCCOY, 1989, p. 60).

A *descoberta orientada* possibilita que os visitantes decidam o roteiro de visita escolhendo os objetos de interesse e, assim, o mediador segue propondo hipóteses gerais ou questões problema+. O mediador oferece atividades estruturadas e o visitante decide o que gostaria de observar a partir dessa proposta. Para que a visita atinja o seu objetivo (a fruição, a experiência e o conhecimento pelos objetos), os visitantes precisam cumprir as atividades propostas para eles resolverem (GRINSPUM, 2000, p. 49).

Apesar do mediador não ser o foco das atenções, como na *visita-palestra*, e não ter um direcionador para a observação das obras, como na *discussão dirigida*, o mediador precisa ter o controle do grupo orientando e estimular a atividade, instigando novos pensamentos e monitorando a evolução do grupo (GRINSPUM, 2000, p. 49).

Os objetos expositivos e a maneira como estão dispostos no museu são uma fonte especial de estímulo e aprendizagem. Estar preparado para receber os visitantes com uma divertida e acolhedora mediação é uma importante tarefa do mediador, seja ele apenas material ou pessoal.

1.2.3 Avaliação de mediações

A avaliação das ações educativas, dentre elas a mediação em exposição, não costuma ser explorada nos museus. Contudo, ela é uma ação importante para que se estabeleça o aperfeiçoamento e a continuidade das práticas (BARBOSA; OLIVEIRA; TICLE, 2010, p. 17).

As formas de avaliação das mediações em exposição podem variar de acordo com a percepção de seus participantes, pois tanto podem avaliar o nível de satisfação, as sugestões e as críticas feitas pelos próprios visitantes, quanto pelos mediadores. Nas últimas décadas foram realizadas várias pesquisas com o público de museus, as quais apresentam resultados quantitativos e qualitativos.

Porém, não aconteceram com a mesma frequência e volume as pesquisas com os mediadores ou com os responsáveis pelo educativo.

Um recente exemplo de pesquisa que envolva avaliação da mediação é a dissertação *Processos Avaliativos em Mediação Cultural: a postura reflexiva das ações educativas*, de Julia Rocha Pinto (2012). Nesse trabalho há a reflexão de que tal avaliação deva fazer parte de todo processo de mediação, presente no planejamento, na execução e na ação póstuma¹⁰. A investigação da problemática abrangeu o campo da mediação cultural, educação em geral e ensino da arte.

Julia Pinto (2012, p. 52) sugere que a análise das mediações em exposição faz com que o trabalho mantenha-se em constante modificação e adaptação para os diversos públicos. A avaliação não é um resultado final, é um meio para proporcionar melhorias a partir da reflexão. A pesquisadora ainda acrescenta que tal avaliação precisa estar em sintonia com a transformação do ensino, tendo como base a perspectiva educacional.

Um exemplo de avaliação de processos educativos que o Centro Cultural do Banco do Brasil de São Paulo (CCBB-SP) realizou foi retratado no livro *Artes Visuais: da exposição à sala de aula*. Apesar de essa ser uma importante pesquisa sobre o trabalho dos professores em relação às ações educativas oferecidas pelo CCBB-SP, ainda não reflete e avalia as práticas de mediação em exposição. É uma reflexão sobre como os professores de Arte do ensino regular de São Paulo trabalharam com os materiais elaborados sobre as exposições e, também, das visitas a essas.

O livro apresenta os *antecedentes da pesquisa*, apontando a origem da pesquisa e a preocupação do CCBB-SP em apoiar os professores na aproximação da Arte com os alunos. O estudo detalhava como os professores e alunos interagiram com os textos e com as imagens em trabalhos na sala de aula, contribuindo com a criação artística dos alunos.

As pesquisas dos resultados em sala de aula faziam referência a quatro exposições do ano de 2004, no CCBB-SP: Arte da África; Nuno Ramos: Morte das Casas; Rosana Palazyan: O Lugar do sonho; Antoni Tapies. A investigação da pesquisa aconteceu pelo procedimento de diferenciar e analisar as diversas

¹⁰ Julia Pinto (2012, p. 52, 53) acrescenta que tais possibilidades de avaliação são definidas por Phil Bull (2004, p. 295-6) como *avaliação antecipada, avaliação formativa e avaliação somativa*.

formas de apoio que um professor pode ter sobre a exposição. Os apoios disponíveis foram: encontros sobre cada uma das exposições; encontros para elaboração de planejamentos e registros; visitas de um agente de campo com a função de intermediar situações e estimular os professores a descrever os processos das turmas; visita mediada no CCBB, incluindo transporte e lanche para os alunos.

No livro organizado por Barbosa, Coutinho e Sales (2005), há diversos relatos das aulas com a presença de textos escritos por professores e agentes de campo, analisados e somados ao olhar atento das pesquisadoras. O livro também é composto por um rico conjunto de imagens das produções dos estudantes, que são documentos do percurso criativo e da reflexão, desde o planejamento até a produção.

O resultado dessa pesquisa reflete como os professores compreendem a importância do desenvolvimento da pesquisa visual para seus alunos durante a visita aos museus e, confirma a necessidade de investimento na formação contínuo dos professores através das instituições culturais (BARBOSA; COUTINHO E SALES, 2005, p. 207).

Os museus e instituições culturais brasileiros ainda precisam desenvolver mais pesquisas de avaliação sobre suas práticas educativas e sociais, para melhorar seus esforços de contribuição à comunidade (BARBOSA, 2009, p.21, 22).

Portanto, esta pesquisa sobre as mediações em exposição do MUnA serve como uma dessas avaliações que Barbosa (2009, p. 21, 22) apontou como necessárias para a compreensão das propostas, e que auxilia no planejamento de futuras proposições.

2. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA E DA ANÁLISE

Antes de analisar as informações sobre as mediações em exposições do MUnA, adquiridas através de diferentes fontes de pesquisa, irei apresentar as condições em que foram obtidas. A pesquisa tem cunho qualitativo que, como tal, não pretende comparar ou quantificar dados, mas compreender o contexto das mediações através da memória dos atores dessa ação.

Os dados trabalhados partiram da pesquisa de campo, na qual buscaram-se relatos e informações que contextualizassem as mediações realizadas no Museu. As fontes de pesquisa privilegiadas foram as entrevistas com alguns participantes das atividades de ação educativa no MUnA e os documentos, como relatórios dos estágios, quadro de horário de visitas, listas de escolas, fotografias, entre outros.

A partir dos relatos e dos documentos coletados, foi possível visualizar algumas tendências e transformações das práticas educativas desenvolvidas para exposições do MUnA. Assim, a metodologia de estudo será em torno dessas informações, dialogando com reflexões relevantes.

2.1 A Pesquisa de campo

A paisagem da pesquisa é composta de uma ação investigativa, a qual, a cada novo dado adquirido, seja nas entrevistas ou nos documentos, desenrola a forma pela qual as mediações em exposição foram realizadas pelos mediadores. Como o cenário da análise me é familiar, sendo eu uma protagonista de algumas ações, estabeleci quais seriam as principais informações a pesquisar conforme minha vivência no museu.

Primeiramente busquei documentos no MUnA, sendo prontamente recebida pelos funcionários e pelo coordenador do Museu. Para a pesquisa, foi possível o contato com alguns arquivos. Porém, não foram encontrados muitos documentos relatando ou avaliando as mediações em exposição exatamente como procurava. Dentre os arquivos a que tive acesso havia pastas organizadas sob temas, como por exemplo: projetos, relatórios gerais, documentos administrativos, agendas/convites e outros com menos importância para a pesquisa. Dentro dessa organização, encontrei fotografias de exposições e das atividades educativas, como o *Domingo nos Museus*, e uma pasta com

organização das monitorias (fichas de agendamento, cadastro de monitor e calendários).

Além desses documentos de administração e de organização consultaram-se também alguns relatórios, artigos e monografias que possuíam um caráter descritivo das práticas educativas da mesma maneira que os relatos orais.

A pesquisa de documentos foi fundamental para a identificação das informações factuais, pois as entrevistas condizem das práticas e, os documentos apontam as ações no tempo.

2.1.1 Relatos de experiência

As entrevistas, um dos principais procedimentos de pesquisa escolhido para aquisição dos dados, nada mais são do que uma metodologia da História Oral. Apesar desse fato, não pretendo e não tenho a competência, como um historiador possui, de escrever uma história sobre as práticas das mediações no MUnA. O objetivo é compreender as dinâmicas em relação a várias questões sobre aprendizagem nos museus. Com a perspectiva traçada, o método de pesquisa através das entrevistas terá seu devido valor na análise. Dessa forma, as entrevistas possibilitaram conhecer alguns aspectos da realidade dos mediadores nas ações educativas, que aconteceram a favor das exposições do MUnA.

Ao determinar a metodologia de pesquisa, foi preciso definir quais seriam os principais personagens das práticas a serem entrevistados. Dentre os professores e ex-alunos do curso de graduação escolhidos, priorizou-se aqueles citados em fontes escritas, e que de certa maneira poderiam ter desenvolvido várias ações para a mediação entre público e exposição do MUnA. Além disso, procurou-se escolher personagens que pudessem relatar mediações em cada um dos anos de funcionamento do MUnA, do final de 1998 ao final do ano de 2011.

No total foram realizadas 13 entrevistas com docentes e ex-discentes do curso de graduação em Artes Visuais, sendo 8 professores e 5 ex-alunos, sendo que 2 deles também foram professores substitutos.¹¹ Essa distinção é importante

¹¹ Assim, os entrevistados foram diferenciados em três categorias: professores, ex-alunos e ex-alunos/professores.

para a pesquisa, pois os entrevistados são identificados através da sua ligação acadêmica com a UFU e a letra inicial do seu nome. O objetivo não é destacar um personagem principal, mas apresentar como trabalharam para que as mediações em exposição do MUnA acontecessem.

Além desses 13 entrevistados, também foram utilizadas fontes escritas que relatam e analisam as práticas realizadas, sendo essas: 2 relatos de experiência em artigo e 2 em trabalho de conclusão de curso. A troca de informações com um professor, realizada via e-mail, serviu igualmente para a pesquisa. Outra fonte de relato de experiência foi da minha própria memória, quando estive participando das mediações com o público no MUnA, em 2009. A tabela abaixo apresenta os relatos orais e escritos consultados nesta pesquisa. Tais informações estão organizadas pelos anos de funcionamento do MUnA e pelas temporadas criadas para análise, a serem explicadas na sequência.

	Ano	Professor	Aluno	Aluno/Professor
1ª Temporada	1998		E	J (a)
	1999	M.A. R	E	M (a) J (a)
	2000	R		M (a) J (a)
	2001	M.S.		M (a)
	2002	C M.S E.T.	D	M (a)
	2003	C M.S. E.T.	D (WEBER, 2003), TCC	M (a)
	2004	E.T. E.C.	D	M (a)
2ª Temporada	2005	B E.T. M.S.	A	M (p)
	2006	B M.S.	A (SOUZA; RODRIGUES, 2006), <i>artigo relato</i>	M (p)
	2007	B M.S. E.T.		M (p)
	2008	B E.T.	A	
3ª Temporada	2009	L	Autora	
	2010	L	(ARSLAN; <i>et alii</i> , 2010) <i>artigo relato</i>	
	2011	L	Autora (SANTOS, 2011) TCC	
	Total	8 professores	3 alunos + Autora + 2 artigo relato + 2 TCC	2 alunos/professores

Tabela 1 . Identificação das fontes orais e escritas, que constam relatos de experiência, organizados por temporada e por ano.

As entrevistas foram importantes fontes para a realização desta pesquisa, pois através delas foi possível conhecer uma parte das experiências de mediações que aconteceram no MUnA.¹² As falas dos personagens entrevistados foram transcritas e, com isso, alteradas para a linguagem escrita, pois tais relatos foram fundamentais para pesquisa.¹³

Muitos dos relatos obtidos por fontes orais dizem respeito a fatos não registrados por outros tipos de documentos, a fatos cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulo diverso. (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 2)

Como citado na literatura sobre relatos orais, essa descrição por parte dos personagens é uma alternativa para completar uma informação que se deseja conhecer. Mesmo que os relatos orais enfatizem apenas momentos específicos, parciais, guardados ou reconstruídos na memória, ainda assim são significativos para pesquisas que assumem essa parcialidade de tais relatos e que não dispõem de muitas fontes.

A riqueza desse tipo de pesquisa está no conhecimento da memória do sujeito da história, o personagem da narrativa vivida. Para que as entrevistas ganhem uma maior força, foram aliadas aos documentos que correspondem ao evento citado. Muitas vezes os entrevistados ficavam perdidos na questão sobre qual período eles estavam falando, mas algumas pistas apresentavam dados, como, por exemplo: uma exposição, a gestão de coordenação e outros. Dessa forma, ao aliar as fontes orais e escritas, pretende-se ponderar o discurso.

A história oral é uma maneira de pesquisa diferenciada, pois, segundo Portelli (1997, p. 31), a partir dela aparecem leituras relativas aos significados, mais do que dados específicos dos eventos, ou seja, fatos com datas e informações precisas. A subjetividade na fonte oral é rica de memórias que envolvem o emocional psicológico, fazendo tanto parte da história quanto os fatos mais visíveis.+(PORTELLI, 1997, p. 31)

¹² Entende-se aqui que as memórias sobre as práticas educativas dos entrevistados sejam as principais ações positivas e negativas armazenadas. A memória conserva momentos específicos e especiais para cada pessoa. Para um mesmo evento podem existir diferentes lembranças e interpretações.

¹³ Todas as entrevistas tiveram uma autorização prévia e, depois de transcritas, passaram pelo crivo dos mesmos.

Como qualquer outra pesquisa em que a principal fonte é a própria história oral, as informações são lançadas conforme foram organizadas na memória dos entrevistados. Se por acaso duas ou mais pessoas participaram de atividades educativas no MUnA no mesmo período, haverá duas ou mais visões e interpretações que são ligadas às lembranças pessoais¹⁴.

E como lidar com o fato de a memória ser seletiva? Para evitar o caráter subjetivo dessa pergunta, trabalha-se com a ideia de que provavelmente as informações adquiridas nas entrevistas representem apenas construções e fios condutores acerca de tais experiências.

A escolha do uso das fontes orais para esta pesquisa fez necessário o apoio metodológico na História Oral, que se situa dentro da perspectiva da Nova História. Sobre esta, Peter Burke (1992, p. 338) discutiu a nova possibilidade de escrever história sugerindo que os historiadores tomassem diferentes atitudes. Dentre elas, o que interessa para pesquisa é o fato de adotar diferentes modos de narrativa, não lidando apenas com a sequência de acontecimentos, mas também com as estruturas (modos de pensar, de agir etc). Burke ainda sugere que os historiadores devam pensar na possibilidade em diferentes interpretações e que contem a história por mais de um ponto de vista.

A Nova História amplia a ideia das fontes, deixando de lado o paradigma tradicional, que se pauta nos documentos. Burke (1992) cita existir outras evidências que possam contribuir para a história, como as fontes visuais e orais. Quebrando outros paradigmas, a Nova História aponta para o pensamento do relativismo cultural presente nas diversas atividades humanas, seja nos relatos orais ou mesmo na própria escrita da história.¹⁵

¹⁴ Outra referência utilizada para contextualizar e entender o estudo da História Oral foi o artigo *Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da História Oral*, de Latif Antonia Cassab e Aloisio Ruscheinsky, 2004, pois eles tratam esta metodologia como importante ferramenta para a obtenção e a ampliação de conhecimento, dando ênfase no sujeito da história. %Reconstruir histórias, situações, acontecimentos, subsidiado pela voz do outro, deve tornar o pesquisador responsável e comprometido com o valor de seu trabalho e a difusão dos seus resultados para a comunidade.+(CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 7).

¹⁵ Esta nota tem o objetivo de reforçar a ideia de que esta pesquisa **não** pretende escrever uma história, mas considerar as práticas de mediação em exposição com suas devidas nuances para, assim, valorizá-las dentro do contexto museológico. Considera-se a ação educativa como importante expoente de ação e pesquisa do MUnA.

A problemática da pesquisa trata de um extenso período, 13 anos, que dificulta a abordagem de pequenos detalhes, mas favorece a compreensão da continuidade e do conjunto das ações. Acredita-se que muitas outras observações e discussões poderão surgir a partir dessa visão.

As entrevistas se desenvolveram a partir das respostas dos entrevistados, pois apesar de haver uma estrutura de perguntas básicas (no apêndice A), a cada caso havia uma tensão diferente na discussão. Ou seja, ao lidar com um professor, sabia que o mesmo orientava, mas muitas vezes não participava diretamente com as mediações. Por outro lado, ao entrevistar ex-alunos, sabia que poderia escutar mais histórias sobre as dinâmicas das práticas.

A complexidade dos dados, a partir de diversas fontes (orais, escritas, fotográficas), gerou uma preocupação quanto à organização e interpretação das práticas de mediação. Para auxiliar nessa sistematização, criamos tópicos gerais que encaminham para temáticas específicas.

Na fase posterior das entrevistas e das suas transcrições, que já se consistiu numa análise, foi possível fazer uma leitura geral de todas as fontes obtidas em relação às categorias e aos tópicos a serem abordados. Foi um momento de triagem das principais questões a serem levantadas para visualizar os episódios das mediações situados no tempo. Esse método utilizado na análise será abordado no subcapítulo seguinte.

2.2 A construção de um panorama das mediações

Após a pesquisa de campo, buscando documentos e conhecendo as histórias das práticas educativas pelos relatos orais, surgiu a questão de reunir todos os dados e escolher o melhor caminho para análise do estudo. A qualificação serviu como experiência para lidar com a quantidade de conteúdos. A partir dela, definiu-se o trabalho com os dados divididos em três grandes categorias.

A categorização como um processo de tipologia estruturalista, que comporta a etapa do inventário (isolando os elementos) e da classificação (propondo uma organização), foi vista como possibilidade a partir do contato com a metodologia

de interpretação da Cultura Escolar, realizada pelo pesquisador Dominique Julia (2001), a ser utilizado nos estudos da história da educação.¹⁶

A partir da metodologia do estudo da Cultura Escolar, que é trabalhado em três eixos por Dominique Julia (2001)¹⁷, foi determinada uma sistematização similar para a pesquisa sobre as mediações em exposição do MUnA. Os três tópicos para análise consistem na compreensão das intenções e finalidades dos projetos do MUnA vinculados à ação educativa; no exame das condutas e das experiências das práticas de mediação em exposição do MUnA; e na identificação dos problemas e das soluções dessas práticas.

Ao definir os três tópicos a serem analisados, ainda havia a questão de como apresentar os fatos, as narrativas e as práticas. No primeiro tópico, foi mais fácil para determinar a abordagem, pois tratava de como as ações educativas eram relatadas nos projetos escritos e nos documentos do MUnA . bastando analisá-los separadamente, referenciando seu contexto com algumas passagens dos relatos orais.

O problema foi enfatizar a grande quantidade de histórias retratando as diversas formas de mediação para as variadas exposições citadas. Como abordar as diferentes experiências e as modificações de conduta?

A resposta foi solucionada após a leitura dos livros *Mitologias*, de Roland Barthes (2001), e de *How to visit a Museum*, de David Finn (1985). Ambos trazem narrativas e retratos de uma história analisada em pequenos capítulos.

Contudo, ainda faltava certa unidade temporal para as análises das narrativas. O tempo central envolvido nas mediações em exposição estava definido entre o final do ano de 1998 até o ano de 2011. Escolheu-se trabalhar com proposta similar àquela dos seriados de televisão, em que episódios são apresentados dentro de temporadas. Os episódios trazem uma narrativa em

¹⁶ Dentre os textos estudados sobre a Cultura Escolar, foi escolhido para trabalhar nesta pesquisa o texto *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*, de Dominique Julia (2001). Essa opção surgiu após o contato com as suas propostas de pesquisa, seus desafios, metodologias e questões conceituais, durante a realização da disciplina de mestrado Tópicos Especiais de História e Historiografia da Educação II: História Cultural e Cultura Escolar . Pressupostos teórico-metodológicos, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação

¹⁷ Os três eixos metodológicos de análise e interpretação do estudo da Cultura Escolar desenvolvido por Julia (2001) são: *Normas, legislação, regulamento; Conteúdo e programa de ensino, formação do professor, processos avaliativos; e Conteúdos ensinados e práticas escolares.*

especial e, também, são representativos dentro do contexto geral da temporada em específico.¹⁸

Portanto, ficou definido que a **1ª temporada** seria entre os anos 1998 a 2004, abordando a formação das práticas de mediação em exposição em comunhão com a estruturação inicial do Museu e a aproximação com o público; a **2ª temporada** seria entre os anos 2005 a 2008, tratando de novas propostas educativas com apoio de projetos de extensão; e a **3ª temporada** seria entre os anos 2009 a 2011, retratando as novas proposições de interação na mediação em exposição, pelo fato de uma disciplina de estágio no novo currículo estar vinculada ao Museu.

A definição do tempo para cada temporada dependeu de fatores em que ocorreram quebras ou lacunas, encerrando um dado enredo, mas prosseguindo com uma nova proposta de composição para a mesma prática. Como exemplo, o término da **1ª temporada** é quando o MUnA para suas atividades em função de reformas necessárias. Enquanto a estagnação de atividade define o término, a nova gestão na **2ª temporada** aparece com inovações de projetos e planos de ações.

A escolha pela abordagem dos dados seguindo o modelo de temporadas de seriados de TV faz referência ao livro *A formação do professor de arte: do ensaio... à encenação*. A autora Biasoli (1999) apresenta a sua análise de estudo em comparação com o processo de desenvolvimento de uma encenação teatral.¹⁹ Biasoli trata da trajetória de sua pesquisa como um processo teatral, que inicia com o ensaio até finalizar com a encenação. A execução final é definida pela autora como uma cena de espetáculo produzido e organizado por vários ensaios. Desta forma, a encenação (pesquisa) é apresentada em seis atos, que são divididos conforme o desenvolvimento das ações.

¹⁸ A escolha da menção aos seriados televisivos refere-se a proposta de análise das mediações em exposição através da criação de fictícias temporadas.

¹⁹ Outro autor que também utiliza a analogia da encenação do teatro numa pesquisa é Erving Goffman, no livro *The Presentation of Self in Everyday Life*. Goffman (1959) considera os elementos do teatro para discutir o comportamento humano nas relações sociais. Como exemplo, o termo de performance no teatro é associado à ideia de atuação individual de um sujeito que é observado por um grupo em particular, a qual cria uma espécie de influência ao observador. O sujeito então observado, o ator da ação, é identificado quanto a seu gênero, idade, roupa, tamanho, aparência, postura, gestos corporais e outros. Essa observação de Goffman sobre o ator é importante para a pesquisa das práticas de mediação, pois os personagens dessas ações, os mediadores, são ferramentas fundamentais para completar a relação e a interação entre o visitante e a exposição.

3. PROJETOS DO EDUCATIVO DO MUnA: INTENÇÕES E FINALIDADES

Em busca da compreensão sobre o que os gestores, as comissões e os participantes das atividades do MUnA entendem por ação educativa, foram selecionados alguns projetos, que formaram e conduziram o Museu ao longo dos anos em que esteve funcionando e, também, alguns relatos que continham informações complementares. Dentre os projetos escolhidos estão situados dois referentes ao início do MUnA e mais quatro atuais, sendo eles:

- *Galeria de Arte Amílcar de Castro . Proposta de Implantação de um Espaço Cultural da Universidade Federal de Uberlândia*, de 1995;
- *Projeto Piloto MUnA . UFU . Um museu Modelo a Serviço da Comunidade e da Pesquisa Universitária . Fase 1 - Diagnóstico e Levantamento de Dados*, de 1999;
- *Projeto de Extensão PIEEX/UFU: Ação educativa em Arte*, de 2007 e 2008;
- *Relatório Final das Atividades PIEEX/2007: Projeto Ação educativa em Arte*, de 2007;
- *Regimento do Museu Universitário de Arte - Disposições preliminares*, de 2010²⁰.

Todos esses projetos têm como característica o envolvimento dos docentes do curso de graduação em Artes Plásticas, atual Artes Visuais, seja na coordenação geral, em comissões e em conselhos ou como responsáveis por setores, atividades e projetos específicos.²¹ Outro ponto em comum, que também diz respeito diretamente à atividade de ação educativa do MUnA, é a participação do discente, contribuindo para sua formação artística e educacional, como já se vê definido, mesmo no primeiro projeto, de 1995:

Este espaço deve ser pensado então, antes de tudo, como um laboratório de ensino aos futuros arte-educadores. (...) A Galeria de Arte é portanto apoio na formação de professor

²⁰ Todos os documentos estudados pertencem ao arquivo do MUnA. Foi autorizado o seu uso para esta pesquisa.

²¹ Todas as atribuições de atividades dos docentes que foram citadas fazem referência às diferentes nomenclaturas utilizadas nos projetos estudados.

de arte e é meio para sua atuação. (FRANÇA; RAUSCHER, 1995, p. 18)

O que diferencia esses projetos são suas propostas para o momento em questão. O projeto de 1995 tinha como objetivo a criação e implementação de um espaço cultural, *Galeria de Arte Amílcar de Castro*, que atendesse ao acesso e à divulgação da Arte para o público em geral e para os discentes de artes da UFU. Passados quatro anos da concepção desse projeto de Galeria e após um ano de seu funcionamento, em 1999, foi desenvolvido um projeto que atendesse a uma metodologia de trabalho e às referências teóricas para tais ações. Dessa forma, o projeto intitulado *Piloto* foi uma alternativa para se pensar as propostas culturais, educativas e preservacionistas.

No período de 2006 a 2008, foram idealizados e realizados dois projetos de ação educativa para o Museu, com auxílio do Programa Institucional de Estágio Acadêmico de Extensão Remunerado (PIEEX) da UFU: um no ano de 2007 e outro em 2008. Neles encontram-se detalhes da proposta, como objetivos, justificativa, metas, formas de avaliação e planejamento de atividades. Além desses projetos, tive acesso ao relatório de atividades referente ao ano de 2007, o qual apresenta os resultados das ações educativas através de dados quantitativos e uma avaliação global. O último documento escolhido para análise, datado de 2010, é o regimento atual do Museu. Nele é apresentada uma estrutura de organização de atividades, incluindo a ação educativa dentro do *Setor Educativo*.

* * *

No projeto de 1995, a ação educativa foi apresentada em conjunto com a proposta de divulgação do espaço cultural a ser implementado e também como um fator político a ser encarado como prioridade. As oficinas e programas de palestras são tidos como um mecanismo de formação de espectador de arte. Como política de ação educativa, propôs-se que o espaço fosse um laboratório para os alunos de arte, o qual possibilitava o acesso à produção artística na sua forma original e também como possibilidade para licenciatura em arte (FRANÇA; RAUSCHER, 1995, p. 18).

A ação educativa foi uma importante justificativa para a criação do MUnA, pois é citado no projeto que a região de Uberlândia necessitava de um mecanismos de acesso e de divulgação da arte, pois até aquele ano não havia um museu de arte na cidade (FRANÇA; RAUSCHER, 1995, p. 3). Portanto, a UFU como uma importante instituição formadora da região também deveria participar desse processo de formação de públicos de arte.

Após a abertura do MUnA, o mesmo precisou ser estruturado quanto às diretrizes e ao perfil que deveria se estabelecer no próprio espaço museográfico. Diferente do projeto anterior, que direcionou suas intenções para criação de uma Galeria de Arte, foi preciso desenvolver um projeto que atendesse as necessidades de um Museu Universitário. O projeto de 1999, proposto à FAPEMIG, consistiu na pesquisa de dados e experiências de outros museus universitários, possibilitando a formulação de diretrizes, metodologias e perfil para o MUnA²².

Além do auxílio de estudos das experiências em outros museus, foi prevista no projeto de 1999 a necessidade de se buscar profissionais de fora do corpo docente para consultoria nos projetos especializados, como em: Arquivologia, Museologia, Educação em Museu, Restauração, entre outros (DEPARTAMENTO, 1999, p. 5).

Observando-se o perfil que o MUnA constituiu através das posturas e das ações projetadas pelos professores e alunos, é possível encontrar algumas referências e influências de estudos e experiências externas trazidas pelos mesmos. O apoio conceitual que o projeto de 1999 traz é o da Conservação Preventiva e das tendências contemporâneas nas atividades museológicas, que previa estabelecer uma política educativa e curatorial de preservação da matéria física e informativa das coleções do MUnA (DEPARTAMENTO, 1999, p. 15).

Apoiados nessa linha de pesquisa, acreditados que a Conservação Preventiva pode ser a chave mestra da interdisciplinaridade dos projetos relacionados à

²² O projeto de 1999 foi idealizado e projetado pelos professores do Departamento do curso de Artes Plásticas, tendo como destaque influencia o estudo da professora Yacy-Ara Froner. Ela fundamenta sua pesquisa no estudo da Conservação Preventiva, então, a atenção principal do projeto de 99. Na cópia do projeto, que tive acesso, não existe referencias de nomes e participantes.

implementação do MUnA-UFU, dando ao Museu um caráter científico e acadêmico, indispensável às instituições universitárias. Consideramos os projetos educativos e arquivístico como participantes nesse processo, uma vez que a finalidade última dessa instituição seria poder difundir suas propostas culturais e normativas, dentro e fora da comunidade universitária. (DEPARTAMENTO, 1999, p. 15)

Segundo consta no projeto piloto (DEPARTAMENTO, 1999, p.9), o MUnA deveria atender tanto os critérios de apresentação, divulgação e preservação de obras artísticas de vanguarda, de valor histórico, estilístico e cultural, como as necessidades de investimento em pesquisa, ensino formal e informal e atividades de extensão da Universidade. Nesse sentido, além do MUnA ser compreendido como uma instituição para formação dos alunos de graduação, foi pensado como um mecanismo social entre a arte e outros públicos. Nesse projeto já havia a consciência de que a base para todos os planos e metas teria o envolvimento da ação educativa, pois possibilitaria estender relações entre a Universidade e a comunidade.

Além de o projeto piloto sistematizar, contextualizar e conceitualizar o MUnA, ele também serviu como base para a organização dos primeiros projetos culturais do mesmo, criando quatro subprojetos específicos que atendiam diversas áreas de ações no MUnA. (DEPARTAMENTO, 1999, p. 16-31)

- *Educação básica: Pedagogia e Educação*
Título: %A ação educativa no museu+
- *Banco de dados; História da Arte, Documentação e arquivologia*
Título: %Diagnóstico de catalogação, documentação e pesquisa de acervo+
- *Museografia: Artes Plásticas*
Título: %Espaço e comunicação visual de exposição+
- *Conservação Preventiva e a Qualidade Ambiental de um museu: Arquitetura, Urbanismo e Engenharia Civil*
Título: %Diagnóstico de qualidade ambiental do museu+

Em cada subprojeto foram apresentados contextos, metodologias e planos de trabalhos. O subprojeto *Educação básica: Pedagogia e Educação*, que tem como título %A ação educativa no Museu+, objetiva um plano de pesquisa sobre as diferentes formas de ações educativas desenvolvidas nos museus nacionais,

visando a fundamentação e o desenvolvimento de políticas de ação e pesquisa no Museu junto à escola. Para tal atividade foi apresentada como justificativa a importante relação que o museu vem construindo junto à formação educacional formal da escola. É apresentado um breve panorama histórico sobre as ações educativas nos museus e como essas evoluíram segundo as mudanças no ensino de arte na escola (DEPARTAMENTO, 1999, p. 16).

Com a abertura do MUnA surgiu um novo campo para pesquisa e prática de arte/educação na formação dos futuros profissionais da UFU. Previa-se no projeto piloto a existência de atividades de estágios obrigatórios na área de arte-educador no Museu para o curso de licenciatura de Artes (DEPARTAMENTO, 1999, p. 17), indicando, assim, que, desde a implantação do MUnA, os docentes tinham consciência da importância de tal formação na graduação.²³

No projeto de 1999, aparece ainda a necessidade de criar um banco de dados com propostas e projetos educativos desenvolvidos em outros museus para poder auxiliar em alternativas educacionais entre museu e escola, e museu e público em geral. É clara a intenção do MUnA ser um espaço cultural que fundamente e subsidie os professores do ensino fundamental e médio, que proporcione interações e vivências com a produção artística atual. Previa-se também que o banco de dados pudesse ser útil para outras instituições que possuíssem interesse nessas atividades museológicas (DEPARTAMENTO, 1999, p. 19).

O projeto visa despertar o futuro profissional para ampliação do campo de atuação e buscar dar subsídios para sua formação, uma vez que a função do arte-educador não se limitará apenas a subsidiar o professor e seus alunos, mas também respaldar os artistas frente ao público, quando estes não estão presentes no museu. A educação do ver e do observar que ocorre em alguns museus busca, portanto, trazer mais pessoas e desvelá-las para as leituras do próprio cotidiano. (DEPARTAMENTO, 1999, p. 17)

A necessidade da pesquisa e do estágio em arte/educação no Museu se mostra clara ao dizer que esse educador representa, apresenta e propõe

²³ No subcapítulo seguinte será apresentada a participação dos alunos de graduação nos estágios propostos para o MUnA desde sua primeira exposição, no final de 1998.

discussão da produção artística com o público. Verificando que essa é uma área nova e em ascensão, intencionou-se descobrir como outros museus estavam desenvolvendo seus projetos educativos, buscando subsídios para atuação e formação desse profissional no MUnA. Para enriquecer tal pesquisa foi prevista ainda a colaboração de um consultor especializado na área educativa para orientar o processo investigativo e a criação de diretrizes para o MUnA (DEPARTAMENTO, 1999, p. 19).

Algumas das propostas voltadas para ação educativa indicadas nesse *projeto piloto* foram realizadas ao longo dos anos, e, através dos relatos e também dos relatórios anuais e folders, foi observada a participação em conjunto do docente e do discente em atividades museais e educativas. Apesar de nenhum entrevistado ter mencionado sobre esse subprojeto piloto em si, *A ação educativa no Museu*, é possível levantar alguns acontecimentos que estão de acordo com a proposta original.

De certa forma os professores precisaram fazer um levantamento das experiências educativas em museus para coordenar o grupo de estagiários que atuavam no Museu. O relato do **professor R**, por exemplo, citou o fato de levar materiais e textos produzidos pelos e sobre os museus de São Paulo, enquanto cursava o mestrado na USP.

Alice: Então, no curso de Artes Plásticas da UFU, apresentava e discutia o que estava acontecendo em outros museus?

Professor, R: Não. Geralmente, nós que estávamos trabalhando na ação educativa, pegávamos esses materiais que estavam sendo escritos, líamos e conversávamos com os meninos. Eu pegava muito material feito na USP. Quando comecei a fazer mestrado, a USP era um lugar que eu tinha acesso mais fácil e trazia (os materiais). Houve uma época em que eu quis trazer uns protótipos que eles faziam, para trabalhar com cegos. Eles emprestavam, mas a taxa, na época, era de uns duzentos reais para trazer. As pessoas com problema de visão, crianças e público em geral, poderiam manipular. Não eram só os cegos. Eu quis trazer esse material, mas como eu já estava no mestrado, ficou difícil de trazer. Na época, também estava com falta de verba para isso.

Foi uma vontade de trazer coisas diferentes que persiste até hoje. Tentar atrair públicos diferenciados também. (informação verbal)²⁴

De qualquer forma, mesmo que o subprojeto não tenha sido concretizado, foram desenvolvidas algumas atividades que se aproximam da proposta. No ano seguinte do *Projeto Piloto* de 1999, a coordenadora geral do MUnA, Shirley Paes Leme, criou um convênio com o MAM-SP, trazendo exposições e profissionais para dar curso aos estagiários.

Professor R: Na época da coordenação da Shirley no convênio com o MAM, vieram várias pessoas ligadas ao museu, para dar curso para os estagiários. Esses cursos eram abertos para todos os alunos e gratuito para os monitores. Era uma forma de incentivá-los, já que não eram remunerados. (informação verbal)²⁵

Do *Projeto Piloto* de 1999 ao *Projeto de Extensão PIEEX/UFU: Ação educativa em Arte*, de 2007, passaram-se oito anos, porém não quer dizer que nesse período não houver programas e planejamento de ações educativas. A intenção desta pesquisa é fornecer uma visão geral dos diferentes comportamentos educativos, dessa forma, destacamos os projetos que estavam armazenados no MUnA e que são considerados marcos importantes²⁶. Quando digo *marco+*, faço referência a como este *projeto de extensão* é específico para ações educativas, que acontecem no contato da comunidade com as produções artísticas, ou seja, através das mediações realizadas nas visitas às exposições.

A gestão na coordenação geral do MUnA, entre novembro de 2005 e junho de 2008, foi movimentada pela presença de atividades programadas segundo projetos. Pode-se ver no relato a seguir que essa sistematização possibilitou a autenticação e a sustentação orçamentária por meio da Universidade.

Professor B: O meu interesse não foi só nos projetos de educação em museu, Projeto *Ação educativa em arte+* e *Arte em curso+*, todos os setores do Museu tiveram projetos

²⁴ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 19 de outubro de 2011.

²⁵ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 19 de outubro de 2011.

²⁶ Nesta primeira parte das ações educativas desenvolvidas no MUnA, destacamos os projetos que passaram por um processo de avaliação em algum setor da Universidade.

vinculados à Pró Reitoria de Extensão, via SIEEX (um sistema de cadastramento de projetos de extensão). Na verdade, a minha ideia foi entender que em cada um dos setores era ação extensionista, existia uma competência técnica para cada setor, orientando os alunos. Dessa forma, a minha proposta foi de criar um projeto para cada setor e tentar conseguir bolsas, mesmo que nem todos tinham essa condição, eles ganhavam um certificado ligado a projeto de extensão. (informação verbal)²⁷

Desde a primeira exposição do MUnA, desenvolveram-se várias atividades educativas para atrair e formar um público, principalmente alunos e professores das escolas de Uberlândia e região. Para tanto, consta no projeto de 2007 que a proposta intitulada *Ação educativa em arte* é um projeto permanente do Museu e do curso de graduação em Artes Plásticas, contando com a presença frequente dos discentes e docentes. Em vista da possibilidade de parceria com o programa universitário de incentivo e investimento em atividades de extensão para alunos, o Museu, que também é um laboratório universitário, foi atrás dos direitos para garantir auxílio à programação das mediações em exposição.

O objetivo principal do projeto de 2007, e também de 2008, é criar oportunidades para a comunidade conhecer e experimentar vivências com as produções artísticas que o MUnA expõe. Ao observar os primeiros projetos estudados, verifica-se que os objetivos mantêm-se os mesmos, desde a sua criação: o Museu como espaço de formação dos alunos de graduação em Artes e afins e também de formação de público para as produções artísticas. A intenção primordial da mediação em exposição é poder gerar reflexões e diálogos sobre a Arte exposta em relação com a posição crítica de leitura visual (RAUSCHER; 2007, 2008).

O museu, enquanto espaço de diálogo, poderá exercer sua função social e desenvolverá suas atividades não apenas para o público, mas com o público, atentando, fundamentalmente, para a sua efetiva consciência crítica da realidade por colocá-lo em contato com a sua própria cultura e com os elementos da linguagem visual. (RAUSCHER, 2008, p. 5)

²⁷ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 9 de abril de 2012.

O museu mantém vivo o patrimônio cultural²⁸ pela comunicação museológica diária nas exposições e nas ações educativas. Compreendendo que os objetos artísticos não comunicam todos os seus significados, é preciso se concentrar nas ações mediadoras (desde educadores a textos de parede) como um mecanismo de manifestação e contextualização das informações . proporcionando fruição e consequente aprendizado. A exposição proporciona experiências de apropriação do conhecimento facilitada por condições didáticas de interação entre sujeito, objeto e seu contexto (LIMA, 2009, p. 233).

O ambiente do museu de arte possibilita despertar no sujeito questionamentos, comparações e conexões entre as diversas manifestações culturais. Para Lima (2009, p. 234), %A obra de arte por si não comunica todos os seus significados, ela conserva latente suas possibilidade de interpretação e significação.+Nesse sentido, a autora explica que a mediação na exposição é um mecanismo de comunicação, que contextualiza e ao mesmo tempo proporciona fruição e aprendizado.

Na justificativa do projeto de 2007 e 2008, aparece como tônica a importância da prática educativa para a sustentação das atividades de um museu, assim como existe um ciclo vital para que o mesmo se ative conforme recebe visitantes. O que diferencia esse projeto dos anteriores é o perfil contemporâneo da educação em museu, apresentando a necessidade de se pensar propostas de mediação específicas para cada exposição: %auxiliando na construção da autoconfiança do espectador+(RAUSCHER, 2007, p. 3).

Na fundamentação teórica dessa justificativa é utilizado como referência o artigo *Museus como laboratórios*, de Ana Mae Barbosa. Com essa escolha, a mediação realizada no MUnA demonstra um caráter de preocupação com sua ação perante o público, definindo sua postura de estímulo do diálogo ao receber os visitantes (RAUSCHER, 2007, p. 3).

O Museu de Arte Contemporânea (MAC/USP) serviu de base, fundamentação e execução da *Proposta Triangular*, a qual gerou a possibilidade

²⁸ A expressão "Patrimônio Cultural" definida por Varine-Boham (1975 apud LEMOS, 1985, p. 8) abrange um vasto acervo do homem, compreendendo os elementos da natureza, os elementos não tangíveis (as técnicas, os saberes, os conhecimentos) e os elementos tangíveis (todas as produções do homem), conhecidos como bens culturais.

de trabalhar conhecimento sobre arte e práticas artísticas no ensino de arte na escola fundamental e média brasileira (BARBOSA, 2004). Levando em conta a importância que tal experiência no museu gerou para arte/educação, cabe salientar a importância das ações educativas desenvolvidas no MUnA em relação ao ensino de arte de Uberlândia, desde a formação dos professores até a de seus alunos.

Segundo Barbosa (2004), é a partir da década de 1990 que há o maior desenvolvimento e capacitação das ações educativas nos museus brasileiros. Nesse caminho, o MUnA, que abriu sua primeira exposição em 1998, já havia planejado tais ações. Contudo, foi em 2007 que uma gestão administrativa apresentou um projeto voltado à ação educativa no MUnA, em específico, planejar ações nas visitas à exposições.

O que se pode perceber sobre este projeto *Ação educativa em arte*, em relação aos projetos de implantação de galeria (1995) e o de sistematização das atividades (1999), é a concentração sobre como proceder no que tange à prática educativa, apontando justificativas, objetivos e metas. Em todos esses projetos há a definição da importância da ação educativa dentro do museu, o que os diferencia é a abrangência dos dois primeiros, ao invés da especificidade. Não se distinguem atividades e propostas, eles são formas de pensar a educação em museu como um todo. A proposta de ação educativa para o MUnA ganha duas grandes dimensões: no âmbito de mediação em exposição, acompanhada ou não de prática plástica, e da realização de oficinas. A meta principal do projeto *Ação educativa em arte* é:

Tornar o Museu Universitário de Arte um espaço de referência local e regional na exposição e fruição de projetos artísticos culturais participando ativamente do processo de alfabetização visual crítica dos visitantes e influenciando deste modo, no efetivo acesso aos bens culturais. (RAUSCHER, 2008, p. 5)

Frente a essa meta são definidas ações complementares: a elaboração e pesquisa de *Planos de Ações* pelos arte-educadores²⁹ abordando a temática, linguagem e conteúdo de cada exposição; a preparação dos estagiários para realizar os *Planos de Ações*; a reflexão crítica sobre as ações desenvolvidas ao término de cada exposição (RAUSCHER, 2008, p. 5).

A palavra-chave que pode definir as experiências em museus é o enriquecimento, pois eles são suportes para a aprendizagem geral sobre arte. Contextualizar e explorar um objeto artístico é mais fácil quando esse é inserido num ambiente que favoreça a leitura. A aprendizagem crítica e a identificação com a arte se constroem sobre as experiências vividas. O conhecimento sobre arte permite ao aluno a construção sensível de significados do universo das heranças artísticas (OTT, 1997, p.113).

A avaliação geral das ações educativas desenvolvidas através do projeto *Ação educativa em arte* (2007 e 2008) pode ser encontrada no *Relatório Atividades Projeto de Extensão* (2008), ao término de cada período de exposições. Nele consta que a proposta metodológica de formação do pensamento crítico-autônomo, realizada através de uma mediação em exposição, proporcionando a fruição da produção artística, foi quantificada e qualificada. Para tal, foram analisados os dados através de instrumentos de frequência individual e de agendamento de grupos, de registros visuais, relatos e relatórios de monitoria (RAUSCHER, 2008, p. 5).

Os estagiários vinculados a este projeto, com auxílio de bolsa, juntamente com a equipe de professores responsáveis, executaram um plano de ação específico a cada exposição. Dessa forma, a formação deles atingiu um universo de atividades ligadas ao museu maior do que realizada nas disciplinas de estágio em licenciatura no museu, pois, além do diálogo com público e do aprendizado sobre produções artísticas, eles também enriqueceram seus conhecimentos sobre questões museológicas e culturais. Estagiários participaram do processo de montagem de exposição, de cursos sobre patrimônio histórico e arquitetônico e também de conservação de obras de arte (RAUSCHER, 2008, p. 4 e 5).

²⁹ Os arte educadores são citados no projeto como %coordenadores, colaboradores, estagiários monitores+(RAUSCHER, 2008, p. 5).

De modo diferente das ações de arte-educação nas disciplinas de Prática de Ensino e Estágios Supervisionados, o projeto permitiu que as estudantes complementassem sua formação ao atuar diretamente no sistema da arte e da cultura. (RAUSCHER, 2008, p. 5)

Nessa avaliação, a coordenação apontou como uma oportunidade ímpar mostrar o quanto a visita ao museu é um importante mecanismo para a formação social e cultural, compartilhando a experiência do espaço cultural público, tanto para quem o visitou como para seus participantes, funcionários e gestores. Ter o projeto de mediação em exposição vinculado a um programa de extensão universitário com auxílio foi impactante para a sua valorização quanto à fundamental ação consciente crítica, colocando o público em contato com a cultura (RAUSCHER, 2008b, p. 6). Tais ações surtiram efeito e continuaram agindo positivamente para a melhoria do setor educativo.

Participar deste projeto, tendo seu trabalho reconhecido e valorizado, possibilitou um crescimento qualitativo nas ações do Setor Educativo do museu; estimulou a participação de voluntários e gerou uma grande expectativa de levar este trabalho adiante. Verificamos que estes objetivos só são alcançados se o estudante se sente valorizado e se metas são postas como desafio e estímulo às suas ações. (RAUSCHER, 2008, p. 7)

Por causa da possibilidade de realização desse projeto, em parceria e com auxílio da universidade, conseguiram atender um grande número de visitas escolares de forma sistematizada. Ampliando o número de visitas orientadas a escolas, pôde-se estabelecer uma política de reciprocidade, na qual o MUnA ofereceu cursos aos professores, acesso à biblioteca e aos recursos didáticos criados pelos estagiários, possibilitando que a visita se estendesse à sala de aula (RAUSCHER, 2008, p.8).

De 2008, ano de realização desses projetos vinculados aos programas de extensão, até 2011, ano da pesquisa, não foram encontrados à disposição projetos com tal caráter. Porém, a ausência se deve às mudanças nos procedimentos de inscrição e de funcionamento do programa, que passou a utilizar um formulário online. Além dessa alteração na estrutura do pedido de

auxílio, também houve a mudança de gestões administrativas. Conforme relato do professor que assumiu a responsabilidade do Setor Educativo, deu-se sequência ao mesmo projeto até o ano de 2009.

A: Como aconteciam as mediações? Qual era a dinâmica que acontecia?

Professor L: Vou falar primeiro da dinâmica inicial, com os estagiários do programa de extensão, pois eu trabalhei mais com ele, durante dois anos. Eu não renovei o contrato deles, pois, primeiramente, era um programa anual e, depois, se transformou em semestral . sendo que o semestre começava, por exemplo, em maio. O problema é que programa ficou suspenso por meses e depois o período instituído pelo programa era ruim para as atividades do museu, pois abrangia um entremeio de semestre que não possibilitava aproveitá-los, no atendimento de escolas, no museu. No final e no começo de semestre, a escola não programa essa atividade. (informação verbal)³⁰

Dentre os objetivos e metas do projeto, foi previsto que o mesmo desse continuidade e também ampliasse o período das bolsas. Como analisado, o projeto tomou outro caminho, quando ele foi finalizado em 2009, pelo fato de o próprio programa de extensão ter mudado seu perfil anual. Entretanto, a questão de ter ou não uma relação direta com o programa universitário de bolsa para os estágios nunca impediu que fossem realizadas ações educativas. No entanto, vale ressaltar que a cada gestão administrativa do MUnA há um viés de atividade em expansão e atenção.³¹

Quando observada a finalidade do MUnA no *Regimento* do ano de 2010, vê-se que continua presente a formação dos discentes em artes e do público em geral, complementando a proposta da UFU no ensino, na pesquisa e na extensão. Dentre os objetivos, propõe-se promover interação com a comunidade através de ações educativas atendendo ao público interno e externo à universidade, desenvolver e aplicar políticas de reflexão e divulgação da arte, e também de aquisições de novas produções artísticas (REGIMENTO, 2010, p. 1).

³⁰ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de agosto de 2012.

³¹ A compreensão de como o *Setor Educativo* atuou, nos anos de 2009 a 2011, será melhor discutido no próximo subcapítulo, o qual enfoca as diferentes formas de dinâmica de mediação.

O *Regimento* do MUnA de 2010 é um importante documento para saber como estão estruturadas as áreas do MUnA, que são: Conselho gestor; Setor técnico-administrativo; Setor de museologia; Setor educativo; Setor de exposições; Setor de programação visual e divulgação. Atualmente, as atribuições de cada área foram bem definidas para melhor atender a sua demanda. Contudo, levanto a questão se não seria o caso dos setores colaborarem para a elaboração e definição das exposições (REGIMENTO, 2010, p. 2).

No manual prático do ICOM, *Como Gerir um Museu*, Brüninghaus-Knubel (2004, p. 130) afirma que se o educador do museu tem o conhecimento do público e desenvolve propostas e políticas de ações educativas, ele é capaz de contribuir com esses conhecimentos em outras áreas administrativas do museu. A autora acrescenta que os educadores em museus apresentam uma ~~pe~~perspicácia valiosa+, devido ao contato direto com o público e o conhecimento das suas possíveis expectativas.

Tal como o perito do museu em relação ao público, compreender as necessidades e desejos dos vários grupos de visitantes, o pedagogo do museu tem que contribuir com o seu conhecimento para a administração geral do museu, por exemplo quando estão a ser discutidas novas exposições. Como parte da equipa, o pedagogo deve ser capaz de contribuir com informação vital sobre a percepção, capacidade intelectual e interesses dos grupos de visitantes. (BRÜNINGHAUS-KNUBEL, 2004, p.133)

Conforme apresentado no *Regimento* do MUnA de 2010, sobre a estrutura de funcionamento do museu, a organização dos cargos e funções se dá de acordo com cada tarefa, sempre havendo um docente representante responsável. No setor da ação educativa, assim como nos demais, pode haver equipes com a participação de docentes no apoio e discentes da UFU como estagiários, voluntários, bolsistas e monitores, com o consentimento do Conselho Gestor. (REGIMENTO, 2010, p. 3)

Estabelece-se que o setor educativo deve propor projetos e programas que atendam as necessidades da comunidade acadêmica e geral . precisando, para isso, definir alguns critérios e diretrizes para a execução de tais práticas. Portanto, o *Regimento* do MUnA de 2010, teve como papel dar continuidade ao pensamento e à posição que o Museu vem tomando ao longo de sua existência.

É um documento exclusivamente para a administração interna do MUnA, mas que se apresenta como uma diretriz a ser seguida. O problema que segue para administração, que produziu tal ideia, é verificar como tais ações estão sendo cumpridas. Para isso, esta pesquisa pode ser fundamental, já que ajuda a compreender como as suas ações educativas, em específico as mediações em exposições, se comportaram; sendo possível identificar alternativas para algumas questões.

4. AS DINÂMICAS NAS MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÃO NO MUnA: AS EXPERIÊNCIAS

Ao longo dos treze anos de exposições no MUnA, as suas práticas de mediação vêm sendo realizadas por diferentes estagiários, que são orientados por diversos professores da área de licenciatura em Artes Visuais. As práticas aqui exploradas foram pensadas a partir das memórias relatadas pelos entrevistados e dos registros textuais e imagéticos.

Na **1ª temporada**, por exemplo, foi notável a presença dos estagiários em várias atividades do Museu, possibilitando que eles fossem atuantes em várias delas. Do mesmo modo, as duas temporadas seguintes também contaram com a presença dos estagiários, mas se diferenciam de acordo com o contexto do momento.

1ª TEMPORADA (1998-2004): a formação das práticas de mediação e aproximação com a comunidade

OS ESTAGIÁRIOS E SUAS MÚLTIPLAS FUNÇÕES. Em 11 de dezembro de 1998, o MUnA abre sua primeira exposição, *Mostra dos Professores do Departamento de Artes Plásticas* ou *Arte em Pesquisa*. A partir dela, o curso de graduação em Artes Plásticas³² nunca mais foi o mesmo, pois o Museu possibilitou uma interação maior com a produção artística contemporânea, aliada ao desenvolvimento de experiências museológicas.

A criação dos museus universitários, segundo Adriana Mortara Almeida (2001, p. 13), muitas vezes nasce da necessidade de criar acesso a objetos e obras que contribuam para a formação dos alunos e permitam a realização de pesquisas. O MUnA encaixa-se neste processo de concepção de espaço complementar ao desenvolvimento dos alunos junto à graduação e pós-graduação. O Museu congrega diferentes grupos e pesquisadores que pensam e

³² Atualmente, em 2013, o curso de graduação está definido como Artes Visuais.

realizam mediação e educação, expografia e montagem, catalogação e crítica de acervo, preservação e conservação, e criação gráfica sobre as exposições.

Da mesma forma que os alunos de um curso de Biologia necessitam realizar trabalho de campo e experiências em laboratórios, os estudantes de Artes Visuais também precisam observar as práticas culturais em diferentes espaços, como os museus, as galerias e outras instituições culturais³³.

Os primeiros estagiários que atuaram na recepção do público durante uma exposição foram alunos selecionados e interessados em trabalhar no Museu. Assim como qualquer outra instituição recém-inaugurada, o MUnA necessitava de recurso humano e material. Para suprir a demanda, os alunos estagiários atuaram em diversas áreas do Museu, como: ação educativa e auxiliar em administração, secretaria, montagem em exposição, entre outras. Os docentes também tiveram um grande papel na construção e na gestão do MUnA.

Segundo o **Professor M.A.**, que participou da administração geral do MUnA no ano de 1999, os estagiários participavam de todas as atividades do Museu, porém definia-se como atividade principal o trabalho com a visita guiada³⁴. O único cargo técnico que havia para o Museu era o de secretária, todas as outras atividades eram exercidas pelos discentes e docentes do Departamento de Artes Plásticas, que até aquele ano vinculava-se ao curso de Arquitetura.

Em 2000, a política da administração geral continuou com a ideia de os estagiários atuarem em várias atividades do MUnA. No relato do **Ex-aluno / Professor M**, que foi estagiário do MUnA naquele ano, é evidente a sua compreensão acerca da pluralidade de suas atividades.

A PRÁTICA DE MEDIAÇÃO NOS ESPAÇOS DO MUNA: AUDITÓRIO, GALERIA E OFICINA. Para o primeiro ano de funcionamento do MUnA, foram criadas estratégias de ocupação de seus espaços, como: ministrar disciplinas de graduação em seu espaço, para apresentar e atrair o público universitário, e oferecer oficinas à comunidade.

³³ No capítulo 1 foi apresentada e discutida a observação de Barbosa (2009, p. 13 e 14) sobre o museu de arte ser laboratório para a formação em arte.

³⁴ Os termos utilizados como sinônimos da expressão "mediação em exposição" são referidos conforme citado nos relatos ou registros diversos.

As mediações nas exposições do MUnA foram e continuam sendo trabalhadas, fundamentalmente, através de três ações, que acontecem em pelo menos três espaços diferentes. Inicialmente, nos primeiros anos, realizaram-se ações principalmente na galeria e no auditório. Porém, ainda na **1ª temporada**, também foram realizadas ações plásticas na oficina.

A referência da realização de três ações junto à mediação em exposição é baseada na Proposta Triangular, composta de: leitura da exposição, contextualização do funcionamento do Museu e desenvolvimento de oficinas.

As transformações conceituais e práticas da *arte/educação* no Brasil, incluindo a educação nos museus de arte, aconteceram a partir das experiências entre as escolas municipais de São Paulo e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo . MAC-USP, entre 1987 e 1993. Com base nessa relação, foi elaborada e sistematizada a Proposta Triangular, a qual se apropriava, como ferramenta de trabalho, do uso das obras de arte originais (GRINSPUM, 2000, p. 25).

“A Proposta Triangular salientou a importância da interpretação da arte e as vantagens de ver e analisar as obras ao vivo.” (BARBOSA, 2009, p. 17).

O contato dos alunos com obras de arte originais propõe desafios de observação, que fornecerão dados para futuras ações criativas. Os alunos que tiveram contato com a arte em museus, galerias e outras instituições culturais tornam-se mais engajados às questões artísticas e compreendem o funcionamento desse campo. (OTT, 1997, p. 120)

A estrutura arquitetônica do Museu, como a disposição de espaços para mediação, define quais atividades poderão ser oferecidas. No caso do MUnA, como já exemplificado na introdução, disponibiliza-se para a realização das mediações os espaços da galeria, da oficina, do pátio e, algumas vezes, do auditório. Portanto, quando há tempo suficiente, os mediadores podem trabalhar com pelo menos três ações em espaços diferentes, podendo atender públicos de pequeno, médio ou grande porte.

Não há uma ordem ou regra de por qual atividade começar ou terminar, da mesma maneira como acontece com as atividades da Proposta Triangular. No

relato do **Professor R**, que acompanhou e participou de mediações nos primeiros anos de exposições no MUnA, verifica-se a ação em pelo menos dois espaços do Museu.

Professor R: (...) Portanto, na visita, o grupo que ficava no auditório tinha uma conversa rápida, enquanto o outro grupo ficava com mais estagiários, dentro do museu. No espaço expositivo, o grupo também era dividido em outros dois. Um ficava na parte superior e o outro ficava no térreo, para poder conversar, porque você imagina o tamanho da turma, com ônibus de 48 vagas.

Conversava-se com os meninos e depois fazia essa troca. O grupo que estava no auditório entrava e o grupo que estava dentro do museu, sentava no auditório e ia ter essa conversa sobre as questões de como funciona o museu, o que é um museu. Depois disso, a gente tentava dar uma oficina relacionada com a exposição que estava acontecendo no museu.

Alice: Você falou que se baseava na Abordagem Triangular, com isso as mediações tinham o momento da leitura, da reflexão e das práticas?

Professor R: Sim. Mas às vezes ficava um pouco deficitárias em condições do momento. (informação verbal)³⁵

Quando não há os três momentos da mediação em exposição: leitura, prática e reflexão, pode ser por causa de alguma condição do momento . seja da falta de material, de educadores ou mesmo de tempo. Nos relatos dos professores e ex-alunos que participaram dos primeiros anos da recepção do público, não foi citada nenhuma mediação em que se tenha praticado produção artística e oficina. Contudo, isso não descarta a existência de oferecimento dos cursos livres; ao contrário, desde a abertura da primeira exposição do MUnA, sempre ocorreu algum tipo de oficina para comunidade.

PRÁTICA DE MEDIAÇÃO EM PROCESSO DE FORMAÇÃO. Na 1ª temporada do educativo do MUnA, que perfaz os anos de 1998 a 2004, a prática de mediação em exposição desenvolve condutas conforme surgem novas perspectivas de ações. Segundo Grinder e McCoy (1998, p. 56), para que

³⁵ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 19 de outubro de 2011.

aconteça uma boa mediação deve-se realizar alguma técnica de ensino que envolva divertimento e interação. Nesse sentido, os episódios das mediações escolhidos como representantes desse período estão relacionados, de alguma maneira, com fatores que resultam em estímulos e reflexões pontuais.

* * *

A AQUISIÇÃO DE EXPERIÊNCIA E DE CONHECIMENTO DOS MEDIADORES ATRAVÉS DA PRÁTICA. As estratégias de mediação em exposição foram desenvolvidas conforme a necessidade de cada momento. Até os três primeiros anos de seu funcionamento, não existia uma disciplina de graduação voltada para a formação dos discentes nas ações de recepção do público. Também faltava uma sistematização da orientação entre os docentes responsáveis pelo educativo e os discentes estagiários.

Os estagiários que atuavam no MUnA, nesses primeiros anos, elaboravam as mediações conforme o conhecimento pessoal e a partir da reflexão sobre a própria prática. Aos poucos, os docentes da UFU assumiram certas responsabilidades específicas no Museu, possibilitando que os estagiários recebessem algumas orientações.

Ambos os estagiários entrevistados, o **Ex-aluno / Professor J.** e o **Ex-aluno E**, do ano de 1998 e 1999, citaram que seus conhecimentos sobre abordagem de mediação e sobre a leitura das produção artísticas foram adquiridos nas disciplinas de licenciatura voltadas para o ensino escolar.

O **Ex-aluno E** relatou que, mesmo sem uma formação específica, o seu conhecimento sobre arte e sobre a prática possibilitou que desenvolvesse uma mediação. No caso da primeira exposição, pela proximidade dos trabalhos que estavam expostos, os quais eram as produções artísticas dos professores da sua graduação, ele conseguiu desenvolver uma mediação a partir dos seus conhecimentos. Essa ação foi lembrada por ele como um momento de conversas com os visitantes sobre os trabalhos expostos, pois acompanhava a visita à exposição fazendo comentários e, ao mesmo tempo, perguntava a opinião dos visitantes sobre o que estavam vendo e o que sabiam sobre arte, como podemos visualizar na citação a seguir:

Ex-aluno E: Na visita à exposição nós íamos passando e comentando sobre o trabalho dos professores.

Eu gosto de deixar primeiro as pessoas falarem, do que apresentar a minha visão.

Então eu perguntava: o que vocês sabem de arte? O que vocês conhecem? O que vocês estudam? O que você está vendo aqui? Assim, eu deixava eles falarem e, às vezes, complementava dando informações técnicas do que estava envolvido na obra. Era uma ação totalmente imatura, em comparação à minha vivência atual. Eu já tinha me formado. Se eu tivesse essa experiência de professora, essa bagagem de hoje, isso me ajudaria muito mais. (informação verbal)³⁶

Outro estagiário, desse mesmo período, **Ex-aluno / Professor J**, relatou que estava sempre à disposição para atividades de recepção do público quando houvesse necessidade. Dessa forma, esses estagiários, que cumpriam diferentes atividades no MUnA, recebiam as visitas com hora marcada e também atendiam o público espontâneo. A dinâmica relatada por esse também seguiu o mesmo padrão que o anterior: uma forma de exercício de leitura de obra em conjunto com o espectador (propondo trocas de observações), a partir da qual tanto o visitante ampliava seu repertório sobre linguagem da arte quanto o estagiário/mediador incorporava as novas leituras dos visitantes.

Após o início do funcionamento do MUnA, aproximadamente no final de 1999, houve uma reestruturação do currículo da graduação em Artes Plásticas, com ênfase na licenciatura: acrescentou-se mais uma disciplina de prática de ensino, hoje chamada Estágio Supervisionado 4, que concentra conteúdos sobre educação em museus de arte³⁷. Ambos, **Ex-aluno / Professor J** e **Ex-aluno E**, tiveram a oportunidade de trabalhar como estagiários num museu de arte na época em que isso ainda não era obrigatório para a sua formação. Hoje, com a implementação da disciplina e com estudos em diversas universidades, sabe-se da importância desse trabalho ainda na graduação. Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães (2011, p. 170), por exemplo, trata as ações educativas realizadas no museu como um trabalho significativo para o diálogo com o público escolar e a melhoria da qualidade do conhecimento artístico e estético. Os depoimentos dos licenciados, nos relatórios e nas pesquisas, sobre a experiência educativa no

³⁶ Entrevista concedida à autora, em Ribeirão Preto, em 05 de novembro de 2011.

³⁷ Apesar da mudança do currículo ter sido proposta e elaborada aproximadamente entre 1999 e 2000, ela conseguiu ser efetivada apenas em 2002, como será apresentado na sequência.

museu mostram esse espaço como alternativa para a educação fora dos muros da escola.

Apesar de, nesse primeiro período, o educativo do MUnA ainda não ter uma fundamentação didática sistematizada e reflexiva, os estagiários que ficaram responsáveis por atender o público nas exposições já estavam no último ano de sua formação acadêmica. Assim, eles possuíam uma base teórica sobre o ensino de arte para a educação escolar, faltava-lhes apenas a prática supervisionada e orientada para a educação em instituições culturais.

* * *

ORIENTAÇÃO DOS MEDIADORES ATRAVÉS DOS DOCENTES PARA UMA SISTEMATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EXPOSIÇÃO.

No primeiro ano de exposições do MUnA, entre 1998 e 1999, os estagiários responsáveis por receber o público e realizar mediações em exposições trabalhavam conforme experiências e conhecimentos próprios. Quando os docentes do curso de Artes Plásticas começaram a orientá-los, a mediação em exposição passou a ser elaborada para melhor atender as necessidades do público. Com essa organização, o MUnA pôde atender um número maior de visitas na exposição.

A orientação dos docentes foi importante para definir e estabelecer alguns critérios que ficaram perdidos e indefinidos na época em que havia apenas a mediação particular de cada estagiário. Analisando a evolução da proposta educativa do MUnA ao longo de sua trajetória histórica, é possível identificar uma rápida melhoria, pois no primeiro ano, entre 1998 e 1999, os estagiários que atuavam com diversas funções passaram a ter coordenações específicas, conforme os docentes da UFU foram assumindo certas responsabilidades no Museu, como se lê no relato do **Professor R.**

Alice: No MUnA você ficou na coordenação da ação educativa?

Professor R: Fiquei. No começo, não tinha muito essas coordenações. Depois que nós começamos a instituir e organizar melhor. Porque, no começo, também eram poucas pessoas que frequentaram o Museu. Como ele tinha acabado de abrir, era uma

coisa nova. Então foi trabalho bem de formiguinha mesmo. Cada mês, íamos conquistando mais alguma coisa, tentando divulgar mais o trabalho. Nós recebíamos poucas escolas e visitas. Assim, eu trabalhava na graduação e, quando havia alguma visita, a secretária me avisava para organizar a recepção. (informação verbal)³⁸

O modelo de mediação em exposição considerado tradicional tem o sujeito mediador como condutor e orientador da visita de maneira a reproduzir ou reconstruir um discurso. Essa concepção de mediação pautada na reprodução de ideias, que trabalha com visão unilateral e legitimadora, passou por transformações para concordar com as propostas contemporâneas artísticas e educacionais da arte/educação (COUTINHO, 2009, p. 172).

A efervescência cultural proporcionada pelas megaexposições nos anos 1990 desencadeou modificações nos espaços de recepção e de circulação do público e, também, nas produções artísticas. Tais transformações tinham objetivo de atender a nova demanda de educar um grande público de ~~visitantes~~ ^{audiadores} (COUTINHO, 2009, p. 173).

Fundamentando-se na concepção construtivista de educação e na Proposta Triangular da Arte/Educação, os mediadores passaram a trabalhar com a interação e apropriação do conhecimento por meio de ações que tornam os sujeitos visitantes ativos. Portanto, os setores educativos dos museus e centros culturais criaram novas estratégias de mediação para atender a demanda de interação com o público (COUTINHO, 2009, p. 174).

Essas transformações nas práticas de mediação, apresentadas por Coutinho (2009, p. 173 e 174), podem ser observadas nas mudanças do setor educativo do MUnA.

Em meados de 1999, quando o **Professor R** conseguiu montar uma equipe para receber o visitante na exposição, havia pelo menos um estagiário para cada atividade proposta (conversa no auditório, leitura dos trabalhos em exposição e práticas artísticas na oficina). Todos deveriam saber sobre o funcionamento do Museu e ter conhecimento suficiente de Arte e da exposição em si, porém cada ação educativa poderia acontecer de forma diferente. Assim, além dos espaços

³⁸ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 19 de outubro de 2011.

favoráveis para as mediações e do público que visitava o Museu, as práticas educativas também dependiam dos educadores e da coordenação da equipe. Os estagiários recebiam orientações do coordenador, no caso do **Professor R**, e participavam de reuniões para a definição da programação das visitas.

Alice: Para que os estagiários dominassem os assuntos da exposição e as diferentes formas de mediação, vocês faziam reuniões para discutir?

Professor R: Em toda exposição nós reuníamos e montávamos a programação, todo o esquema de novo. (informação verbal)³⁹

O **Professor R** relata que as visitas à exposição com a participação dos educadores eram realizadas segundo a proposta de diálogo com o visitante (*Discussão Dirigida*), não sendo o educador apenas o porta-voz da informação (*Visita-Palestra*). Não se pode assegurar que a mediação realizada foi exatamente do tipo *Discussão Dirigida*, como apresentada por Grinspum (2000, p. 49) e por Grinder e McCoy, (1998, p. 46), contudo, a partir dos relatos, pôde-se identificar certas semelhanças.

Professor R: (...) os estagiários passavam pelas produções artísticas expostas e conversavam sobre elas com os visitantes.

Eu sempre falava para eles não darem nada pronto, deveria instigar para as pessoas falarem sobre o trabalho. Era mais ou menos nessa linha que nós trabalhávamos.

Eles instigavam e, às vezes, lançavam alguma pergunta. Em seguida, o visitante falava o que pensava e, no final, eles discutiam sobre o que realmente foi a intenção do artista e como que era o trabalho, daquele determinado artista. (informação verbal)⁴⁰

A frase “Eu sempre falava para eles não darem nada pronto, deveria instigar para as pessoas falarem sobre o trabalho.” reflete bem a proposta do método de interpretação na mediação *Discussão Dirigida*, pois propõe um diálogo

³⁹ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 19 de outubro de 2011.

⁴⁰ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 19 de outubro de 2011.

entre o mediador e os visitantes, acrescentando algumas informações relevantes durante a discussão. O mediador é apenas um orientador da discussão, é aquele que dirige as ações de interpretação e de descoberta, fazendo com que os atores principais, ou seja, os visitantes, participem. Por outro lado, a frase %a depois no final eles discutiam sobre o que realmente foi a intenção do artista+ subjaz a importância de conhecer a proposta do artista, mesmo que a intenção dos mediadores seja de instigar a fala dos visitantes. Por meio de uma leitura mais crítica, pode-se interpretar que, apesar da proposta de instigar os visitantes, ao final, o **Professor R** sugeria trabalhar com a intenção do artista. Ao mesmo tempo em que se introduz uma ideia de educação dialógica e construtivista, também há a presença da concepção do campo artístico essencialista.

O que fica evidente nesse primeiro ano de funcionamento do MUnA é uma grande evolução quanto às propostas de mediação em exposição. Os primeiros estagiários, por serem alunos de graduação, tinham o conhecimento sobre Arte e sobre as produções expostas. Contudo, não tinham orientação quanto à abordagem de comunicação com o público, assim, eles acabavam atendendo os visitantes com aquilo que sabiam sobre a ação de leitura de obra de arte estudada na licenciatura.

Quando o **Ex-aluno / Professor J**, estagiário do MUnA em 1999, retorna ao Museu, no meio da gestão administrativa de 2000, como *monitor voluntário*⁴¹, percebe a diferença de sistematização das propostas de mediação. Havia mais estagiários no Museu distribuídos em cada atividade (biblioteca, montagem de exposição, acervo).

Um fator que contribuiu para a preparação dos monitores, no ano de 2000, foi a realização de exposições de importantes artistas, por meio de convênios com o Museu de Arte Moderna (MAM). Em virtude disso, houve vários cursos oferecidos para os estagiários, e a própria coordenação geral do MUnA conversava diretamente com eles. Contudo, ainda nesse período, ano 2000, segundo o estagiário **Ex-aluno / Professor M**, ainda não havia coordenações específicas, como do educativo, mas os docentes da área de licenciatura davam breves orientações.

⁴¹ O termo monitor foi utilizado no texto para referenciar a denominação que o estagiário tinha neste período e que **Ex-aluno / Professor J** e **Ex-aluno / Professor M** relataram nas entrevistas.

O **Ex-aluno / Professor M** enfatiza que, nesse período de 2000, o material informativo sobre os artistas, os seus trabalhos e a exposição, a que os mediadores precisavam ter acesso para a preparação da mediação, era conseguido, principalmente, através de conversa com os artistas. A coordenação do MUnA fazia questão de que seus mediadores tivessem o tempo para o *briefing* (instruções) direto com o artista. Outro tipo de mecanismo de aquisição de informação foi pela pesquisa na internet, pois tal recurso favorecia a busca de informações atualizadas sobre as produções artísticas contemporâneas.

Não havia uma proposta única de mediação a ser realizada. Os mediadores pesquisavam e conversavam sobre questões da exposição, mas, ao atenderem o público, cada um seguia sua proposta. Como o **Ex-aluno / Professor M** diz: a mediação era ao mesmo tempo individual e ao mesmo tempo coletiva. Havia a proposta comum de que quando recebêssemos uma visita, deveríamos conversar sobre a exposição e explicar o que é museu.

Basicamente, o **Ex-aluno / Professor M** relatou que nas mediações em exposição havia uma introdução sobre o museu universitário e o que os visitantes iriam ver na exposição e, na sequência, realizavam a visita propriamente dita: andava-se pelo espaço, comentava-se e conversava-se sobre as obras. Não havia a proposta de explorar um único trabalho exposto, criavam-se conversas sobre Arte e, instigado por alguma observação do visitante, incluíam-se extras. Faziam-se perguntas tanto sobre alguma obra, como *“O que você está vendo?”* e *“Isto lembra o quê?”*, quanto sobre a montagem da exposição e sobre a arquitetura do edifício do Museu.

A proposta de um estagiário que age e conhece o museu de forma ampla, interdisciplinar, fez com que os mediadores pudessem estabelecer relações com outros elementos no momento da leitura da exposição. Essa interdisciplinaridade favoreceu que o **Ex-aluno / Professor M** seguisse uma carreira vinculada à museologia.

Nesses primeiros anos, em que o MUnA estava sendo estruturado e o público sendo formado, houve uma significativa quantidade de mediações em exposição com auxílio de estagiários, então discentes da graduação em Artes

Plásticas da UFU⁴². Eles tiveram algum tipo de orientação dos professores responsáveis pela ação educativa do MUnA e também da administração geral.

Sabe-se que não havia uma proposta única para seguir nas mediações. Pelo fato de não haver exatamente uma coordenação, os estagiários agiam conforme sua desenvoltura, seu conhecimento e sua experiência. Ambos os mediadores **Ex-aluno / Professor M** e **Ex-aluno / Professor J** apontaram um tipo de ação frente à necessidade de mediação. Enquanto o primeiro seguia a postura de levantar questões gerais sobre o museu, sobre a exposição e até sobre alguma obra em específico, o segundo relatou que explicava sobre a obra, conversava com os visitantes e os deixava livre para perguntarem algo. O **Ex-aluno / Professor J** deixou claro que não fazia uma mediação com proposição de questões fixas para estimular o visitante a ler e apresentar sua visão do trabalho. Ele acrescenta que tais ações direcionadas começaram a ser realizadas pouco tempo depois que parou de participar das práticas educativas no MUnA.

* * *

A DISCIPLINA DE PRÁTICA EM LICENCIATURA AUXILIANDO AS MEDIAÇÕES DO MUnA E O MUnA FORMANDO MEDIADORES. O ano de 2002 foi decisivo para o rumo das atividades educativas no MUnA, tanto para o desenvolvimento e para a aplicação da primeira pesquisa-ação no Museu envolvendo mediação em exposição, quanto para a união efetiva e sistematizada entre a formação acadêmica do licenciado em Artes e a ação educativa do Museu.

A disciplina *Prática de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado 4* foi introduzida para alunos do 9º período, ou seja, no último ano da graduação em licenciatura, como obrigatória. A sua ementa, além de incluir conteúdos programáticos do ensino de Artes Visuais, abrange a formação do professor de arte em diferentes instituições culturais e em comunidade e também a questão da imagem no ensino de arte, e o ensino e a pesquisa na contemporaneidade.

⁴² Não foi encontrado um registro geral quantificando as mediações realizadas. Porém, nos relatos dos entrevistados, e também no relatório anual de 1998 e 1999, é explicitada a realização de visitas ao MUnA pelas escolas ou grupos.

Portanto, a licenciatura também passou a preparar o aluno para trabalhar com o ensino não formal em instituições culturais e museológicas⁴³.

A disciplina de Prática de Ensino 4 foi realizada, na maioria das vezes, no espaço do MUnA, porém está prevista a atuação em espaços públicos em geral, como: museus, galerias, praças e outros não especificados. O objetivo da disciplina é adquirir experiência em condições diversas.

* * *

UM ESTUDO DE EXPERIÊNCIA: MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÃO BASEADA EM PLANOS DE AÇÕES. O **Ex-aluno D**, que trabalhava na DICULT junto ao projeto *Rede de Museus*⁴⁴, migrou sua atividade para o MUnA, assim que tal *Rede* perdeu forças. No mesmo período em que começou seu estágio no Museu, o currículo do curso de Artes Plásticas . Licenciatura passou por uma reformulação, acrescentando carga horária de estágio Curricular Obrigatório, junto às práticas educativas no MUnA. Concomitante a essas mudanças, o **Ex-aluno D** também começou a desenvolver o trabalho de conclusão de curso que envolvia uma parte prática junto à mediação em exposição no MUnA.

Ex-aluno D: Eu fiquei um tempo na Rede de Museus pela DICULT e, em 2002, com o encerramento de meu contrato, fui atuar no MUnA. Esse estágio foi no mesmo período em que eu fiz a prática educativa, para minha monografia. Em 2003, eu fiquei todos os dias no Museu, tanto para realizar a pesquisa, como também para fazer o estágio remunerado, com 20 horas semanais. (informação verbal)⁴⁵

⁴³ Já havia outras duas disciplinas práticas em licenciatura que também abordavam o ensino não formal, porém ainda não relacionado museus e galerias.

⁴⁴ A professora Lucimar Bello, do curso de graduação em Artes Plásticas, começou o trabalho *Rede de Museus* da UFU. Antes da criação e implantação do MUnA, ela organizou um grupo intitulado *Os Museus da UFU*, junto as atividades da DICULT-UFU (Diretora de Cultura). Nele reuniam-se todos os representantes dos espaços culturais e coleções da UFU para discutir o tema dos museus. Os professores Beatriz Rauscher e Alexandre França, do curso de Artes Plásticas, também participaram dos encontros. A participação no projeto da *Rede de Museus* reforçou a importância da criação de um espaço para a coleção de arte já iniciada e a disposição de um espaço como laboratório e difusão de arte, no qual os discentes e docentes seriam os principais beneficiários. (ver na linha do tempo, apresentada no capítulo 6, as referências temporais do projeto *Rede de Museus* em relação às ações educativas do MUnA)

⁴⁵ Entrevista concedida à autora via Skype, em 14 de maio de 2012.

O **Ex-aluno D** participou do atendimento ao público durante o seu estágio no MUnA e, também, quando propôs a prática para sua pesquisa de monografia. Ele relata que entre essas duas ações houve uma diferença: na mediação realizada durante o estágio, que é citada por ele como *monitoria*, sendo coordenada por professores responsáveis do educativo, havia uma formação quanto aos artistas e às obras expostas para que, assim, pudesse atender o público. Já a mediação elaborada para o trabalho de conclusão de curso teve planos de ações para atender grupos e escolas, produções de materiais e realização de atividades plásticas.

A pesquisa-ação realizada foi a primeira que abrangeu ações educativas no MUnA, dando destaque para as mediações em exposição. É um trabalho completo, com fundamentação teórica sobre museus e serviços educativos, apresentando algumas experiências de outros museus brasileiros, o contexto do MUnA e todo o planejamento e relato das mediações realizadas. Contudo, esse trabalho é ainda desconhecido por alguns professores da UFU e, em consequência, pelos novos alunos. Seria importante ter uma cópia dessa pesquisa dentro do MUnA, e seria fundamental que ela fizesse parte da bibliografia da disciplina de Estágio Supervisionado 4, em que se faz a prática educativa no MUnA.⁴⁶

O professor dessa disciplina era recém contratado da UFU, não conhecendo o MUnA até a sua atribuição. Em conjunto com a nova disciplina de estágio em licenciatura no Museu, o **Ex-aluno D** conduziu as mediações que resultaram na sua monografia. Portanto, ao mesmo tempo em que ele foi aluno da disciplina, também planejou, atuou e acompanhou a prática da pesquisa junto dos colegas de disciplina.

Segundo o **Ex-aluno D**, antes de começar a mediação na exposição *Regras do Jogo*, com trabalhos dos docentes e discentes do Mestrado em Artes

⁴⁶ WEBER, Dorcas; SOUSA, Márcia Maria de (orientação). **Ação Educativa em Museus de Arte:** uma proposta para o MUnA. Uberlândia. Monografia. (Graduação em Artes Plásticas) - Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

da UFMG⁴⁷, ele realizou um encontro com seus colegas de disciplinas. Nesse momento, o **Ex-aluno D** propôs a eles o mesmo exercício planejado para ser desenvolvido nas visitas, o qual consistia de:

1º momento / Galeria . Visita à exposição percorrendo as imagens, provocando os olhares para uma leitura pessoal enfocando para a questão das regras, do jogo e do coletivo.

2º momento / Oficina . Discussão acerca das regras ou recorrências encontradas na exposição e, a partir delas, a proposta de criação de um trabalho plástico em grupo de 05 / 06 pessoas, que posteriormente seria cortado em partes iguais ao número de componentes do grupo, transformando-se assim em um *quebra-cabeça*, montado por outro grupo com o intuito de descobrir as regras utilizadas para sua concepção buscando assim uma reflexão da construção e da exposição.

3º momento / Auditório . Exibição do vídeo da Rede de Museu, a qual compreende os cinco museus de Uberlândia, na busca de despertar para a existência destes espaços e reconhecendo eles como sendo espaços de conhecimento dinâmico. (WEBER, 2002, p. 4 e 5)

Além dessa primeira reunião com seus colegas participantes da pesquisa e da disciplina, também aconteceram conversas no dia a dia, já que, segundo o **Ex-aluno D**, havia tempo livre por causa da baixa rotatividade de visitantes.

Planejou-se atender alunos das escolas do entorno do MUnA, com idade entre 07 a 10 anos, pois pretendia-se aproximá-los do Museu. O fator transporte sempre foi um empecilho para muitas escolas não levarem seus alunos com frequência aos museus, assim o fato das escolas escolhidas serem próximas ao MUnA facilitaria o deslocamento. Contudo, a especificação desse público para a pesquisa não impedia a visita espontânea e nem de outras escolas ou grupos que tivessem interesse. (WEBER, 2003, p. 35)

A pesquisa-ação não abrangeu apenas a prática final, mas também precisou de uma ação anterior, como: pesquisa dos artistas e de suas produções;

⁴⁷ Os artistas que compunham a exposição *Regras do Jogo* são: Júnia Penna, Carolina Melo, Elisa Campos, Liliza Mendes, Humberto Guimarães, Mário Azevedo, Eugênio Paccelli Horta e Patrícia França. (..) a exposição REGRAS DO JOGO - Módulo II é agora acolhida pelo MUnA, reunindo um grupo de artistas que procurou estabelecer, através da observação da produção de cada um, algumas regras recorrentes.+(WEBER, 2002, p. 30)

pesquisa das escolas no entorno do MUnA; divulgação da exposição e da proposta de ação educativa; desenvolvimento de material de apoio para os monitores e professores das escolas que visitaram; e preparação dos mediadores. O material de apoio realizado para os educadores tinha um formato de apostila, com total de sete páginas, abarcando temas como: o que é museu; a história, os objetivos e as ações educativas do MUnA; um *release* da exposição; um texto do Serviço Educativo do MAC-Americana/SP e um texto sobre Arte Contemporânea, de Celso Favaretto.

Como os mediadores foram os próprios alunos da disciplina, que não haviam tido aulas teóricas para preparação, tendo apenas atendimentos individuais com o professor, o **Ex-aluno D** resolveu criar um material que auxiliasse essa formação. Tal material de apoio foi realizado com a preocupação de atender os principais conteúdos que um educador de museu precisaria dominar. Há dois textos curtos, mas explicativos, que poderiam auxiliar na compreensão de mediação com a Arte. Um texto referenciava sobre a leitura da obra de arte como um ato de ver, analisar, fundamentar e interpretar, compreendendo que há diferentes níveis de interpretação de acordo com o desenvolvimento cognitivo; e o outro texto apresentado no material de apoio, intitulado *O que é este bicho chamado Arte Contemporânea?*, tratava da produção artística atual, considerada contemporânea, observando que a mesma não se fecha numa leitura rígida, mas possibilita diversas interpretações e averiguações, que podem ser trabalhadas como formas de leituras alternativas.

O material teórico para a pesquisa foi adquirido por meio de trocas de e-mails entre museus situados em outras cidades, e também durante o encontro de Museus em Brasília, do qual o **Ex-aluno D** participou quando ainda estava trabalhando na *Rede de Museus*.

Além desses materiais citados, também foi organizada uma pasta contendo os *folders* e catálogos de exposições anteriores dos artistas, que ficava à disposição para consulta dos educadores do Museu. Para avaliação desses materiais, Weber solicitou, por meio de questionários, a opinião daqueles que os utilizaram.

Na monografia de Weber (2003, p. 44-51) constam os registros e relatos das mediações realizadas pelos educadores sob seu acompanhamento. Destaco

dois relatos de mediação para verificar como o planejamento se desdobrou em diferentes situações. Na visita da escola estadual Simão Bolívar, da cidade de Corumbá, Goiás, foi realizada a proposta de mediação em exposição como planejado . o esquema de rodízio entre galeria; oficina e auditório. Por outro lado, para atender as necessidades do grupo da escola estadual Novo Horizonte - Educação Especial, da cidade de Uberlândia, foi preciso reavaliar e reprogramar as ações para o melhor aproveitamento dessa mediação.

Na primeira visita, na qual houve quarenta e cinco alunos, de 10 a 16 anos, dividiu-se a turma em dois grupos, revezando as atividades propostas para cada espaço. Foi relatada a importância da conversa e da observação do vídeo sobre os museus, pois a maioria dos alunos dessa turma nunca havia visitado um museu. A atividade na galeria foi repleta de perguntas por ambas as partes: visitantes perguntando "o que esta obra quis dizer?" e mediadores respondendo com "o que esta obra diz ou lembra para você?". Segundo a análise na monografia, o trabalho na oficina também foi realizado conforme o planejado. Baseando-se na temática da exposição, os visitantes foram organizados em grupos de cinco pessoas para a construção plástica, que resultou num quebra-cabeça (WEBER, 2003, p. 45 e 46). (figura 2)



Figura 2 - Atividade na oficina e na galeria do MUUnA, visita da escola estadual Simão Bolívar, da cidade de Corumbá, GO. Dia 12 de novembro de 2002.
Foto: Dorcas Weber (2003), p. 45 e 46.

Na visita da escola estadual Novo Horizonte - Educação Especial, apareceram dezoito visitantes, com idades entre 15 e 30 anos, portadores de necessidades especiais (dificuldades de visão, audição, entre outras não citadas na pesquisa). O **Ex-aluno D** percebeu e relatou na sua pesquisa que, no ato do agendamento, a professora mostrou o interesse pelo trabalho prático realizado na mediação. Dessa forma, foi reelaborada uma atividade de oficina que não dificultasse e nem causasse danos aos visitantes, como, por exemplo, o uso de tesouras para criar os quebra-cabeças. Portanto, foi proposto que criassem desenhos individuais sobre a exposição que haviam conhecido (WEBER, 2003, p. 47 e 49).

No momento da atividade na galeria, foi realizada a leitura dos trabalhos a partir de questionamentos sobre as cores e as relações entre as produções e as imagens a que elas remetiam. Alguns trabalhos expostos chamaram mais atenção do que outros, pelo fato de reconhecerem o material que normalmente utilizam em trabalhos e de encontrarem imagens e formas que lembram imagens conhecidas (WEBER, 2003, p. 47 e 49).

A experiência no museu de arte enriquece os saberes e as percepções de cultura, de valores estéticos e conceituais através da relação com a própria vida. As exposições de artes visuais permitem que haja várias leituras, e as mediações podem gerar discussões diversas, dependendo do conhecimento e da postura do visitante. Os saberes individuais são transportados para o espaço expositivo (WILDER, 2009, p. 23).

Hooper-Greenhill (1999, p. 4) entende que a percepção depende de experiências prévias: consegue-se ver o que se conhece. A atividade de leitura das produções artísticas expostas em museus é limitada pelo saber do visitante, porém é possível ampliar o conhecimento com indagações criadas pelo mediador, fazendo com que o visitante reconheça as novas informações através de analogias e de relações. Assim, quanto mais se sabe e quanto mais se adquire conhecimento, mais rico poderá ser o diálogo com a obra de arte. O saber artístico é desenvolvido por meio da visita a museus, pois o aprendizado nesse ambiente é favorecido pela experiência.

APROXIMAÇÃO DA COMUNIDADE COM O MUNA. Os representantes docentes e discentes dos primeiros anos de funcionamento do MUNA criaram diversas alternativas para aproximar o público do Museu. A partir do ano 2000, algumas atividades foram significativas para atrair o público às exposições do MUNA também para as mediações.

Além dos eventos e dos espaços de socialização, que propiciaram momentos de aproximação do público com o MUNA, também houve exposições que por si só já chamaram a atenção e atraíram visitantes, como, por exemplo, as exposições do acervo do MAM-SP. Na linha do tempo exposta no capítulo 6, é possível verificar tais ações de aproximação do MUNA com a comunidade e,

abaixo, há algumas imagens que as ilustram. Além desses eventos diferenciados⁴⁸, também aconteceram os eventos tradicionais, como: palestras, mostra de vídeos e oficinas.



Figura 3 . Atividades que valorizavam a difusão cultural do MUnA no ano de 2000
Fonte: arquivo do MUnA

Os museus são considerados locais sociais, onde a família pode levar suas crianças para um dia de diversão, entretenimento e cultura e, também, onde os adultos podem ir para se relacionarem com outros adultos. Grinspum (2000, p. 16) destaca que algumas pessoas utilizam o museu para encontrar parentes, outros para um encontro amoroso, outros para conhecer gente+.

O adulto que frequenta o museu para realizar tais encontros tem a expectativa da visita associada a um ato social. (GRINSPUM, 2000, p. 16) Esse ato é que influenciará na frequência das próximas visitas. Se um grupo passou

⁴⁸ As principais atividades do MUnA que atraíam o público na 1ª temporada foram: a criação de uma cafeteria e de um bar, o *Café com Arte*, ; a *Loja do MUnA* (com livros e objetos de Arte), início); o início da divulgação das atividades com *agenda cultural* (em março de 2000),); a proposta de *Férias com Arte*; e o *Domingo com Arte*.

por bons momentos durante a exposição e, por exemplo, ainda confraternizou no café ao final da visita, esse grupo terá armazenado na memória diversas sensações relacionadas ao museu.

As diferentes propostas de ação educativa da gestão do ano 2000, que atraíram diversos públicos, foram seguidas pela gestão posterior, de 2001 a 2004, que ainda implantou uma equipe de educativo com a presença de mais professores da área de licenciatura. Aproveitando o embalo das atividades positivas e também da forte presença do projeto *Rede de Museus* da UFU, esses anos também renderam bons frutos para as mediações em exposição. A *agenda cultural* continuou ativa e bem utilizada para os fins de mediação.

A *agenda cultural* foi um importante suporte de comunicação das atividades do MUnA para esse período, mas também foi uma forma de os professores se reunirem numa comissão para decidir as propostas. Segundo o **Professor C**, havia um bom entrosamento e uma boa dinâmica entre os professores, propiciando que a ação educativa fosse pensada e desenvolvida. No período de 2001 a 2004, havia a presença de aproximadamente quatro professores da área de licenciatura. Eles preparavam os alunos que iriam estagiar na área de mediação com o público, fazendo-os estudar os artistas, pensar e inquietar-se sobre algumas questões de Arte e sobre o contexto da exposição, para que, depois, conseguissem seguir sozinhos na ação educativa.

Nas mediações no MUnA, nesse período, os professores montavam turmas de estagiários para atender as diversas atividades que aconteciam. Segundo o **Professor C**, uma turma começava pelo auditório e outra pela galeria, depois, havia a troca; e, se ainda houvesse tempo e material, no final havia uma atividade prática. Dessa forma, houve mediações em que estavam acontecendo ao mesmo tempo três atividades em três espaços diferentes do Museu: na oficina, no auditório e na galeria, havendo tempo para todos fazerem as três partes e, ainda, para a escola fazer o lanche.

Os professores responsáveis pela organização do educativo conversavam com os estagiários sobre a questão da Proposta Triangular. O **Professor C** relata que, na mediação em exposição, havia o momento da leitura de imagem, no qual buscava-se investigar a visão de cada visitante e não apresentar algo pronto. Ele apresentou um exemplo de mediação em exposição de Edith Derdyk. Como a

artista trabalha com o desenho no espaço, as crianças que visitaram a exposição puderam interagir com trabalho, pois tiveram a experiência de deitar sobre um monte de linhas. Outro momento de interação e aproximação do visitante com a produção artística ocorreu durante a exposição *Maria Pé no chão*, da artista Cíntia Guimarães, na qual a fotografia ficava no chão e os visitantes podiam pisar nela. Em relato, o **Professor C** acrescentou que uma turma não acreditava que estava pisando na obra. Nesse ponto, o mesmo professor reafirma que os estagiários eram estimulados a trabalhar com a questão da participação e do envolvimento do visitante, propondo leituras e críticas.

O **Professor C** lembrou-se de uma visita na qual os estagiários tiveram que driblar perguntas como: *%sto não é arte+*, *%sto eu faço+*, fazendo outras questões: *%por que esse trabalho está exposto no Museu?+*, *%por que você está aqui observando e questionando?+*. Esses alunos, acostumados com a leitura de imagem por meio da investigação por perguntas, sentiram a vontade de fazer suas próprias observações. É enriquecedor esse momento da visita das escolas às exposições, tanto que o **Professor C** relata o fato de alguns professores quererem levar o resultado das oficinas e terem o registro fotográfico.

Nesse mesmo período, a *Rede de Museus* da UFU, que estava atingindo o seu auge de ações, produziu um vídeo sobre o MUnA. O **Professor C** relatou ter transmitido o vídeo no auditório, o que fazia parte da ação educativa. O mesmo conta que o vídeo abordava o tema do museu, afirmando que ele *%não representa objeto velho+*.

No período de 2001 a 2004, é relatado pelo mesmo professor que havia uma visitação intensa no MUnA, pois a programação cultural que havia atraía a comunidade. Além da divulgação das exposições e eventos no MUnA pela *agenda cultural*, o Museu também participou de eventos organizados pela *Rede de Museus*, como, por exemplo, o *Domingo no Museu*. Nesse projeto, trabalhava-se com atividades práticas no lado de fora do museu: a rua era interditada colocavam-se mesas com cavaletes. As pessoas da redondeza eram chamadas para participar, como, por exemplo, do *%Mai Q Dança+*. No *Domingo no Museu*, o MUnA abria as portas aos visitantes, e os estagiários, ou mesmo os docentes, ficavam à disposição deles caso tivessem alguma questão.



Figura 4 . Fotos e *Folder* do *Domingo no Museu*, julho de 2002.
Fonte: Arquivo do MUnA

Segundo o **Professor M.S.**, as oficinas que aconteciam no *Domingo no Museu* não necessariamente tinham relação com a exposição. Foram realizadas oficinas de pinturas, de argila e de construção de birutas e pipas. Não se pensava em fazer uma ponte com a exposição; era um evento para aproximar o público, oferecer um momento cultural, sendo que ele também poderia visitar a exposição. Os monitores ficavam espalhados dentro e fora do MUnA, porque havia uma grande circulação de pessoas. Para o **Professor M.S.**, o *Domingo no Museu* era um momento de atrair o público para a Arte e para o Museu.

Outros projetos dedicados a aproximar a comunidade do MUnA foram planejados para serem executados na gestão de 2001 a 2004. Vê-se apresentado em algumas *agendas culturais* o projeto *MUnA vai à escola*: %Dentro desse projeto, o Museu seleciona obras de seu acervo e, com apoio de monitores, essas são levadas à Escola de Ensino Fundamental e Médio e apresentadas aos

alunos, sendo que a leitura das imagens, sua contextualização e poética do artista funcionam como o elo para se criar um vínculo entre a Escola, os Alunos e o Museu. Esse é o convite para que as Escolas venham conhecer o MUnA. Agende sua escola!+ (agenda cultural, agosto a dezembro de 2002 e janeiro de 2003; ver a citação na figura 5)

Contudo, não se tem uma confirmação efetiva se tal projeto foi de fato realizado. Segundo o **Professor C**, conseguiu-se uma Kombi da biblioteca municipal de Uberlândia para transportar uma obra do acervo do MUnA e um estagiário a acompanhava para trabalhar com a mediação em sala de aula. Por outro lado, o **Professor M.S.** relatou nunca ter presenciado tal proposta e acredita que não se tenha conseguido efetivá-la por causa de problemas com transporte, seguro e segurança das obras, e, além disso, por conta das condições da escola e do professor em receber a visita. De qualquer forma, é evidente que alguns professores tenham idealizado e defendido essa ideia como um mecanismo de aproximação do MUnA com a escola.

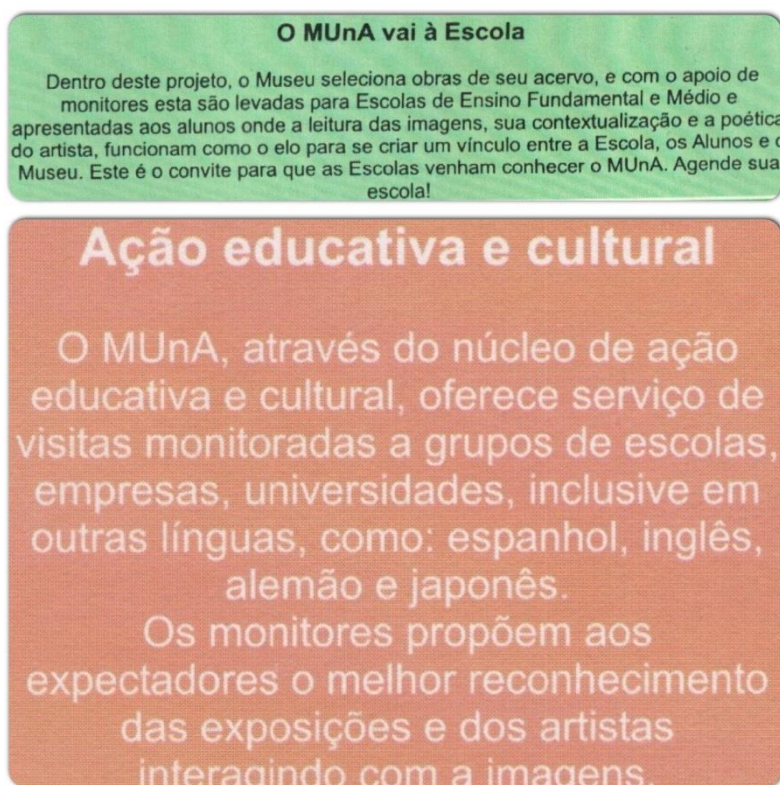


Figura 5 . Trecho da *agenda cultural*, agosto a dezembro de 2002 e janeiro de 2003
Fonte: Arquivo MUnA

Em algumas *agendas culturais*, de 2002 e de 2003, na divulgação da ação educativa cultural, que consistia no serviço de visitas monitoradas, foi oferecida uma mediação em outras línguas, como se vê na parte inferior da figura 5. Em entrevista, o **Professor C** contou que essa iniciativa era apresentada quando algum estagiário do educativo falava outra língua, como inglês ou espanhol. Tal professor ainda citou alguns casos, nos quais professores de inglês e espanhol interessaram-se em trabalhar algumas aulas de línguas com seus alunos na exposição. Na maioria das vezes, primeiro o professor conhecia a exposição e conversava com o estagiário do educativo e, depois, voltava com seus alunos. Nesse caso, era o próprio professor quem fazia a mediação na exposição.

Em comunhão com os eventos artísticos programados para acontecer no MUnA, os professores que produziam a *agenda cultural* convidavam outros profissionais e docentes de áreas como Teatro e Geografia, abrangendo um público variado. O **Professor C** cita o evento Projeto *Vídeo ao meio dia* em que atraía diversos públicos ao MUnA em horário alternativo. Toda quinta-feira, ao meio-dia, podia-se assistir um vídeo relacionado à Arte, que o Museu possuía em seu acervo. No período de 2001 a 2004, houve frequentes reuniões entre os professores responsáveis pelas atividades do MUnA e, segundo o **Professor C**, eram esses encontros que faziam com que as atividades acontecessem.

Nesse mesmo período, em que a *Rede de Museus* mostrou-se bastante atuante, os responsáveis pelos museus se encontravam, em média, uma vez por mês para discutir diversas questões, entre elas as educativas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª TEMPORADA

É complicado definir cronologicamente as transformações metodológicas da prática de mediação nas exposições do MUnA durante a **1ª temporada**, pois os relatos dizem respeito a episódios isolados dentro do contexto. O **docente** entrevistado, que atuou na **1ª temporada**, relatou uma visão de mediação mais estruturada do que os **discentes**. Ao mesmo tempo em que o **Professor R**, atuante em 1999 e 2000, relatou ter montado uma equipe de mediadores e elaborado estratégias de atividades para os três espaços do MUnA, os **discentes**

relataram trabalhar na mediação com seus próprios conhecimentos de Arte e de ensino.

A constante mudança de gestores e de estagiários no MUnA fez com que os mediadores trabalhassem principalmente a partir dos próprios conhecimentos, aliados à pesquisa específica para a exposição. Os discentes/estagiários/mediadores foram os que mais aproveitaram as mediações, pois eles aprenderam com a própria vivência prática aliada à formação universitária (crítica, teórica, histórica e sobre o ensino da Arte).

A postura dos mediadores frente à interação e à comunicação com visitante é um importante divisor de águas a respeito da equipe de mediadores com ou sem orientação sistematizada. Quando os professores orientavam as mediações, eles reforçavam o uso de propostas metodológicas da arte/educação, como no relato do **Professor R**, que citou a utilização da Proposta Triangular para desenvolver as mediações. A pesquisa-ação do **Ex-aluno D** tem bases fundamentadas nas atividades de estímulo à observação, compreensão, exploração, assimilação e apropriação.

O destaque nas ações na **1ª temporada** é o fato de os mediadores tentarem explorar diversas maneiras de leitura das produções artísticas expostas. A proposta de interpretação varia conforme o conhecimento dos mediadores e sua reflexão sobre a temática. Nesse sentido, relacionou-se tais ações ao método de interpretação da visita denominada *Discussão Dirigida*, definida por Grinder e McCoy (1989, p. 60). Ao trabalhar com tal proposta, os autores sugerem que o mediador precisa estabelecer um contato com o visitante, identificando a necessidade e o interesse de cada grupo para que, assim, faça uma mediação com diálogos consistentes, no formato de perguntas e discussões. Na análise das próximas temporadas, será possível ver que a leitura das produções artísticas foi aprimorada para atender e respeitar, cada vez mais, o conhecimento prévio do visitante.

Apesar de não haver uma avaliação específica sobre as mediações em exposição da **1ª temporada**, existiram relatórios anuais das visitas guiadas realizadas. Contudo, os mesmos não apresentavam descrição e crítica das ações; eram apenas registros.

Pelo fato de o objetivo principal dos gestores pertencentes a essa **1ª temporada** envolver a aproximação da comunidade uberlandense do MUnA, uma das prioridades foi a sistematização das informações e a criação de eventos que atraísse visitantes e os fizessem se sentir incluídos nessas ações e no próprio museu.

2ª TEMPORADA (2005-2008): multiplicidade das ações educativas

MUnA FECHADO PARA REFORMA. No ano de 2004, pela primeira vez, o MUnA ficou fechado para reforma. Aproveita-se esse intervalo de tempo em que o Museu ficou fechado para determinar o término da **1ª temporada** e o começo da **2ª temporada**. A temporada em questão teve características e ações que a diferenciam da primeira. Enquanto esta intencionou realizar atividades que aproximassem a Arte Contemporânea da comunidade de Uberlândia e região, a **2ª temporada** foi marcada pela sistematização do estágio em educação no MUnA e pelo desenvolvimento da disciplina de licenciatura vinculada ao Museu. Portanto, a **2ª temporada** é caracterizada pela frequente presença dos discentes e docentes da Universidade, o que possibilitou a exploração de variadas maneiras de mediações em exposição.

No ano de 2004, em que o MUnA permaneceu fechado por alguns meses, dificultou-se a execução da disciplina de *Prática de Ensino 4*, porém o fechamento não a afetou por completo: criou-se uma adaptação de exercício. Ao invés de trabalhar diretamente com o público, foi proposto, elaborado e executado um material de divulgação para o MUnA. Ele continha informações sobre o Museu, explicando a sua importância para a educação e para a extensão cultural, apresentando os aspectos da ação educativa em museus e diferenciando os diversos tipos de museu.

Esse material de divulgação teve o título *Arte, Cultura e Educação nos Museus* (figura 6). O **Professor E.C.**, que orientou os alunos nessa produção, relatou que, além de produzirem e custearem a impressão do material, eles foram em duas escolas fazer a divulgação do MUnA. O retorno dessa divulgação para o Museu,

por outro lado, não pode ser mensurado, pois o trabalho encerrou-se com essa ação de distribuição, não sendo realizada uma avaliação do retorno da mesma.



Figura 6 . Detalhe do material de divulgação sobre o MUnA: *Arte, Cultura e Educação nos Museus*, 2004

Fonte: Arquivo MUnA

Produção: Execução: Angelica Cristina dos Santos; Carmem Augusta Souza; Maria Divina Silva; Sandreana Santos Silva; Projeto Gráfico: Flavia Silva Alves; Coordenação: Profa. Elsieni Coelho da Silva; Colaboração: Aninha Duarte; Flavio Ferreira Magalhães; Hélio de Lima

RENOVAÇÃO DO EDUCATIVO DO MUnA. No final de 2005, o **Professor B** assume a chefia do Departamento de Artes e também da

coordenação geral do MUnA. No período em que esteve à frente da administração do MUnA, entre 2005 e 2008, o Museu evoluiu quanto à organização de suas atividades, dentre elas, as ações educativas ganharam o apoio da Universidade por meio do projeto *Ação Educativa em Arte*, já citado no capítulo anterior.

Professor B: Quando eu voltei do doutorado em 2005, assumi a chefia do Departamento e também do MUnA, pois entendia que a estrutura administrativa do museu passava pela secretaria do departamento. Montei uma equipe de atividades do Museu, propus a criação e a aplicação de editais de exposição, divulgação, educativo, como, mais ou menos, funciona até hoje. Nesse momento, nós tínhamos um esboço desse regimento elaborado pela coordenação anterior, que na minha época passou por uma transformação e agora passou novamente. Porém, essa estrutura se mantém: conta sempre professores da área de Artes, que assumem as várias atividades dentro do MUnA e têm uma figura administrativa. Eu era essa figura administrativa, que coordenava essa equipe. (informação verbal)⁴⁹

Nas ações educativas da **2ª temporada**, entre os anos de 2005 e 2008, os professores responsáveis eram os substitutos da área do ensino de Arte, que os efetivos estavam fazendo suas pesquisas de doutorado. A coordenação do MUnA estipulou que um deles assumisse tal responsabilidade para não existir problema de dispersão de cargos e funções. Contudo, na prática, todos os professores substitutos ficaram responsáveis pelo educativo, organizando os relatórios, os livros de visita e a produção de material.

Nesse período, houve uma grande participação dos alunos de graduação em Arte nas atividades do MUnA. Eles foram bastante atuantes, da mesma forma que, nos primeiros anos do Museu, também houve um grande número de interessados nas atividades museológicas, independente do seu período de graduação. Como nesse momento as atividades foram planejadas e apoiadas pela Universidade, tanto os professores como os alunos sentiram maior interesse em participar.

⁴⁹ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 9 de abril de 2012

O que distingue a **2ª temporada** do MUnA é o desenvolvimento de atividades baseadas em projetos e planos de ações específicos, que fizeram os discentes e docentes se reaproximarem da instituição. Depois de criada e de aplicada a disciplina de *Prática 4*, os esforços das ações educativas, que eram direcionados para os estágios do próprio Museu, passaram para o desenvolvimento dessa prática na disciplina. A renovação dessa relação aconteceu com a volta do funcionamento do Museu, depois de um período fechado, aliada à mudança de gestão administrativa, trazendo novas expectativas e ideias.

A **2ª temporada** foi marcada pela grande circulação de pessoas no Museu, seja pelo estímulo de projetos vinculados à Universidade, seja pela realização de exposições de grandes e importantes acervos. Por meio da pesquisa de campo sobre as mediações realizadas nesse período, conseguiu-se uma grande quantidade de informações e de relatos de experiência, a partir dos quais foram selecionados os episódios mais significativos da conduta das mediações em exposição.

O CONTATO COM A TÉCNICA ARTÍSTICA FAZ COM QUE O VISITANTE SE ENVOLVA MAIS COM A EXPOSIÇÃO. A mediação realizada na exposição *Drainspotting in Uberlândia Bueiros #116-#136*, do artista Alex Fischer, de 01 a 21 de fevereiro de 2006, relatada no artigo dos estagiários do MUnA⁵⁰ vinculados ao projeto, é um exemplo de como a realização de uma prática plástica pode ajudar no processo de assimilação de toda a mediação realizada.

Segundo o artigo, a ação educativa passou por todo o processo que uma mediação em exposição precisaria ter . preparação, elaboração e aplicação do plano de ações. A primeira parte, da preparação, foi conduzida pelo contato direto com o artista e com a curadora, Patrícia Dominguez. Dessa maneira, os mediadores tiveram a oportunidade de conhecer melhor o processo criativo do

⁵⁰ SOUZA, Mila de Paula; RODRIGUES, Sérgio Ricardo Fernandes. **Ação Educativa no Museu Universitário de Arte:** Relato de Experiência de Monitores. Uberlândia. NUPEA. 2006. Disponível em: <http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/6eraea/relatos_experiencia/tex_milaps_sergiorfr_00.pdf> Acesso em: 21 de novembro de 2012.

artista. Esse contato foi importante tanto para a preparação dos mediadores como para a sua formação acadêmica e profissional.

Houve um grande número de visitas das escolas municipais, em especial de crianças entre 06 e 12 anos. Para atender tal público, foi preciso elaborar estratégias e dinâmicas específicas, chamando atenção para questões próximas ao cotidiano e buscando ativar suas percepções. Segundo Souza e Rodrigues (2006, p. 3) todas as abordagens de mediação em exposição realizadas em 2006, incluindo a apresentada, tiveram o momento de contextualização sobre o Museu, apresentando seus espaços, suas atividades e as normas a serem obedecidas na hora da visita. Depois desse primeiro contato, que aconteceu no espaço do auditório, encaminhava-se a turma para a visita à exposição e, a seguir, havia o momento de prática, na oficina. Caso a turma fosse grande, era dividida em dois grupos que se revezavam nessas atividades.

Os mediadores trabalhavam a leitura das produções artísticas baseados em questionamentos que levassem os visitantes a responder sobre o que estavam observando. No caso dessa exposição, a leitura dos trabalhos conduzia questões urbanas específicas da cidade de Uberlândia, pois com a técnica de obtenção de relevo, a *frotagem*, foram retiradas as imagens dos bueiros da cidade. Como a produção do artista alemão envolvia uma técnica interessante para ser reproduzida, explorou-se, no momento da oficina, a vivência de tal método. Propôs-se que as crianças explorassem o espaço do Museu em busca de texturas para fazer a sua composição de *frotagem*.

Os mediadores Souza e Rodrigues (2006, p. 4) relataram que a turma iniciada na oficina mostrava mais envolvimento na leitura dos trabalhos do artista quando visitava a exposição. As crianças conseguiam expressar mais suas percepções por causa da experiência anterior. Essa observação é interessante de ser relacionada com a Proposta Triangular, que os educadores do MUnA adotam como referência, pois nela é apontado que independe por qual das três atividades deve-se começar ou acabar a mediação. Nesse caso, começar a mediação com a oficina foi fundamental para auxiliar na interpretação das produções artísticas expostas.

Os caminhos metodológicos da Proposta Triangular para o ensino de Arte indica que as três ações bases, leitura, contextualização e fazer arte, podem ser

trabalhadas de maneira complementar. Barbosa, quando esteve vinculada ao programa de Arte Educação do MAC-USP, propôs e trabalhou na visita de grupos os três eixos de ação: %História, Apreciação e Trabalho de Atelier+ (BARBOSA, 1989, p. 131) Apesar dessa fragmentação, Barbosa cita existir a intenção de mantê-las em equilíbrio, não distinguindo a criação da crítica e permitindo a leitura particular.

O contato com a técnica artística utilizada nos trabalhos expostos na mediação, seja realizada antes ou depois da leitura, proporciona aprendizado baseado na experiência. Através dos estímulos físicos e criativos com a prática, o visitante amplia a sua capacidade de percepção da produção artística, possibilitando criar significações e indagações. Quanto mais informações sobre uma produção artística, mais rico se torna o diálogo com ela. (WILDER, 2009, p. 106)

A EXPERIÊNCIA DE PLANEJAR MEDIAÇÃO. Para o melhor aproveitamento do visitante, da mesma maneira que um professor de arte do ensino escolar cria seu planejamento de aula, o mediador do museu também necessita planejar suas propostas de ação. Para exemplificar tal uso de organização numa mediação em exposição, o **Professor M.S.** apresentou, durante a entrevista, o plano de ações para exposição *Corpo Memória*.

O plano de ações apresentado é estruturado para que o mediador compreenda a ideia principal da curadoria e conheça quais linguagens e conceitos foram utilizados pelos artistas. Por meio desse planejamento, o mediador é capaz de conseguir propor e discutir com o visitante as inter-relações e contraposições possíveis entre os trabalhos expostos e o próprio dia a dia. São sugeridas questões e provocações para auxiliar na mediação do olhar do visitante, fazendo-o refletir sobre o trabalho exposto e a vida como um todo. Como exemplo, indica-se perguntar: %Como nosso corpo interage com esses objetos no cotidiano? A forma como esses objetos estão relacionados uns com os outros me sugere o quê? Me faz pensar o quê?+(MUnA, s/d).

Além da sistematização de conceitos e reflexões, o planejamento de mediação também apresenta diferentes percursos de acordo com os diversos

públicos escolares. Para o público de 3ª a 6ª séries⁵¹, por exemplo, propunha-se começar pela leitura do texto de parede, com as explicações oferecidas pelo Museu, e, somente depois que eles tivessem observado toda a exposição, inicia o trabalho com a ideia de relacionar conceitos, materiais, linguagens e propostas entre os artistas, Nino Cais e Vitor Mizael. Sugeriam-se questões que envolviam a leitura em conjunto das obras, incentivando a compreensão da ideia da exposição *Corpo Memória*. Lançavam-se questões como: ~~W~~ Onde se vê o corpo? E a Memória? Como se vê o corpo, de que forma ele se apresenta? (interior/exterior) Ossos, órgãos, roupas e pele?+(MUnA, s/d).

A preocupação com o aproveitamento do visitante é evidente quando o **Professor M.S.** relata a orientação por percursos específicos de acordo com cada grupo, desde a leitura da exposição à prática plástica na oficina. O princípio da mediação não era ter um percurso único para a exposição e apenas explicar e ler etiquetas, mas tinha-se o cuidado de atender o perfil dos visitantes.

EXPERIÊNCIA COM A MALA: A REFLEXÃO DA ARTE EM RELAÇÃO AO DIA A DIA. A exposição *Cidade Invadida*, que aconteceu de 1º agosto a 25 setembro de 2007, chamou a atenção dos professores do ensino formal, pois, além de ter uma ampla divulgação, as produções expostas eram de respeitáveis artistas do país. A exposição conseguiu uma proveitosa repercussão no meio escolar, visto que uma professora desenvolveu um trabalho em sala de aula, depois da visita com seus alunos ao Museu.

O **Professor E.T.**, que participou do planejamento das ações e da supervisão da mediação, citou que, para a visita das escolas, que chegavam com uma grande quantidade de alunos nos ônibus, era preciso dividi-los em grupos, que se revezavam em diferentes ações:

Professor E.T.: Nós os dividíamos em três grupos: um ficava no pátio, outro na oficina e outro na galeria. O grupo que ficava no pátio fazia algumas brincadeiras com a temática da exposição (...). O grupo que ia para oficina fazia

⁵¹ Nomenclatura escolar que equivale do 4º ao 7º ano do ensino fundamental.

desenhos. O grupo que estava na galeria conhecia a exposição.

A dinâmica da visita funcionava por grupos, aquele que iniciava com atividade no pátio fazia uma motivação para a visualização da exposição e, quando o grupo começava na visita à exposição, a dinâmica no pátio era envolta de perguntas específicas do que haviam observado. (informação verbal)⁵²

Para a dinâmica da visita à exposição *Cidade Invadida*, o **Professor E.T.** relatou que foi desenvolvida uma mala de papelão similar à mala exposta na parede da galeria do MUnA (ver a original na figura 7). Dessa maneira, os visitantes que participaram das mediações tiveram a oportunidade de manipular a réplica da mala e, assim, desenvolver uma conversa sobre a temática, capaz de situá-los nas questões que envolviam a exposição. Perguntava-se sobre *mala, viagem, espaço urbano, o que era a cidade para eles, como era morar no bairro deles, qual era o bairro em que moravam* etc. A réplica da mala também saiu do Museu e foi para escola junto com o professor, que continuou o trabalho depois de fazer a mediação.

A orientação que o **Professor E.T.** indicava aos mediadores era para prestar atenção ao limite de discussão conforme a faixa etária. Pedia-se que a leitura dos trabalhos fosse feita por meio de perguntas ao visitante, como: %O que vocês estão vendo? Onde será esse lugar? Vamos ler na etiqueta! Alguém já foi em tal lugar?+. A leitura pelo questionamento procurava desenvolver questões que associavam a exposição *Cidade Invadida* às próprias vidas dos estudantes. Ou seja, refletia-se sobre as questões de moradia das cidades como um todo, a partir da leitura de trabalhos que discutiam tais temáticas.

Segundo Barbosa (1989, p. 178), a leitura da produção artística através do questionamento não é apenas um mecanismo de perguntas e respostas, mas sim uma ação que resulta na aproximação entre as questões do trabalho exposto e a vida daquele que o observa. A arte, segundo Barbosa, apesar de ser uma produção da imaginação e da fantasia, não está separada de questões cotidianas, tais como: relações sociais, economia, ecologia, política, entre outras. %Em lugar de estar preocupado em mostrar a então chamada *evolução* das formas artísticas

⁵² Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 16 de abril de 2012.

através dos tempos, pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal.+(BARBOSA, 1989, p. 178)



Figura 7 . Mediação na exposição *Cidade Invadida*. 2007
Fonte: Arquivo pessoal/ Eliane Tinoco

MÚLTIPLAS VERTENTES DE MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÃO: O ESTÁGIO NA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO 4 E O ESTÁGIO NO PROJETO AÇÃO EDUCATIVA EM ARTE. Vários discentes participaram intensamente das atividades no MUnA entre 2007 e 2008. Nesse período, havia uma equipe consolidada para a montagem da exposição e essa também manteve contato com as práticas educativas, seja vinculada à disciplina obrigatória para licenciatura, seja em ações esporádicas. Esses discentes mantiveram-se envolvidos com o MUnA com a mesma intensidade que os discentes estagiários dos primeiros anos de funcionamento. Foi entrevistado um destes discentes, o **Ex-Aluno A**, que participou tanto do estágio ao MUnA como do estágio vinculado disciplina.

Em meados de 2008, quando o **Ex-aluno A** estagiava no MUnA em diversas atividades museológicas, estando constantemente presente em ações e eventos produzidos pelo MUnA, tive a feliz surpresa de assistir à rápida entrevista em que ele participou comentando sobre as mediações em exposição. Como na época já possuía o interesse sobre o MUnA foi um evento que não esqueci. No relato coletado para esta pesquisa, o **Ex-aluno A** também resgatou tal momento, identificando uma importante passagem em que teve a oportunidade de comentar em rede regional, do jornal da TV Globo de Uberlândia, sobre a postura de indagação da arte trabalhada nas mediações. Era uma simples matéria de divulgação das ações educativas do MUnA, que acabou disponibilizando um espaço para o estagiário refletir sobre suas ações. O **Ex-aluno A** lembra de ter explicado que as mediações não induziam uma ideia sobre as produções artísticas expostas, mas davam oportunidade para os visitantes entenderem melhor as obras, através de questionamentos e sugestões.

Grinder e McCoy (1989, p. 137) enfatizam que o mediador deve criar uma interação, de maneira que a mediação siga os interesses do visitante. A interação é que faz a percepção das pessoas se movimentarem de um ponto para outro, aumentando os níveis e a complexidade da experiência, em relação ao conteúdo da mediação.

A MEGAEXPOSIÇÃO NO MUnA: ESCULTURAS COLEÇÃO MAB-FAAP. O **Ex-aluno A** relatou que, no período em que estava participando da disciplina de Prática de Ensino 4, teve a oportunidade de atender o público na exposição *Esculturas Coleção MAB-FAAP*, que aconteceu de 17 de maio a 27 de junho de 2008. Foi uma exposição de impacto para o Museu e para a cidade. Segundo ele, a visita acontecia em três momentos: apreciação e leitura das esculturas, observação do vídeo da *Rede de Museus*, seguido de conversa sobre Museus e a prática plástica usando a técnica de retalhos de papel, trabalhando com a questão do tridimensional.

Dois fatores influenciaram a necessidade de uma reduzida circulação de pessoas na visita à exposição: as esculturas ocupavam muito espaço na galeria e, por pertencer a coleção particular, foi requisitado um cuidado especial. Desta

forma, foi definida uma estratégia de visita na qual poderiam percorrer a galeria no máximo dez pessoas. Além da estratégia de circulação reduzida de pessoas, também havia o planejamento da mediação de acordo com cada faixa etária, como se pode ler no relato abaixo.

Ex-aluno A: Para visitantes jovens e adultos, nós recebíamos instruções para não explicar os trabalhos . tínhamos que jogar informações para despertar o visitante. Com crianças, alguns momentos tinham que ser explicativos, em exposições mais complexas: jogar as ideias não funcionava tanto. Às vezes, era necessário dar uma explicação, mas nada imposto, pois discutíamos muito a esse respeito. (informação verbal)⁵³

No momento de contextualização da exposição de esculturas no auditório, o **Ex-aluno A** transmitia o vídeo produzido pela *Rede de Museus*, depois do seu segundo retorno, pois ele também participou como monitor neste projeto.⁵⁴ Com ajuda desse recurso, abria-se a discussão para a divulgação do Museu como espaço aberto para comunidade.

A exposição *Esculturas Coleção MAB-FAAP* teve uma grande visitação por causa de importantes fatores, como: apresentar trabalhos escultóricos expressivos⁵⁵, pela ação conjunta do MUnA e da *Rede de Museus* e relacionar a comemoração do 30º aniversário da UFU e pela ampla divulgação na Mídia.

EXPLORANDO A PRÁTICA DE ENSINO 4 EM FAVOR DA PREPARAÇÃO DOS MEDIADORES. A **2ª temporada** de atividades da ação educativa do MUnA foi repleta de fatores relevantes, como a sistematização de projetos junto à extensão universitária, a exposição de acervos e artistas

⁵³ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de abril de 2012.

⁵⁴ Ainda neste período efervescente, em meados dos anos 2000, a proposta da *Rede de Museus* foi retomada pela DICULT . UFU. Como o MUnA já tinha consolidados suas atividades ele serviu de referência para a continuação do projeto. Foi desenvolvido novamente um vídeo sobre os museus da Universidade e reproduzido em várias escolas do município de Uberlândia. Além de o projeto ajudar na divulgação dos museus ele também disponibilizava transporte para as escolas interessadas em visitar estes espaços culturais. Por este fato, o MUnA recebeu uma grande quantia de visitas dos grupos escolares.

⁵⁵ Os artistas que compuseram a exposição *Esculturas Coleção MAB-FAAP* foram: Victor Brecheret, Zélia Salgado, Frans Krajcberg, Leon Ferrari, Luiz Hermano, Francisco Stockinger e outros.

nacionais de destaque e a participação de vários professores da licenciatura, cada um contribuindo com uma porção, principalmente através da disciplina de Prática de Ensino 4.

No relato do **Professor P**, identifica-se a organização que era necessária para a realização da mediação e o envolvimento tanto dos docentes como dos discentes do curso de Artes Visuais. As propostas de mediação eram desenvolvidas pelos discentes, que precisavam dessa prática de ensino para sua formação. Trabalhava-se com meios audiovisuais e, principalmente, com a dinâmica corporal, já que os mediadores trabalhavam a vivência da obra de arte em si.

Os mediadores foram estimulados a perceber qual era o *feeling* do momento. Ou seja, era preciso estar atento ao que chamava a atenção dos visitantes. Por escolher essa dinâmica, os mediadores precisaram conhecer bem a exposição para, assim, conseguirem uma mediação que resultasse na associação e na reflexão com o mundo e o dia a dia do visitante.

O final da **2ª temporada** de ações educativas marca a consolidação da disciplina de Prática de Ensino 4, pois houve uma evolução no referencial teórico e experimental. As aulas foram realizadas no próprio espaço do MUnA e os alunos tiveram um maior comprometimento com as atividades, pois foram estimulados à vivência e à observação de outras realidades, com viagens aos museus de São Paulo.

A aula de campo, que consistiu na visita aos educativos de museus paulistanos, repercutiu nos atendimentos ao público no MUnA. Ao todo, foram duas viagens, nas quais os discentes tiveram a oportunidade de conhecer o funcionamento dos educativos da FAAP, da Pinacoteca, do Itaú Cultural e da exposição *Star Wars*, realizada no espaço da Bienal de Arte, em 2008. Os alunos puderam conhecer diferentes propostas de ações educativas em cada um desses espaços culturais. O **Ex-aluno A**, que participou de algumas dessas visitas, relatou que:

Nessa visita, nós sentimos a diferença entre os programas de cada instituição. A Pinacoteca tem um grupo de ação educativa periódica, enquanto que na FAAP as pessoas são contratadas por exposição. Na conversa com um educador na FAAP, nós conhecemos mais experiências que

aconteceram individualmente nas mediações, compreendendo como é trabalhar com ação educativa em São Paulo, porque ela não é fixa, em apenas uma instituição. Já na Pinacoteca era diferente, nós conhecemos o funcionamento de uma ação educativa consolidada e permanente.

Nós também visitamos o Itaú Cultural, pois a forma de trabalho também era diferenciada. As três visitas foram bem diferentes umas das outras. No Itaú Cultural, foram fornecidas orientações para quem quisesse trabalhar na área. Eles aconselharam como entrar no ramo. (informação verbal)⁵⁶

A viagem para São Paulo foi um importante momento para os alunos refletirem sobre educação em museus e centros culturais. Puderam ampliar conhecimento através de uma visita técnica, sendo que pelos diversos estímulos, alguns desses alunos partiram para o campo profissional dos museus de arte. O fato do **Professor P** ter formação na cidade de São Paulo também favoreceu a realização dessas atividades, o que resultou na expansão do conhecimento de seus alunos.

Além dessa proposta, o **Professor P** criou mais diálogos entre o educativo e a administração do museu, disponibilizando acesso dos alunos a agendamentos noturnos; ele também aproximou mais a graduação de Artes Plásticas ao educativo, dedicando mais tempo para as propostas educativas no MUnA.

Apesar do **Professor P** ser substituto, ele assumiu a disciplina de Prática de Ensino 4 e manteve-se extremamente presente e envolvido nas ações educativas do MUnA. Isso fez com que a universidade definisse como prioridade a necessidade de existir um professor efetivo que se relacionasse diretamente com o Museu. As ações positivas do **Professor P** e os projetos de extensão dessa temporada contribuíram para destacar a necessidade da contratação de um docente experiente em práticas de ensino e, principalmente, em ações educativas de museu. Portanto, a contratação do **Professor L**, docente com experiência na área de educação em museus, marca o início da terceira temporada de ações educativas no MUnA.

⁵⁶ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de abril de 2012.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A 2ª TEMPORADA

No período definido como **2ª temporada**, evidencia-se a organização das práticas de mediações pois, por meio das experiências com projetos e planejamento de práticas, é verificada a existência de uma constante atuação de mediação. A organização das práticas educativas é fundamental para que se desenvolvam mediações com qualidade.

O planejamento das ações educativas foi trabalhado com a organização do estágio em frequências e horários definidos para cada estagiário e pelo *Projeto de Extensão PIEEX/UFU: Ação educativa em Arte*, de 2007 e 2008. O funcionamento sistematizado das mediações favoreceu o desenvolvimento de criativas ações educativas.

O Projeto PIEEX/UFU foi fundamental para que se iniciasse uma avaliação qualitativa das mediações em exposição, pois na **1ª temporada** havia apenas análise quantitativa nos relatórios anuais. O projeto de apoio universitário foi um importante recurso para estabelecer uma leitura descritiva das mediações, pois requeria uma avaliação ao final de cada ano. Contudo, ainda não houve uma avaliação em que os visitantes opinassem.

Semelhante à **1ª temporada**, mediadores/estagiários/discentes aproveitaram a experiência no MUnA para o próprio aprendizado e formação profissional. Por outro lado, os docentes responsáveis pelo educativo do MUnA, na **2ª temporada**, trabalharam com maior frequência e, assim, compreenderam o próprio valor dentro da instituição. O resultado foi a contratação de um professor efetivo para disciplina de Estagio Supervisionado no MUnA.

Na **2ª temporada**, houve a predominância do referencial da Teoria do Questionamento discutido na Proposta Triangular. Tal recurso foi explicitado tanto no projeto como nos relatos de entrevista. A leitura e a interpretação da produção artística desenvolvida na Proposta Triangular foi trabalhada nas mediações com objetivo de atender ao planejamento.

Um dos exemplos de episódio de mediação é a exposição *Drainspotting in Uberlândia Bueiros #116-#136*, do artista Alex Fischer, de 01 a 21 de fevereiro de 2006, relatada no artigo de Souza e Rodrigues (2006). Eles desenvolveram leituras das produções artísticas, com base em questionamentos. Dessa forma,

os visitantes eram instigados a participar das leituras, cuja observação das questões direcionadas levava à discussão de temas urbanos da cidade de Uberlândia.

3ª TEMPORADA (2009 - 2011): proposição de novas interações

DISCIPLINA DE ESTÁGIO NO MUnA COMO SISTEMATIZAÇÃO DAS MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÃO E OS DISCENTES COMO OS MEDIADORES. A contratação de um docente com experiência na área de educação em museu foi efetivada em meados de 2008. Transcorridos aproximadamente seis anos, após a criação da disciplina de prática em museus, para licenciatura em Artes Visuais, foi consolidada uma positiva expectativa para área de ascensão. O **Professor L**, que possui experiência em alguns museus da cidade de São Paulo, foi contratado para ministrar tal disciplina e ajudar no desenvolvimento do educativo do MUnA.

Apesar da experiência, o **Professor L** precisou conhecer as especificidades e o funcionamento do MUnA. O cenário que o **Professor L** encontrou foi de um Museu reconhecido perante a cidade, a região e a universidade, pois esta ainda concedia bolsas para alguns estagiários e, entre eles havia aqueles relacionados ao educativo. Por outro lado, o cenário da disciplina não tinha uma especificação bem definida, pois nos últimos anos ela foi elaborada por professores substitutos, variando a conduta de cada semestre. A possibilidade de trabalhar à noite no Museu e de usá-lo como laboratório e também como ambiente de aula, seja nos momentos teóricos seja nos práticos, surgiu na medida em que o trabalho se desenvolvia.

Como o **Professor L** não conhecia a dinâmica de programação das visitas e já havia estagiários vinculados ao Museu, ele propôs que sua primeira turma desenvolvesse cursos livres para atrair públicos diferentes ao espaço. Nesses cursos, era necessário que houvesse sempre a proposta de incluir visitas à exposição na sua programação, como, por exemplo: se na oficina trabalhava-se

com a composição, poderia se discutir a questão diretamente com a produção artística exposta.

Observando os relatos sobre a contratação do **Professor L**, chega-se à conclusão que ele ficaria responsável tanto pelo educativo do MUnA - com uma dupla função, coordenando os estagiários bolsistas já contratados do projeto - quanto pela formação dos discentes. Portanto, o professor tinha que orientar e supervisionar dois grupos que eram responsáveis pelo atendimento ao visitante, mas não mantinham relação entre si. O elo entre eles era o próprio professor.

Quando o programa de extensão universitário foi suspenso por quatro meses e com a modificação do calendário das ações dos estagiários bolsistas, o **Professor L** não conseguiu manter uma proposta para que pudessem aproveitá-los nas atividades do MUnA. O problema com o calendário dos bolsistas, enfrentado pelo professor, acarretou a extinção dos mesmos no Museu. A solução encontrada pelo professor foi oferecer a disciplina de prática em todos os semestre, até o final de 2010⁵⁷. Desta forma, os discentes ficaram responsáveis exclusivos do educativo do MUnA.

Entre os anos de 2009 a 2010, o curso de Artes Plásticas passou por uma reformulação no currículo e começou a ser denominado como Artes Visuais⁵⁸. Da mesma maneira, a disciplina de Prática de Ensino 4 também mudou de nome, passando a ser chamada de Estágio Supervisionado 4. Neste período o **Professor L** ministrou a disciplina cada semestre com um nome, atendendo à mudança do currículo⁵⁹.

Apesar do **Professor L** não ter que orientar mais o estágio remunerado vinculado ao MUnA, ele ainda mantém sua dupla função na Universidade e no Museu. O professor aproveitou para unir o objetivo das suas obrigações. Na disciplina, ele começa a propor que os discentes se dividissem em diversas ações educativas: propor cursos livres, desenvolver mediações em exposição com grupos e escolas, receber o visitante espontâneo e criar materiais didáticos.

⁵⁷ A partir de 2011 a disciplina começou a ser oferecida uma vez por ano.

⁵⁸ A primeira turma do curso de Artes Visuais começou em 2006 e, como a disciplina de estágio no museu é lecionada apenas no último ano do curso, ela foi oferecida pela primeira vez em 2009, já com o professor efetivo para a mesma.

⁵⁹ Ambas as disciplinas, foram realizadas da mesma forma. O que mudou entre elas foi a ementa, na qual a antiga, Prática de Ensino 4, especificava a necessidade de criação de um material didático.

No início, no ano de 2009, o **Professor L** não impôs que todos os alunos fizessem a mediação, pois acreditava ser complicado lidar com vinte alunos nessa proposta. Contudo, o mesmo professor aprendeu a organizar os alunos de forma a todos exercerem a mesma prática de receber o público no museu. Aos poucos, todo o conteúdo teórico e prático da disciplina passou a ser direcionado especificamente para a mediação em exposição, visto que nas outras disciplinas de estágio em licenciatura é desenvolvido trabalho de cursos livres.

A graduação em Artes Visuais passou a oferecer uma pequena formação do ensino de arte no espaço museal quando o MUnA foi aberto. A relação da UFU com o MUnA é uma troca que beneficia as partes igualmente. ao mesmo tempo em que o Museu possui docentes e discentes nas suas atividades administrativas e museológicas, a universidade oferece a seus alunos uma atividade de extensão acadêmica e de formação adicional. Ambas as partes são beneficiadas nessa relação que, no entanto, é pouco explorada pelos docentes no desenvolvimento das atividades museológicas. Basicamente, essas últimas ficam restritas ao desenvolvimento de algumas pesquisas, ao apoio de impressão e divulgação e à contratação de alguns estagiários. Ainda existem várias possibilidades de auxílio financeiro por projetos, que poderiam serem explorados ininterruptamente, caso todos os docentes estivessem envolvidos.

TRABALHANDO COM A LINGUAGEM DAS TEORIAS DE MEDIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA EXPOSTAS. A chegada do **Professor L** para o curso de Artes Visuais na UFU foi fundamental para estabelecer um referencial teórico específico da área de educação em museus, conseguindo aprofundar as questões de mediações em exposição, que até então ficavam sustentadas apenas nas propostas do ensino de arte. Além da proposta de leitura de obras pelo questionamento, elaborada por Ana Mae Barbosa, passou-se a trabalhar também com a ideia da linguagem das teorias de mediação e da compreensão da produção artística a partir de pesquisas desenvolvidas em museus. Dentre os referenciais utilizados, o **Professor L** destacou os roteiros de leitura pesquisados e discutidos por Robert Ott, Edmund Feldman e Michael Parsons, os estágios do desenvolvimento

estético propostos por Abigail Housen e as teorias da Cultura Visual, citando seu expoente Fernando Hernández e alguns outros estudos.

Ao trabalhar com essas teorias de apreensão estética na mediação em exposição, pode-se desenvolver uma melhor conversa com o visitante do museu.

Como aluna do **Professor L**, pude vivenciar as aulas em que se trabalhava com tais referências. Na disciplina, além de adquirirmos o conhecimento de tais teorias, também tínhamos a oportunidade de planejar as mediações, sob a orientação do professor. A ação planejada era realizada primeiramente com os colegas para depois trabalhar com o visitante. Portanto, podíamos experimentar as diferentes proposta de apreensão estética a partir dos trabalhos que estavam expostos no MUnA e, assim, decidir com quais linguagens nós simpatizávamos mais. Sobre o planejamento das mediações, o **Professor L** relatou que:

Havia certa liberdade para os alunos programarem os roteiros: nós fazíamos juntos, durante a aula. Geralmente, havia grupos de trabalho que faziam os roteiros de mediação e, no fim, escolhíamos os dois melhores. O que realmente era uma regra para todas as mediações era o momento de conversa na exposição, sobre pelo menos duas obras. (informação verbal)⁶⁰

A orientação das visitas quando realizada com apoio de um sujeito mediador pode ser estendida para além do simples fato de dar informação ao visitante. Espera-se que o mediador trabalhe com técnicas e estratégias de ensino para auxiliar a interpretação do visitante (GRINDER; McCOY, 1989, p.41).

Os mediadores, então discentes no último ano de graduação em licenciatura em Artes Visuais, têm a oportunidade de trabalhar com a prática de leitura da produção artística exposta no museu. A mediação em exposição propõe o diálogo entre dois polos, através da ação de um terceiro, o mediador (Moura, 2007, p.73). Segundo Teixeira Coelho (2004) o termo mediação equivale a uma vasta possibilidade de ações, mas todos devem ter como objetivo a aproximação das produções culturais e artísticas. Portanto, os discentes então preparados nas estratégias de mediação e nos conteúdos da exposição têm a oportunidade de

⁶⁰ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de agosto de 2012.

criar uma variedade de ações de aprendizagem e interação por estímulo dos próprios objetos expostos.

Ao estudar as experiências dos pesquisadores sobre aprendizado em museus, o **Professor L** cria uma nova alternativa de estratégias de interpretação das produções artísticas expostas para os discentes trabalharem no MUnA.

NOVAS PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DO MATERIAL DE APOIO PARA O VISITANTE ESPONTÂNEO. Outra importante realização da terceira temporada de ações educativas do MUnA, desenvolvida pela primeira vez para este Museu, foi a criação de um material didático para atender o público espontâneo. Eu também fiz parte da confecção desse primeiro material que, em 2011, foi reelaborado e analisado no trabalho de conclusão de curso da aluna do curso de graduação em Artes Visuais, Maria Celinda Cicogna Santos, sob a orientação da professora Luciana Mourão Arslan.

Nas duas temporadas anteriores, havia estagiários que ficavam no MUnA de prontidão, aguardando aquele visitante que vai ao museu sem definição de horário, mas que muitas vezes gostaria de ter alguma informação específica. Na terceira temporada, como os estagiários são principalmente os alunos da disciplina de estágio, eles tem horários marcados para ficarem no Museu e atender o público que agenda visita. Portanto, esse material tem objetivo de acolher a demanda de visitantes espontâneos, sem precisar utilizar o horário dos estagiários, que poderiam estar em mediações.

Esse material cumpre a função prática de educação em museu na falta de um sujeito mediador para acompanhar a visita à exposição. A confecção deste material é um dos exercícios que os alunos da disciplina de estágio realizam. O objetivo deste material é ajudar o visitante na observação geral da exposição e dos trabalhos em si, dando orientações por meio de questões a serem analisadas. Para ajudar na leitura dos trabalhos expostos, também há informações relevantes sobre o artista e suas produções, que não estão contidas no texto de parede ou no *folder*, possibilitando sanar alguma dúvida que possa existir durante a visita.

O material de apoio ao visitante espontâneo não necessita de muitos recursos financeiros, pois basta uma impressão em papel e plastificação para a

melhor manutenção e manuseio. Existem também outros recursos de mediação para uso do visitante. Dentre eles, o áudio-guia foi aplicado e analisado para uma exposição do MUnA, pela aluna Celinda Santos (2011). Essa pesquisa possibilitou que o MUnA se mantivesse em consonância com as propostas desenvolvidas em museus de grande porte e até nos internacionais⁶¹. O fato do MUnA ser um espaço de extensão e pesquisa universitária favorece que o mesmo tenha um desempenho atualizado.⁶²

A confecção dos materiais de mediação começaram uma semana antes da abertura da exposição, através do contato com os artistas na montagem e os textos provido pelo MUnA. Segundo Santos (2011, p.26) o envolvimento direto com os artistas e a montagem da exposição colaborou para que os materiais fossem melhor direcionados para instigar a percepção e a interpretação das produções artísticas pelo público.

Santos (2011) elaborou duas pranchas, nome dado ao material impresso, para as duas exposições simultâneas, que aconteceram entre 01 e 28 de outubro de 2011 (a figura 8 mostra uma das pranchas). As pranchas foram estruturadas com: informações sobre o artista e a sua poética; informações extras e fotos dos trabalhos expostos; questões propondo exercício de leitura dos trabalhos; contextualização sobre arte contemporânea e alguma citação do próprio artista.

⁶¹ Maria Celinda Cicogna Santos (2011,) ao tratar sobre os áudio-guia apresentou alguns exemplos como do Museu do Vaticano, Museu de Capitolini (Itália) e do Istambul Modern.

⁶² Apesar de a proposta ser atual, ainda não foi aplicada no museu como uma ação continua. A ação foi realizada apenas para a pesquisa. O MUnA ainda não criou uma estratégia de uso de áudio-guia, pois há o fator da troca constante de exposição e da falta de recursos para manter a iniciativa.

<p>O ARTISTA</p> <p>Alex Horneist (1972) é um pintor/escultor que vive e trabalha em São Paulo, cidade que o inspira e o faz refletir sobre temáticas urbanas, lúdicas e introspectivas. Baseado nisso ele produz suas obras focando a relação entre as cidades e seus habitantes.</p>  <p>Em suas esculturas costuma trabalhar com madeira, ferro, porcelana e concreto onde agrega objetos inusitados e casuais do nosso dia a dia. Em suas pinturas a tinta óleo, a acrílica e a diuco se mesclam para criar texturas e contrastes com sobreposições que definem luz, sombra, profundidade e distância já que as cores não são o ponto chave para interpretar os objetos. Personagens imaginários se revelam nas pinturas e esculturas que por muitas vezes retratam um universo lírico em contra-ponto ao caos e a agitação de onde são retirados. Inspirado por tudo o que lhe cerca, foca sua produção em uma possível interação entre obra e espectador, onde um existe apenas pela existência do outro.</p> <p>A OBRA</p>	<p>As instalações buscam transmitir a ideia de equilíbrio e harmonia que tudo a nossa volta possui. Sugerem uma reflexão sobre "vulnerabilidade" visto que pequenas mudanças ocorridas ao nosso redor alteram o nosso estado. Procuram despertar nos visitantes um espírito mais crítico sobre a situação em que se encontra a nossa sociedade, na qual estamos cada vez mais fechados em nossas atividades (casa, carro, trabalho), aprisionados em "caixas" como os animais e longe das condições naturais.</p>
<p>ANIMAIS DE CONCRETO</p> <p>A obra é composta de esculturas e pinturas murais. As esculturas representam animais fortes que em seu habitat natural são seres dominantes e imponentes. Animais que demarcam territórios, buscam alimentos no meio em que vivem, caçam, exibem imponência, elegância, voracidade e vivem em extremo equilíbrio com a fauna e a flora de seu entorno, que perdem seus instintos, suas habilidades, tornam-se fracos e vulneráveis ao primeiro momento que são retirados de seus lares, vítimas da especulação e ignorância humana. Mesmo aprisionados estes animais podem aparentar impotência criando a ilusão de estarem dominados e submissos aos olhos do espectador, mas infelizmente suas almas omitem seu verdadeiro eu, seus hábitos e como realmente se portam quando estão livres.</p>  <p>ESCULTURA: Cabeças e membros modelados em argila e acoplados em uma estrutura (caixote) de madeira e cimento.</p>  <p>PINTURA MURAL: Pinturas realizadas no entorno do Muna, com o intuito de sinalizar para o que está sendo exposto no museu, de levar a arte até o público e não somente ficar a sua espera na galeria.</p>	<p>ANIMAIS DE CONCRETO</p> 
	<p>EXERCÍCIO DE LEITURA DA OBRA DE ARTE</p> <p>O ideal para o desenvolvimento dessa atividade é que você caminhe entre as esculturas, observando-as e se posicione em frente a uma delas. Em seguida, tente responder as questões sugeridas abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> •O que você está vendo? •O que mais chama a sua atenção? •De que materiais você pensa que as esculturas foram construídas? •A obra apresenta formas variadas, texturas, linhas, cores? •O nome ANIMAIS DE CONCRETO te sugere algo? •Você acha que o artista quis alertar sobre alguma situação, ou problema atual? •Será que estamos aprisionados em nossos mundos como esses animais?
	<p>ARTE CONTEMPORÂNEA</p> <p>Na Arte Contemporânea, os artistas têm uma grande liberdade criadora e recursos materiais variados como objetos do cotidiano, objetos pessoais, fotos, vídeos, entre outros os quais podem ser utilizados em suas obras. As possibilidades e os caminhos são muitos, as inquietações mais profundas, o que permite à Arte Contemporânea ampliar seu campo de atuação, pois ela não trabalha apenas com objetos concretos, mas também com conceitos e atitudes.</p> <p>FALA DO ARTISTA</p> <p>"O que eu tento mostrar para todo mundo é que para se fazer arte não é preciso dinheiro ou materiais sofisticados, a arte pode ser feita a partir de uma ideia, do desejo de realizar uma obra." (Alex Horneist)</p>

Figura 8 . Prancha para exposição *Animais de Concreto*, MUa, 01 a 28 de outubro de 2011

Fonte: SANTOS (2011, p. 28 e 29)

O áudio-guia produzido por Santos (2011) foi sobre a exposição *Animais de Concreto*. A outra exposição, *Deixa*, dos artistas Fernanda Goulart e Alexandre Rezende, inviabilizava o uso desse recurso, pois havia vídeos na sua composição. O áudio-guia continha uma locução com três faixas sonoras: a primeira orientava o visitante a caminhar pela exposição observando os trabalhos para responder algumas questões que ajudariam na sua apreensão; a segunda informava sobre a biografia do artista e sua poética e a terceira dava informações sobre um trabalho em específico.

Apesar do áudio-guia ser um recurso didático incorporado aos museus para facilitar a dinâmica da visita, possibilitando ao público caminhar pelo espaço enquanto ouve informações sobre a exposição, os trabalhos e o artista, na pesquisa de Santos (2011, p.39) a maioria dos visitantes relataram preferir a utilização do material impresso. Durante a pesquisa, Santos ainda solucionou alguns problemas citados pelos visitantes que utilizaram esse recurso, como o fato da rápida velocidade entre as falas e as perguntas.

Um dos visitantes que utilizou os dois recursos disse preferir o material impresso, pois este auxilia mais visualmente do que o áudio-guia. Outro comentário sobre o áudio-guia foi o fato de ser um recurso novo e não tão aberto quanto a leitura visual da prancha, pois não é possível selecionar apenas alguns trechos para ouvir. Em função destes e de outros comentários a pesquisadora chegou numa consideração final que surpreendeu suas expectativas. A hipótese era que o áudio-guia seria um sucesso de aceitação e um apoio de mediação tecnológico atraente. Porém, afirma ter verificado uma posição contrária. O material impresso foi mais utilizado e mostrou ser mais efetivo. Aqueles que utilizaram o áudio-guia e aproveitaram melhor o recurso foram alunos que pertencem ao meio artístico. Portanto, para a pesquisadora, esse recurso não atingiu a quantia de visitantes desejadas.

Por experiência própria, de observação e de utilização dos recursos de mediação em outros museus, acredito no potencial desses materiais. Contudo, seria mais proveitoso se o público brasileiro já tivesse o hábito de visitar mais vezes os museus . seja como lazer em família, seja como uma proposta de aprendizado relacionado às escolas.

A pesquisa estatística do IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus, no ano de 2011, apontou que a medição em exposição mais utilizada nos museus brasileiros são aquelas com auxílio de sujeitos mediadores e, em seguida, mas em menor quantidade, aquelas com a utilização do áudio-guia e de outros materiais de mediação. Nessa pesquisa, o IBRAM também constatou que, embora esteja mais presente no Centro-Oeste e no Sudeste, ainda é baixa a quantidade de áudio-guias, computando no total de apenas 8%. Tal resultado é comentado como um reflexo do alto custo da aquisição dos aparelhos e do desenvolvimento dos conteúdos.

MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÃO DENTRO E FORA DO MUnA. Por participar do estágio de docência na disciplina de Estágio Supervisionado 4, no ano de 2011, vivenciei a mediação realizada pelos alunos para a exposição *Animais de Concreto*, do artista Alex Hornest. A mediação que os estagiários realizaram para adolescentes trabalhava com questões sobre arte, animais em

extinção, África, aprisionamento e outros conceitos que envolviam tanto as esculturas dentro do espaço do MUnA como, também, a pintura de um painel criado pelo artista num muro próximo ao Museu.

Ao acompanhar a mediação, que estava acontecendo nos dois espaços, rua e museu, auxiliei os quatro alunos, estagiários, a controlar o tempo e a administrar a troca de atividades. A visita teve o diferencial de desenvolver uma mediação com um trabalho que estava na rua, sendo um local onde os adolescentes haviam percorrido para chegar ao MUnA. Pensava-se que os visitantes teriam dificuldade para realizar a leitura da pintura no muro. Porém, por serem adolescentes, conseguiram responder às questões graças ao que já conheciam sobre grafite, pichação e arte da rua.

A proposta de oficina para esta mediação criou uma oportunidade para os adolescentes refletirem e criarem a partir do que haviam compreendido e discutido sobre a exposição. Cada adolescente escreveu uma carta comentando sua percepção dos trabalhos, dando sugestões e fazendo críticas.



Figura 9 - Mediação na exposição *Animais de Concreto*, do artista Alex Hornest. Dentro e fora do espaço do MUnA.
Foto: arquivo pessoal da autora. 2011

PARCERIAS MUnA E ESCOLA: QUANDO A ESCOLA NÃO PODE IR AO MUnA, O MUnA VAI A ESCOLA. Pelo fato das ações educativas do MUnA estarem sendo realizadas principalmente pelos estagiários da disciplina e

que os mesmos precisavam cumprir uma carga horária de prática, havia sempre a necessidade de existir uma demanda de visitas de escolas e grupos. Na tentativa de manter uma visitação constante, desde o início da atuação do **Professor L**, sempre existiu a divulgação das atividades educativas do Museu no próprio site, em cartaz informativo pela cidade e na mídia televisiva, radiofônica e jornalística, informando os horários e as atividades oferecidas. Contudo, mesmo com toda a divulgação externa e também da que foi realizada pelos próprios estagiários em escolas próximas, ainda havia pouca frequência de agendamento de grupos.

Nos semestres em que não se conseguiu uma demanda significativa de visitas ao MUnA, o **Professor L** propunha aos alunos que fossem divulgar o Museu nas escolas, oferecendo oficinas relacionadas à exposição. Desta forma, os alunos cumpriam a carga horária e executavam ações educativas dentro do espaço escolar, com referência de trabalhos expostos no MUnA. Em 2009, participei da primeira ação proposta pelo **Professor L**, denominada *O museu vai à escola*.

A atividade desenvolvida consistia em trabalhar com uma reprodução do acervo do Museu ou de exposições que estavam acontecendo. Diferente da proposta do *Projeto MUnA vai a escola*, de 2002, que previa levar um trabalho de Arte original do acervo do MUnA para a escola, essa proposta era mais fácil de ser executada.

O museu vai à escola favoreceu principalmente as escolas próximas ao MUnA que, apesar desta facilidade, tinham resistência em levar seus alunos. Além dessas, também participaram da proposta algumas escolas distantes, que realmente não tinham condições de transporte para realizar a visita.

PARCERIA MUnA E ESCOLAS: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL E ENRIQUECEDORA. Para estimular a demanda necessária para os estagiários cumprirem sua carga horária prática em mediação de exposição no MUnA, em alguns semestres, foram criados parcerias com escolas públicas próximas ao museu. Em 2010, o MUnA conseguiu uma parceria com duas escolas do período noturno, que teve bons resultados. No total, participaram 250 alunos e 8 professores do Ensino Médio e da Educação para Jovens e Adultos - EJA. Como

fruto dessa parceria, os estagiários da disciplina e o **Professor L** escreveram e publicaram um artigo, do qual retirei os dados e os relatos de experiência (ARSLAN et al., 2010, p.119).

Os estagiários visitaram as escolas estadual Américo Renné Gianetti e Estadual de Uberlândia, oferecendo o projeto de mediação em exposições do MUnA. As coordenações das escolas aprovaram o programa para ser realizado no período noturno, que consistia numa visita à exposição e à oficina (ARSLAN et al., 2010, p.119).

As mediações em exposições no MUnA foram elaboradas de acordo com as expectativas das escolas e dos seus alunos. Para tanto, foi realizada uma visita à escola para uma avaliação prévia do que os alunos sabiam sobre o museu que iriam visitar. Os alunos responderam não conhecer o MUnA e, com isso, não sabiam o que poderiam esperar da visita. Alguns apresentaram a ideia clássica de encontrar pinturas e esculturas e outros, ainda, externaram uma opinião estereotipada de que no museu haveria objetos antigos e raros. (ARSLAN et al., 2010, p.119 e 120)

Por se tratar de um grupo de jovens e adultos, os estagiários criaram dinâmicas de leitura que os fizeram refletir sobre o que estavam observando de uma maneira divertida. Segundo o próprio relato dos estagiários no artigo (ARSLAN et al., 2010, p.120) os visitantes ficaram surpresos com o que encontraram exposto no museu e como eles foram recebidos nessa mediação. Aliando a experiência de aprender arte de uma forma descontraída.

As conversas propostas pelos estagiários seguiam o fluxo da teoria do desenvolvimento estético que haviam estudados na disciplina, sob a perspectiva de Abigail Housen e Michael Parsons em relação ao que os visitantes relatavam sobre suas memórias e experiências relacionadas às obras. O fluxo da mediação na exposição seguiu conforme a intensidade de interação e das respostas interpretativas. Sobre esse momento, os estagiários escreveram que:

Quando começamos a mediação na galeria do MUnA, surgiram diálogos espontâneos; conforme prosseguimos, mesmo os alunos desinteressados passaram a interagir e a criar muitas interpretações aprofundadas e complexas sobre as obras. Os diálogos começaram com poucas participações, porém, na medida em que as perguntas eram

feitas, novas chances de conexão ou discordância apareciam e os alunos tinham a chance de observar as obras com mais interesse. Para cada obra foram dedicados de 10 a 15 minutos de conversa, as quais fluíram ora com muita tranquilidade ora com muita euforia. Muitos disseram que não esperavam que a visita fosse tão descontraída. (ARSLAN et al.,2010, p.120 e 121)

Os estagiários destacaram que a maior experiência aconteceu pela oportunidade de frequentar o MUnA nos dias da disciplina e da prática, podendo observar e analisar novamente os trabalhos expostos a cada nova mediação. A experiência de prática no Museu criou oportunidades para esses alunos construírem novos significados e interpretações sobre Arte. Sob a visão dos estagiários, a participação dos visitantes das escolas foi significativa, pois houve satisfatórias interações nas três ações propostas para mediação . leitura de imagem, discussão na mediação e prática no ateliê. Os estagiários finalizam o artigo afirmando que o espaço do MUnA é um laboratório privilegiado para a realização de estágio no ensino de arte junto à comunidade.

Em 2011, a parceria entre o educativo do MUnA e a escola é retomada novamente, mas desta vez com a Escola Estadual Bueno Brandão através do projeto PIBIC . UFU. As últimas mediações que se têm registro, bem como relatos desse ano, foram realizados na exposição *Ricardo Resende Arquitetura*, de 14 novembro a 19 dezembro 2011.

A mediação na exposição de homenagem ao arquiteto Ricardo Resende foi uma realização incrivelmente diferente por causa de três fatos: a exposição tinha temática centrada no cotidiano e nas criações de um arquiteto, artista e professor; o grupo de alunos visitantes já conheciam o MUnA; e, finalmente, os mediadores conheciam as características dos visitantes que iriam trabalhar.

Participei desta experiência junto com os estagiários da disciplina de Estágio Supervisionado 4, por causa do estágio docência. Em conjunto, optamos por criar materiais didáticos impressos que proporcionassem momentos de leitura e de investigação da exposição em grupos pequenos ou mesmo de forma individual.

A exposição que tratava das produções do professor e arquiteto da UFU, Ricardo Resende, pedia um olhar detalhado em cada objeto. A curadoria e a expografia se comportavam de maneira diferente em comparação a uma

exposição de Arte Contemporânea. Dessa forma, os estagiários puderam explorar outra maneira de realizar uma mediação. Não havia necessidade de um roteiro pré-definido para leitura de uma pintura ou escultura, por exemplo.

Foi possível realizar uma mediação em exposição composta por reflexão inicial sobre o Museu e a exposição, no espaço do auditório, seguida de um exercício de descoberta dos objetos expostos na galeria. Cada visitante recebeu um material impresso que continha algumas charadas e desafios sobre os objetos da exposição que deveriam ser desvendados. No início, os jovens ficaram acanhados para fazer os exercícios propostos sozinhos, pois estavam conhecendo o território. Aos poucos, os estagiários e eu fomos conversando com os grupos e auxiliando nas atividades.

O material produzido era composto por atividades apresentadas em uma folha A4. Na parte da frente, havia o desafio de descobrir quais eram os três objetos / imagens a que se referiam as pistas. O desafio B foi este:

B. O que sou?

1. Meu dono me fez diferente.
2. Apareço repetida algumas vezes.
3. Estou exposta nas fotografias e nas maquetes.
4. Ora sou quadrada, ora sou retângulo, ora sou redonda, ora estou de frente, ora estou de lado.
5. Ilumino e respiro! Cuido da ventilação.
6. Encontre três trabalhos onde apareço de diferentes formas.

Resposta: janela

A atividade no verso da folha teve como objetivo a busca de um detalhe da fotografia em preto e branco, que foi selecionado dentre as várias expostas, para depois relacioná-la a outros objetos, plantas ou maquetes que tivessem formas similares. Ao seguir, foi solicitado que tal objeto fosse desenhado. Para finalizar, os participantes deveriam escrever qual característica acreditavam ser mais marcante nos seus trabalhos.

O objetivo das atividades do material impresso era oferecer aos visitantes a oportunidade de desvendar as questões ao mesmo tempo em que percorriam a exposição observando vários objetos, plantas, fotos e maquetes expostas. Os mediadores andavam pela exposição auxiliando na observação de algum detalhe e também tirando algumas dúvidas de compreensão do exercício e dos trabalhos expostos. Na figura 10 é possível observar como essa mediação gerou outra postura na ocupação do espaço pelos visitantes: eles puderam percorrer a exposição de maneira livre, escolhendo qual trabalho olhar com mais atenção. Essa dinâmica possibilitou cada visitante a criar seu próprio roteiro de visita, seguindo conforme seu olhar.



Figura 10 . Mediação realizada pelos estagiários do MUnA, com a alternativa de material de exercícios criados para a exposição *Ricardo Resende Arquitetura*, de 14 novembro a 19 dezembro 2011.
Foto: da autora (2011)

Terminada a atividade na exposição, todos os adolescentes foram encaminhados ao auditório para uma conversa final. Nesse momento, discutimos os resultados encontrados, as percepções e as observações.

O fato ser uma expografia diferenciada, com trabalhos que envolviam o universo da arquitetura e da arte, permitiu que fosse explorado uma diferente

forma de mediação. Essa experiência se mostrou diferente em relação às mediações em exposição de arte pois, ao invés de ter um mediador que encaminha a reflexão para uma questão, foi permitido aos visitantes explorarem as diversas possibilidades de observação.

PRÓXIMOS PASSOS PARA MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÃO NO

MUnA. A **3ª temporada** é encerrada em meados de 2011, com a transferência do cargo de coordenador do educativo do MUnA do **Professor L** para o **Professor E.C.**. Após verificar as várias ações e transformações do educativo do MUnA através das condutas das mediações em exposição e das trocas de gestões, é possível pressupor que haverá um novo período de ações.

A presença de dois professores efetivos nas atividades educativas no MUnA, seja na coordenação, seja na disciplina de estágio no Museu, poderá render novos projetos e ações. A hipótese é que enquanto um estará responsável pela formação dos estagiários no atendimento ao público, o outro responsabilizar-se-á pela organização de mecanismos e maneiras de atrair o público e divulgar as exposições, as visitas orientadas e outros eventos. Com essa distribuição das funções essenciais para um bom funcionamento das ações educativas, espera-se que o MUnA ganhe novos frequentadores e se mantenha em sintonia com a sociedade.

Há ainda a possibilidade de que novamente haja a formação um setor educativo duplo no MUnA, que tenha alunos da disciplina e de estagiários não vinculados à disciplina, mas ligados diretamente ao MUnA. Talvez esta duplicação possa não causar tanta diferenciação de propostas e atividades, pois os dois professores são efetivos e relacionados à licenciatura.

Em visitas aos museus canadenses e americanos, foi identificada uma divisão de trabalho dentro da proposta de ação educativa. Esses museus se organizam em subáreas, distinguindo os funcionários ou voluntários em trabalhos exclusivos, como: mediação em exposição, cursos livres, programas públicos, serviço ao público, *gift shop*. Baseado nas experiências atuais, espera-se que os dois professores efetivos atuem de maneira complementar, atendendo às necessidades do MUnA.

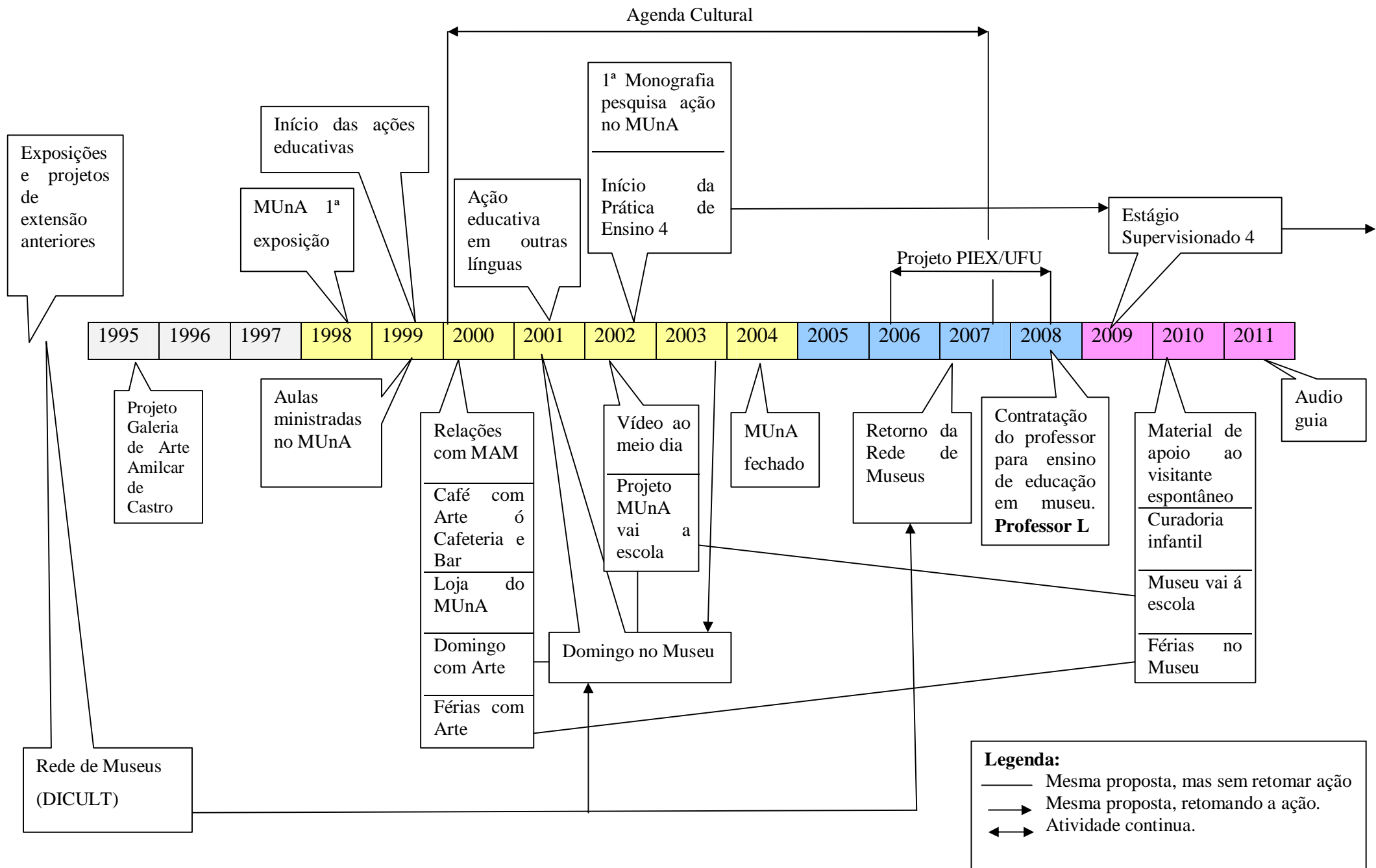
O programa de Pós Graduação, Mestrado em Artes, da UFU, também foi uma importante porta que se abriu para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao MUnA. Em relação à pesquisa de arte/educação já foi concluído um estudo do público de uma exposição do MUnA. A dissertação abordou um tema fundamental para o educativo do Museu, pois a partir de tal conhecimento e também a compreensão do funcionamento das mediações aqui estudadas, é possível pensar e propor diretrizes que possam auxiliar a ação educativa como um todo. Assim, pode-se trabalhar com propostas a partir das reflexões que surgem das pesquisas sobre as ações. Portanto, é essencial que os museus criem documentos e arquivos sobre suas práticas.

LINHA DO TEMPO: ações educativas e atividades de aproximação do público

Após a compreensão do percurso das práticas de mediação foi criado uma linha do tempo situando cronologicamente as principais ações educativas do MUnA que tiveram o objetivo de aproximar o público ao Museu. Nesse momento, o foco da pesquisa é ampliado: das mediações em exposição para uma ação geral de atendimento ao público, com o objetivo de compreender o panorama de atividades que foram construídas ao longo do tempo.

A linha do tempo está organizada de acordo com as três temporadas e atividades prévias à criação do MUnA. A partir dela, é possível verificar a existência constante de atividades museológicas, mas, ao mesmo tempo, a falta de continuidade da maioria delas. Portanto, as atividades foram realizadas pontualmente. Essa é uma das características que compõe a especificidade do educativo do MUnA, que mostra sempre renovações de ideias e novas propostas.

A criação deste recurso para visualização das práticas educativas desenvolvidas no MUnA não impede que sejam acrescentadas e referenciadas outros fatos e eventos. Esta linha do tempo abre caminho para futuras pesquisas dentro da proposta das temporadas e, possibilita realizar uma hibridação entre outras áreas museológicas.



5. PROBLEMAS E SOLUÇÕES NAS MEDIAÇÕES EM EXPOSIÇÃO DO MUNA

EVERY COLLEGE, EVERY UNIVERSITY, has museum problems. Some of these problems relate to collections, and come as often from having unwanted stuff as from not having things that are needed. Other problems relate to aims and support, and still other to people. Many an establishment is beset in all these ways (COLEMAN, 1942, p.3).

Apesar dessa citação inicial ser do ano de 1942 e representar uma publicação estrangeira, ela apresenta a existência de problemas de um museu universitário que se assemelham as questões atuais. Quando Adriana Mortara Almeida (2001, p.4) fez sua pesquisa, ela também encontrou alguns pontos em comum entre museus universitários brasileiros e estrangeiros. Eles teriam algumas dificuldades em comum, como, por exemplo, problemas financeiros, falta de autonomia, falta de espaço para exposições e armazenamento, falta de profissionais especializados e entre outros não citados.

Neste capítulo, a atenção é voltada para os problemas e as estratégias nas mediações em exposição. Após compreender como as mediações foram desenvolvidas nas dinâmicas e projetos, faz-se agora o levantamento de algumas dificuldades e proposições de soluções quanto à realização dessas práticas no MUnA, relatadas nas entrevistas e nos registros escritos. É importante ressaltar que esta pesquisa se justifica exatamente no fato do MUnA poder traçar diretrizes para as suas práticas educativas, a partir de uma reflexão sobre suas próprias experiências e dificuldades.

5.1 Recursos humanos

5.1.1 Remuneração e não remuneração dos estagiários.

A existência de museus nas universidades é considerada significativa para o campo de formação em arte, biologia, geologia, astronomia e outros. No livro de Coleman (1942), que relata as experiências de museus universitários, no âmbito dos Estados Unidos, já é visível a expressiva relevância de haver um campo de estudo e experimentação junto à formação acadêmica. É inegável que os museus

proporcionam uma elevada contribuição à educação, baseada no ensino e na pesquisa direta com a matéria de estudo (COLEMAN, 1942, p.3).

A primeira obrigação do museu universitário é atender a graduação, pós graduação e o corpo estudantil, mas há aqueles também que criam programas públicos para a comunidade (COLEMAN, 1942, p.5). O interesse dos mediadores, discentes do curso de graduação em Artes Visuais, em participar das atividades do MUnA era fruto da vontade de realizar um estágio que proporcionasse uma experiência extra à formação. O compromisso dos discentes era mantido pelo fato de que se não atendessem às demandas do Museu, sabiam que poderiam ser trocados por profissionais mais dedicados, com interesse na área.

Segundo relato do **Professor R**, nos primeiros anos da **1ª temporada** de mediações em exposição do MUnA, apesar da falta de recurso salarial, os estagiários recebiam os cursos do MUnA sem custo. Todos os estagiários, do setor educativo à montagem, puderam participar de cursos com profissionais de outras cidades, como São Paulo. A valorização dos estagiários foi tamanha que, em alguns casos, os discentes participaram de mediações mesmo depois de terminada a graduação.

Dentre as três temporadas de ação educativa do MUnA, houve vários estagiários remunerados mas, na maioria das vezes, essa demanda sempre foi pequena em relação à procura. Se formos contabilizar, houve mais estagiários voluntários do que estagiários remunerados⁶³.

Alguns discentes construíram uma afeição tão grande com o MUnA que, se pudessem, não sairiam mais daquele espaço. No Brasil, ainda não há uma perspectiva de carreira profissional no campo de educação em museus, essas atividades são realizadas na sua grande maioria pelos estagiários. Esses por sua vez, não ficam trabalhando como estagiário por muito tempo e, assim, o trabalho de formação para o educativo do museu é constantemente refeito.

Podemos citar como exemplo, dois dos ex-alunos entrevistados, que depois tornaram professores da UFU, mantiveram em atividades no MUnA por um longo período, mas ao final não tiveram apoio profissional do Museu. O **Ex-aluno/Professor M** relatou que seu carinho com o MUnA superava as

⁶³ Na estática dos alunos entrevistados, entre os 5 alunos, 3 tiveram alguma remuneração pelo MUnA . não especificando a área de educação em museu.

expectativas de ter ou não remuneração. Ele foi um dos estagiários que aproveitou todos os tipos de eventos oferecidos. O MUnA foi realmente um laboratório de arte complementar à sua formação pois, enquanto não estava nas disciplinas, frequentava o museu. Ele ainda relata que a falta de remuneração não foi uma dificuldade, pois conseguiu recursos por outras vias . fazendo monitorias de disciplinas e trabalhando pela DICULT.

No caso do **Ex-aluno/Professor J**, depois de ter terminado a graduação, e com isso encerrado o seu estágio remunerado, ele continuou participando do atendimento ao público como voluntário. Para suprir a falta de recursos ele ministrava oficinas pagas no MUnA.

Pelos relatos de ex-alunos e professores que atuaram nos primeiros anos de atuação do MUnA, aqueles que participaram efetivamente nas diversas atividades fizeram com o objetivo de ver o espaço crescer, evoluir e ser valorizado pela UFU, pela cidade e pela comunidade. Em 2000, foram expostas importantes produções artísticas contemporâneas, como: *Arte Contemporânea Brasileira sobre papel na coleção do MAM* (5 abril a 31 maio de 2000), *XS/XL. Extra Small/Extra Large* (8 de junho a 30 de julho de 2000) com curadoria de Nancy Betts, *Requiem para Maria Rosa - José de Quadros* (31 de outubro a 30 novembro de 2000), e também de outros importantes artistas. Nesse período os discentes em arte tiveram o privilégio de apreciar importantes exposições sem precisar viajar para São Paulo. Para aqueles discentes que participavam do estágio no MUnA foi uma época marcante, pois tiveram ótimas oportunidades de aprendizado e contato com curadores, artistas e suas produções.

Adriana Mortara Almeida (2001, p. 5) que pesquisou sobre os museus universitários, afirma que essa instituição deve aproveitar as vantagens de estar vinculada ao ensino acadêmico. Museus universitários ganham um caráter duplo para aquisição de conhecimento. Os museus oferecem uma rica experiência e formação aos discentes e docentes, enquanto a universidade dispõe de recursos humanos e científicos para a atuação museológica. Neste mesmo sentido, porém com outras palavras, Cristina Bruno (1997, p.54 e 55) apresenta a relação de troca existente entre museu e universidade, quando se pensa no contexto em conjunto, no qual cada um oferece sua competência para o outro.

Considero que qualquer discussão sobre museus universitários não pode descartar, por um lado, a indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão e, por outro lado, as características inerentes aos processos museais (BRUNO, 1997, p.54).

Portanto, aqueles que atuaram no MUnA sempre tiveram alguma ligação com a Universidade. Até em 2011, não existiu um profissional ou técnico que seja contratado especificamente para área de educação em museu. A última conquista foi a contratação de um museólogo para trabalhar diretamente com o acervo e a reserva técnica do Museu. As áreas de segurança, limpeza e secretaria sempre foram compostas por técnicos vinculados à UFU. O que variava a cada gestão era a quantidade deles.

Na gestão de 2001 a 2004, na qual o **Ex-aluno D** participou como estagiário remunerado, nos anos de 2002 e 2003, não havia uma definição de atividade específica para o estagiário fazer no MUnA. Ele deveria estar presente nas atividades do dia a dia do Museu, ajudando conforme a necessidade do momento. Sobre as atividades realizadas por ele e quanto à participação dos funcionários o **Ex-aluno D** relatou:

Naquela época, abriram vagas para estagiários renumerados, mas não havia uma função específica. Eu lembro que o coordenador geral me colocou junto à ação educativa, mas não tinha uma exigência de entregar relatórios. Eu fazia várias atividades quando precisava, ajudava no administrativo, na montagem da agenda, na monitoria, porque a equipe era pequena. A única atividade com a qual eu não me envolvia era na curadoria e na biblioteca. Quando montava exposições, havia um rapaz nessa atividade, mas se precisasse eu ajudaria. Havia uma equipe muito pequena: dois funcionários na secretaria, um funcionário na segurança, o professor que coordenava o Museu, um rapaz da montagem (que não sei se era renumerado), uma pessoa que abria a biblioteca, um dia da semana, e eu. (informação verbal)⁶⁴

A partir da criação da disciplina obrigatória de estágio, na licenciatura, a ser realizada num espaço cultural, priorizou-se o estágio no MUnA. Portanto, houve uma mudança na intensidade do compromisso dos discentes em relação ao

⁶⁴ Entrevista concedida à autora, via Skype, em 14 de maio de 2012

MUnA. Essa observação foi relatada pelo **Ex-aluno D** que participou das ações educativas do MUnA, na fase de transição da carga horária dos currículos. Segundo ele, alguns alunos participaram da disciplina como uma obrigação para terminar o curso, não mostrando empenho necessário.

Apesar do conhecimento e preparação destes educadores, percebeu-se que alguns deles tinham apenas como interesse o cumprimento da carga horária prática exigida pela disciplina na qual estavam matriculados e não um compromisso com o trabalho da ação educativa. Este dado foi observado pela frequência - o número de faltas e atrasos, no descaso durante as ações, a não recepção de visitas individuais e o pouco questionamento aos visitantes (WEBER, 2003, p. 42 e 43).

Em outro momento, após a criação da disciplina de estágio, na **2ª temporada** de ações educativas do MUnA, havia estagiários vinculados aos projetos de extensão, remunerados e voluntários, e aqueles discentes da Prática de Ensino 4. Segundo o **Ex-aluno A**, que realizou ambas as ações, todos os estagiários eram compromissados com suas funções no Museu. Havia a obrigação de cumprir 12 horas semanais, existindo ou não visitas marcadas. Os estagiários frequentavam o MUnA entre os seus horários da disciplina, para estar à disposição do público espontâneo quando necessário, na recepção da exposição.

Na **3ª temporada** os estagiários foram, em sua maioria, discentes da disciplina de estágio, ou seja, não remunerados. Desta forma, em alguns períodos do ano em que não havia a disciplina, faltavam estagiários. Para suprir a falta de recurso humano, em alguns períodos, foram elaborados materiais de apoio para o visitante espontâneo, oferecendo mediação na exposição além do que já havia . textos de parede, *folder* e etiqueta.

Até o ano da pesquisa, 2011, o problema que envolve recursos humanos para atendimento ao público no MUnA é na determinação de responsabilidade da realização das práticas unicamente pelos discentes da disciplina. A falta de uma equipe contínua que siga com propostas de mediações por mais de um semestre vem do fato que a disciplina de estágio no MUnA faz parte do último ano de formação dos discentes. Mesmo que eles tenham interesse, seja na prática, seja

em desenvolver uma pesquisa na área, o fato de já estarem formados faz com que acabem não prosseguindo com a ideia.

O professor de estágio no MUnA lida com o fato de cada semestre ter que formar um novo grupo de estagiários. O **Professor L** contratado, para fazer essa preparação, relata que precisa sempre ~~%correr+~~, pois o Museu necessita desses estagiários. Contudo, esse fator acaba sendo um recurso de estar sempre renovando as dinâmicas, pois além de cada exposição ser única também há a questão da mudança constante de estagiários, provocando sempre novos desafios.

Uma alternativa para suprir a carência de mediadores que permaneçam por vários anos é preparar os funcionários fixos com informações básicas, caso o público espontâneo necessite. Esta proposta, já praticada em alguns museus brasileiros e internacionais, também foi estudada por alguns pesquisadores. O fato do funcionário conhecer os objetivos e a história do museu faz com que ele aprecie e valorize o seu trabalho junto à instituição. Como no caso do MUnA há sempre uma mudança constante de exposição, seria proveitoso se os funcionários também fizessem parte desta formação específica.

Alguns dos entrevistados . assim como Maria Celinda Santos em seu trabalho de conclusão de curso . citaram casos em que a recepcionista ou o segurança do MUnA eram os únicos funcionários para receber o público espontâneo e, por isso, informavam os visitantes sobre a existência de textos, *folders* e outros materiais de mediação que poderiam acessar. No caso da pesquisa de Santos (2011), a recepcionista foi citada como uma importante fonte de informação e auxílio quando a pesquisadora não estava presente:

Na segunda-feira, dia 03 de outubro, passei as orientações para a recepcionista do MUnA, Nilva. Expliquei como devia conduzir a oferta do material de apoio, explicando o funcionamento do MP3.

Nilva foi um ~~%curso+~~ muito importante para a pesquisa, pois nos momentos em que não me encontrava no museu, ela observava o comportamento das pessoas e depois repassava para mim. (SANTOS, 2011, p.35)

5.2 Organização das ações educativas

5.2.1 Preparação dos estagiários

Nas três temporadas de ação educativa do MUnA sempre existiu algum tipo de preparação dos estagiários, por meio do contato com o próprio artista, pesquisas, leituras de textos ou mesmo pela formação orientada por um docente responsável. Nesse percurso de formação dos estagiários existiu em vários momentos a falta de acesso às informações sobre as exposições e principalmente uma lacuna referente a formação contínua com encontros frequentes para discutir as ações.

Segundo o **Ex-aluno / Professor J**, nos primeiros anos, 1998 e 1999, não existia propriamente uma preparação dos monitores para seguir uma linha de estudo e de trabalho. A formação dos monitores para a ação educativa acontecia na montagem da exposição e nas palestras, quando o artista e/ou curador estavam presentes, buscando também informações dos repertórios dos artistas. **Ex-aluno / Professor J** afirma que sua experiência, mesmo sem uma preparação formal, serve de orientação para seu trabalho atual em outra instituição cultural. O exercício da prática proporcionou a ampliação de seu conhecimento.

Por outra perspectiva sob este tipo de preparação dos estagiários, em outra gestão, mas na mesma temporada, o **Ex-aluno D** relatou ter dificuldades para a realização de um planejamento de ações sem ter o acesso prévio às informações. Ao esperar a montagem da exposição, o tempo que havia para planejar uma mediação era reduzido. O mesmo problema seguiu até 2011, dificultando o planejamento das ações pela falta de tempo. Por outro lado, quando as exposições duravam mais, era possível realizar todos os processos necessários para que a mediação acontecesse e desse bons resultados.

Segundo **Professor M.S.**, que participou da **1ª temporada**, quando havia tempo, as ações educativas eram planejadas em conjunto com os estagiários. Porém, quando não havia, os próprios professores responsáveis elaboravam uma proposta e apresentavam para os estagiários, que podiam sugerir outras possibilidades. O pouco tempo para o planejamento das mediações e para a preparação dos estagiários também era um problema próximo ao final do semestre ou do ano letivo.

O **Professor E.T.** . quando questionado sobre a formação dos estagiários vinculados ao projeto de extensão da UFU, no período de 2007 e 2008 . afirmou

que houve reuniões para discussão da mediação, com orientações sobre o momento da leitura dos trabalhos expostos. Também foi preciso trabalhar, com os estagiários, as questões de impostação de voz, expressão corporal, maneiras de receber o público e atrair crianças com jogos e brincadeiras. Ou seja, foi preciso preparar o estagiário além das informações artísticas e poéticas para depois iniciar o contato com o público.

Alice: Para o momento da leitura das obras na exposição, foi preciso um preparo nos estagiários, fazer reuniões de discussão?

Professor E.T.: Sim, até para orientar os monitores sobre o limite de discussão, para cada faixa etária. Na leitura das obras, nós sempre pedíamos que ela fosse feita através das perguntas ao público, porque se você apresenta a leitura pronta, fica desinteressante. Então nós orientávamos que quando estivessem em frente à obra, perguntassem: %Q que vocês estão vendo? Onde será esse lugar? Vamos ler na etiqueta? Alguém já foi em tal lugar?+. Com isso, leitura é sempre pelo questionamento das crianças. (informação verbal)⁶⁵

A preparação dos estagiários para atender ao visitante não se limita a questões sobre arte, mas precisa também seguir o caminho para compreensão do museu e da formação do MUnA. Essa necessidade é observada após o **Ex-aluno A** e o **Professor P** relatarem a presença de alunos do grupo EJA, visitando o MUnA em busca de informações sobre sua história. Como se pode ler no relato abaixo:

Ex-aluno A: Havia um professor de ensino do EJA que mandava seus alunos visitarem o MUnA, e víamos alguns também na abertura. Eles sempre visitavam o Museu com um caderno, para responder algumas questões. Havia uma boa intenção por trás desses trabalhos, porém eles apareciam com perguntas além da exposição . queriam saber sobre a história do MUnA, em que ano foi aberto, como foi criado. (informação verbal)⁶⁶

⁶⁵ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 16 de abril de 2012.

⁶⁶ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de abril de 2012.

O problema da falta de informação histórica sobre o MUnA por parte dos estagiários e dos funcionários técnicos foi suprida pela criação de um material impresso que ficará disponível ao público na recepção. Além disso, também foi estudado e discutido o contexto histórico e arquitetônico do Museu com os últimos estagiários que atuaram nas mediações, em 2011. A questão é se nas próximas gestões ainda haverá tal material à disposição e se o professor da disciplina manterá com tal abordagem em suas aulas teóricas.

5.2.2 Divulgação e o público

A educação em museu costuma ser considerada como um ensino não formal e a educação escolar como ensino formal. O espaço de aprendizagem foi ampliado para o museu no início do século XX. Segundo Grinspum (2000, p.42), os aspectos necessários para a compreensão dessa prática são o conhecimento tanto dos diferentes públicos, quanto da linguagem dos objetos (sejam artísticos, históricos e outros). A definição de público, segundo a autora, está associada aos usos da instituição museológica. No caso do MUnA, seu uso está relacionado ao ensino e à pesquisa do curso de graduação e pós graduação em Artes e, também, ao atendimento da população da cidade, disponibilizando um espaço para fruição e exposição das produções artísticas nacionais e da região.

Desde a primeira temporada de ações educativas no MUnA, os docentes e discentes sempre estiveram preocupados em receber o público da cidade de Uberlândia. Como exemplo de outras instituições museológicas ligadas a universidade, o MUnA também abriu frentes para receber o público escolar, com a intenção de formar um público apreciador das artes visuais.

As funções de um museu universitário, segundo Almeida (2000, p. 27) estão de acordo com a história da universidade, a formação da coleção e as necessidades da região. Dessa forma, o perfil do MUnA está ligado à universidade e à cidade, atendendo os dois públicos. Dentro do seu planejamento do programa educativo, o MUnA prevê atendimento individual e coletivo, pois seus estagiários estão disponíveis para essa atribuição. Mesmo que na **1ª temporada** ainda não existisse uma disciplina de licenciatura vinculada ao Museu, os docentes e discentes sempre se mostraram ativos.

Em vários relatos dos entrevistados foi identificada a preocupação em como divulgar o MUnA às escolas, para que elas possam usufruir da atividade oferecida, fazendo com que o Museu seja um espaço cultural significativo para o desenvolvimento da capacidade crítica de cada visitante. Em 2002, com a realização da primeira pesquisa-ação sobre mediação no MUnA, foram constatadas algumas dificuldades de contato e agendamento entre grupos escolares e o Museu.

Entre alguns dos fatores que dificultam a relação entre Museu e escola estão: a falta de espaço na agenda escolar em determinados períodos do ano letivo, a questão do transporte e a falta de informações sobre as exposições. No caso citado por Weber (2003, p.41), quando a responsável em divulgação da ação educativa do MUnA entrou em contato com escolas da cidade, de parou-se com o problema de falta de tempo, pois era o final do ano letivo e uma visita ao museu iria comprometer o período de avaliação dos alunos. Na tentativa de encontrar alguma escola que mostrasse o interesse pela mediação . uma vez que os estagiários da disciplina e a pesquisa-ação precisavam cumprir tais tarefas . foi elaborado um material explicativo sobre a exposição e as ações realizadas pela equipe, que seguiu por mala direta a 260 escolas públicas e particulares da cidade de Uberlândia. A criação de tal material foi necessária para oferecer mais informações sobre a exposição, pois a *agenda cultural* do Museu encaminhada às escolas a cada semestre, ou até mais vezes, era produzida para atender o público em geral.

Em outra situação, durante a **2ª temporada** das ações educativas do MUnA, na qual o **Professor E.T** e o **Professor M.S.** eram responsáveis pelo educativo, houve um maior diálogo entre os professores de arte da rede municipal de ensino e o Museu. Os professores de licenciatura responsáveis pelo educativo e os professores da rede formal de ensino frequentavam o mesmo grupo de estudos, que acontecia quinzenalmente ou mensalmente. Assim, antes da abertura de uma nova exposição, os professores ficavam informados e poderiam programar uma visita com seus alunos caso se interessassem. Ao planejar uma visita ao museu, os professores dependem de um processo que demanda tempo. Portanto, o acesso prévio às informações sobre a exposição permite que eles se programem e aumenta a possibilidade de visita o museu.

Concomitante a esse diálogo frequente, os responsáveis pelo educativo enfrentaram, em várias ocasiões, o fato de faltar informações sobre a próxima exposição, pois o setor de montagem e de curadoria não as disponibilizavam com antecedência. Ao mesmo tempo em que se conseguiu estabelecer uma comunicação com as escolas, dentro do próprio Museu não havia esta troca. Aconteceu do professor de arte se interessar pela próxima exposição, para programar uma visita e poder trabalhar em aula algum conteúdo relacionado, e o educativo ainda não saber o que seria exposto.

Segundo relato do **Professor M.S.**, outro fator que aproximou os professores de arte do ensino formal ao MUnA foi que o Polo UFU Arte na Escola, situava-se dentro do Museu. Na **2ª temporada** de ações educativas, entre os anos de 2005 e 2007, quando os professores buscavam os materiais de referência para aula nesse espaço, também aproveitavam para conhecer a exposição que estava acontecendo no momento.

Ainda nessa temporada, o **Professor E.T.** falou sobre o episódio em que o Museu e o curso de Artes Plásticas conseguiram um ônibus através da UFU para fazer o transporte de algumas escolas. Foi perguntado ao responsável da garagem da UFU a possibilidade de disponibilizar mais ônibus e o mesmo alegou que não era possível, uma vez que isso não estava previsto no projeto pedagógico do curso. Portanto, fica evidente como o MUnA e a graduação em Artes Visuais são dependentes, mas não há uma previsão de uma necessidade em comum. Se os alunos de graduação precisam realizar uma carga horária prática no Museu e dependem da demanda de visita de grupos, facilitaria se tal necessidade estivesse prevista na Universidade. É importante que um museu tenha uma visita constante para sua legitimação e valorização mas, de certa forma, a obrigação de criar visitas mediadas para grupos no MUnA está vinculada à formação do discente.

Como já mencionado no capítulo anterior, na **3ª temporada** o **Professor L** criou alternativas para resolver o problema da falta constante de visitas de grupos ao MUnA. O maior fluxo de mediações de grupos em exposição ocorreu a partir do planejamento com as escolas próximas. Ao estabelecer esses vínculos, foi possível realizar mediações em horários que convencionalmente o Museu não era aberto.

Professo L: O maior fluxo que eu tive, numa turma do noturno, foi através da Escola Estadual Renné Gianetti e os alunos do noturno da Escola Museu, que ficam próximos ao MUnA. Nesse período, nós tivemos uma agenda lotada de visitação, pois fomos até a escola, conversamos com a professora, a coordenadora e a diretora e, depois, passava para aprovação na diretoria. Como esses alunos iriam ao MUnA caminhando pela rua, foi preciso de realizar uma organização prévia. A falta do público frequente, nos faz buscar os alunos. (informação verbal)⁶⁷

Quando não se conseguia criar um vínculo entre as escolas e o MUnA, os estagiários eram estimulados a desenvolver outras atividades que poderiam ajudar a divulgar o espaço e estabelecer novos contatos de comunicação, como já foi exemplificado no capítulo anterior: as propostas do *Museu vai a escola* e o material de apoio para o visitante espontâneo.

O MUnA e a mídia sempre estiveram em comunicação constante, havendo em alguns momentos a presença de professores responsáveis somente pela divulgação e outros em que o próprio responsável pelo educativo comunicava a mídia sobre as ações educativas que estavam sendo oferecidas.

Em relação ao contato com a comunidade universitária, o MUnA teve desde o início a intenção de agregar todos os cursos que se interessassem. Há uma divulgação interna pelo site da UFU, pelos campi e pela TV Universitária. O público universitário, principalmente do curso de Artes Visuais, sempre foi estimulado pelos docentes, tanto que alguns consideravam as aberturas de exposição e palestras como aulas. O MUnA, além de oferecer oportunidade de estágio aos universitários, também proporciona o contato com produções artísticas contemporâneas, que só seria possível com o deslocamento para grandes metrópoles.

Ex-aluno A: Eu lembro que as exposições vindas do MAM, como Veracidade (2007) também recebeu bastante público, mas não tanto escolas, foram mais alunos do curso de Artes Visuais, até aqueles que não têm o costume de visitar o MUnA. O público era mais espontâneo, porque foi uma exposição com muitas fotografias de artistas conhecidos e, por isso, chamava a atenção para o público interessado em

⁶⁷ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de agosto de 2012.

Arte Contemporânea. Os alunos que estudam na faculdade tiveram a oportunidade de ver trabalhos de artistas renomados ao vivo, sem ter que sair da sua cidade. Que dia você irá ver um Leon Ferrari no MUnA? (informação verbal)⁶⁸

O visitante universitário costuma aparecer no MUnA de forma espontânea, em pequenos grupos ou mesmo sozinho, não necessitando de uma mediação.

Uma questão que se coloca para estabelecer um contato frequente entre o MUnA e os diferentes públicos é que aconteçam eventos variados, divulgados em diferentes mídias e em diferentes formatos. A *Agenda Cultural* elaborada e impressa entre os anos de 2000 a 2007 foi um importante mecanismo de divulgação. Hoje se deve pensar também em atender o público pela internet. Além da divulgação para os estudantes da UFU pelo site, também há um perfil no *facebook* que publica as novas exposições e os editais. Porém, ainda assim é preciso estar sempre preocupado em ampliar o público, desenvolvendo mecanismos em que o visitante mantenha contato com o Museu.

Segundo Vicky Woollard (2004, p. 117) a princípio tinha-se o receio que a divulgação do acervo, das coleções e dos serviços dos museus pela internet pudessem diminuir a visitação presencial. Porém, essa preocupação não foi justificada. Pelo contrario, a divulgação serviu para que os visitantes se relacionassem com o museu e utilizassem o espaço virtual para a preparação da visita com antecedência. A internet possibilitou criar novos públicos, que tomaram consciência dos museus, pois se sentiram incentivados a fazer a visita real após a navegação no museu virtual.

O MUnA disponibiliza no site grande parte de seu acervo, com fotos e descrições. Contudo, ainda não foi devidamente explorado pelo educativo, pois há poucas exposições dessas produções artísticas. Na gestão de 2008 a 2009, foi apresentada a proposta de manter uma exposição do acervo por mais tempo, no mezanino da galeria.⁶⁹

5.2.3 Atendimento ao público

⁶⁸ Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de abril de 2012.

⁶⁹ Tal proposta é apresentada ainda neste capítulo, no momento de discutir as possíveis relações entre a atividade do educativo e outras atividades museológicas.

5.2.3.1 Sistemas de Organização

Para que a mediação em exposição aconteça, além das etapas apresentadas . preparação dos estagiários e divulgação das atividades do Museu . é preciso uma organização do calendário das visitas, fichas sobre os estagiários e as escolas, preparação dos materiais didáticos e atividades na oficina.

Nos registros de atividades do primeiro ano, na **1ª temporada** de ações educativas (1998-1999), foram encontrados alguns documentos que registram o uso dos espaços do Museu e suas atividades. São importantes documentos que comprovam o relato das práticas educativas. Há, por exemplo, cartas de escolas solicitando uma visita ao Museu, constando o nome do professor responsável, quantidade de alunos e a escolaridade.

As cartas de solicitação de *Visita Monitorada*⁷⁰, feitas pelas escolas, em 1999, ressaltam como a visita podia enriquecer o trabalho desenvolvido na escola ao longo do ano pelos professores, bem como colocar os alunos em contato com a arte. Numa das cartas há uma interessante frase: *“Estamos certos de que essa aula passeio enriquecerá nossos alunos, despertando seu interesse para as artes.”* (Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha, 25 de maio de 1999). Na carta, a responsável administrativa da escola compara a *Visita Monitorada* à aula passeio. Ou seja, aproxima o universo escolar (aula) ao Museu (passeio).

No ano de 1999, como consta nos registros, as *Visitas Monitoradas* tiveram o agendamento de diversos públicos . os próprios professores da UFU levaram seus alunos, assim como as escolas da rede do ensino particular e público.

Foram encontrados documentos que comprovam a visita na exposição do MUnA pelos docentes UFU com seus alunos, seja relacionada a uma disciplina, seja com a proposição de oficinas. Nos documentos e no relatório anual desse período, pode-se quantificar as *visitas monitoradas* das escolas públicas e particulares, pois havia um sistema para registrá-las. Não cabe nesta pesquisa apresentar e analisar tais quantidades, mas sim compreender como elas foram organizadas. As fichas de *Visitas Monitoradas* continham informações sobre a escola, dia da visita, quantidade de alunos e o estagiário que os atendeu.

⁷⁰ Visita monitorada era o nome que se definia a mediação em exposição realizada em grupos.

O **Professor C** relatou em entrevista que a organização prévia das mediações realizadas, entre 2001 e 2004, quando esteve presente no educativo do MUnA, tinham a sistemática de uma tabela-painel, que ficava afixada na parede, permitindo o acesso de todos. Nela era anotado o nome da escola, o horário e a quantidade de alunos, para auxiliar os esquemas de trabalho.

Ainda sobre os registro das mediações, encontrei nos arquivos do MUnA as diferentes formas que foram utilizadas na segunda e na terceira temporada. Criou-se um padrão de registro que sofreu poucas modificações. Nele consistiam as principais informações sobre a escola ou sobre grupo que faria a visita, pois se fosse preciso entrar em contato, havia endereço, telefone e nome dos professores (ver figura 11). Além dessa ficha, havia um calendário, no formato A4, na orientação horizontal, para marcar as informações da visita e facilitar na visualização dos dias e horários disponíveis (ver figura 12).

Agendamento de Visitas Monitoradas

Data: DD/MM/AA	Instituição:
	Prof. Responsável:
	Fone:
Horário:	Nº de visitantes:
	Faixa etária:
	Obs.

Data: DD/MM/AA	Instituição:
	Prof. Responsável:
	Fone:
Horário:	Nº de visitantes:
	Faixa etária:
	Obs.

Data: DD/MM/AA	Instituição:
	Prof. Responsável:
	Fone:
Horário:	Nº de visitantes:
	Faixa etária:
	Obs.

Figura 11 . Ficha de agendamento das mediações em exposição
Fonte: Arquivo do MUnA

- Visitas Agendadas -

MINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO	D E Z E M B R O / 2 0 0 8
	1	2	3	4	5	6	
	8	9	10	11	12	13	
	15	16	17	18	19	20	
	22	23	24	25	26	27	
	29	30	31				

Figura 12- calendário de organização das mediações em exposição.
Fonte: Arquivo do MUnA

Devido à rotatividade de estagiários em atividades do MUnA, em alguns períodos foram implementadas ficha de cadastramento dos mesmos e ficha de inscrição para avaliação prévia. Para uma instituição museológica, é importante ter informações sobre seus funcionários e estagiários, tanto de endereços como de intenções e experiências, pois são eles que conduzem as atividades.

Apesar do museu ser constituído por objetos, quem os preserva, divulga e organiza são seus responsáveis. Em muitos casos, existem profissionais que fazem importantes tarefas e conhecem a fundo a organização de certos materiais. Para maior controle institucional, deveria ser realizado o cadastramento dos estagiários, seja vinculado ou não à disciplina.

Para auxiliar o leitor da pesquisa, interessado em conhecer e talvez até utilizá-la como referência, segue algumas propostas encontradas nos arquivos do MUnA.

Museu Universitário de Arte / Universidade Federal de Uberlândia
Pça Cícero Macedo, 309 – Bairro Fundinho
Telefax: (31) 231.7708 - E-mail: muna@ufu.br

FICHA DE INSCRIÇÃO ____ / ____ / ____ Data: ____ / ____ / ____

Estagiário(a) ☐ Voluntário(a) ☐

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro _____ CEP: _____

Fone Residencial: _____ Celular: _____

CPF: _____ RG: _____

Disponibilidade de Horário:

Manhã () Tarde () Noite ()

Qual o seu interesse em participar como estagiário do Museu Universitário de Arte?

Você tem alguma experiência? Em qual área?

Figura 13 . Ficha de inscrição dos estagiários.
Fonte: Arquivo do MUnA

Ficha de Cadastro
Monitoria Ação Educativa

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

Data de nascimento: _____

R.G.: _____ C.P.F.: _____

Figura 14 . Ficha de cadastro: monitoria ação educativa.
Fonte: Arquivo do MUnA

A documentação da organização das mediações educativas na forma de calendários, de fichas das escolas e dos grupos e de cadastros dos estagiários,

pode parecer insignificante, porém ela mostra que, de fato, aconteceram as mediações. Pode ser que nem todas as mediações tenham sido registradas e, em alguns períodos, tenham tido falhas. Ainda sim, o estudo aponta a dinâmica entre estagiários e docentes responsáveis que conviviam do processo de ação educativa do MUnA. Para a pesquisa, esses registros tem caráter de apresentar a sistemática que pode ter auxiliado no desenvolvimento das mediações, além de possibilitar que futuras ações possam ser pensadas segundo organizações prévias.

5.2.3.2 Produção de material didático

Nas duas primeiras temporadas de ação educativa do MUnA houver poucos relatos de produção de material didático para auxiliar na mediação em exposição. Por outro lado, na **3ª temporada** foram elaborados e explorados diversos formatos de material.

O **Professor M.S.** relatou que, na **2ª temporada**, foram desenvolvidos alguns materiais para serem trabalhados em visitas a exposição. Contou um exemplo em que utilizaram palavras impressas para auxiliar na leitura das produções artísticas. O próprio visitante deveria encontrar a palavra que se encaixava com as produções expostas, explorando a temática da linguagem escrita à qual os trabalhos remetiam. O que fica evidente é que as constantes trocas dificultam a frequência de elaboração dos recursos didáticos para cada exposição.

O **Ex-aluno A** mencionou que, além dos textos de parede, em algumas exposições havia textos específicos disponibilizados pelos artistas aos visitantes espontâneos. Contudo, eram textos de consulta no Museu, não podiam ser levados como um *folder*.

A elaboração de recursos educativos para se trabalhar em mediações de grupos ou individualmente depende de três fatores: informação, reflexão e elaboração. A informação, como já referenciado na discussão anterior, muitas vezes chegava atrasada para os estagiários e docentes do educativo. A reflexão depende de planejamento e de sujeitos responsáveis e criativos. E a elaboração está sujeita ao recurso material e financeiro disponível.

A **3ª temporada** foi caracterizada como o momento da produção significativa de materiais educativos, pelos professores e ex-alunos que atuaram como mediadores. Como a disciplina de estágio no MUnA passou a ter um referencial teórico, com discussões especializadas, foi trabalhada a ideia de pensar num texto de exposição que ajude o visitante na compreensão do contexto e dos trabalhos . indo além do texto de parede, que muitas vezes é específico para um público.

O **Professor L** levantou a questão da produção de um material educativo que auxilie na mediação do visitante e disponibilize informações apropriadas para diversos públicos.

5.2.3.3 Lidar com as expectativas do público

Teaching in museum and gallery has as one of its first objectives the making of a relationship between the collections of the museum and the needs of particular museum visitor (HOOPER-GREENHILL, 1991, p. 3).

Hooper-Greenhill (1991, p. 3), ao explicar a filosofia básica da educação em museu, especifica que a primeira intenção do ensino nos museus é estabelecer uma relação entre exposição e as necessidades particulares de cada visitante. O autor completa que essa relação deve acontecer de forma dinâmica e flexível, reconhecendo que cada grupo ou indivíduo carrega um interesse especial na visita ao museu. Assim, a educação em museu não se realiza e nem resulta exatamente da mesma maneira para todos os visitantes. Os mesmos objetos da exposição são apreciados de diversas formas, por pessoas com diferentes níveis de conhecimento.

Para cada tipo de visitante do museu há uma certa expectativa a ser atendida na visita e também alguma necessidade especial. Vicky Woollard (2004, p.120), no manual prático do ICOM, definiu cinco tipos de visitantes possíveis do museu: individuais, grupos de adultos independentes, grupos familiares, grupos educativos e visitantes com necessidades especiais. Cada um dos sujeitos ao longo da vida pode ser encaixado em algum desses tipos.

As expectativas do público que visita os museus podem variar por diversos fatores: a presença ou ausência de informações e a emoção do momento. No

caso da visita escolar, dos grupos educativos, as expectativas podem variar em função de uma preparação e um conhecimento prévio por parte dos professores.

Um mecanismo de comunicação essencial para a preparação da visita é o agendamento antecipado do professor com o museu. Muitas vezes o que está planejado para a mediação não é exatamente o que a escola pretende receber. É fundamental que exista uma conversa para delimitar tempo, definir as atividades práticas e teóricas, entre outras possibilidades que uma visita pode incluir . exibição de filmes, pausa para o lanche etc.

É importante conhecer o público e seus interesses para que haja um melhor diálogo e uma troca de experiências mais rica nas mediações. Deve-se ter consciência que muitos visitantes chegam ao MUnA esperando outra realidade de museu, como uma exposição de ossos de dinossauros ou objetos antigos e com aparência velha. Em alguns relatos e mesmo em vivências no educativo do MUnA, houve alguns casos em que a expectativa dos visitantes não era condizente com o que o museu oferecia.

Atualmente, segundo o Manual Prático do ICOM (WOLLARD, 2004, p.114), o museu disputa a atração do público com outros eventos externos. Os museus precisam manter a presença dos seus visitantes e incentivar novos adeptos, sendo acessíveis a todos. Ao mesmo tempo em que o público pode desfrutar de recursos para debates intelectuais e culturais atualizados, de contemplação e inspiração, também pode encontrar espaços prazerosos de interação social. O visitante que aproveita e desfruta sua experiência no museu, sentindo que seu tempo foi bem gasto, bem recebido, torna-se seu melhor agente de publicidade+.

Os museus, por meio das ações educativas, mostram-se preocupados em atender os visitantes, criando mecanismos de aproximação com a comunidade. Essa ação é completa quando o visitante se familiariza e interage com o espaço, o acervo e a exposição. O museu que se preocupa em receber o seu público cria a possibilidade de formar frequentadores a cada novo evento.

Um exemplo, relatado pelo **Ex-aluno A**, foi a repercussão positiva do projeto de divulgação dos museus da *Rede de Museus* da UFU através de um vídeo transmitido em várias escolas de Uberlândia. Alguns alunos que assistiram ao vídeo e conheceram o MUnA também quiseram apresentar o espaço para

seus pais. A questão a refletir é: como fazer com que o público interessado pelo Museu continue frequentando suas exposições e atividades?

5.3 O educativo e outras atividades museológicas

Tanto os decisores políticos nacionais como o pessoal do museu têm de colocar o visitante no centro do museu, de seus serviços e recursos+ (WOOLLARD, 2004, p.113).

O manual produzido pelo ICOM (BOBYLAN, 2004) para auxiliar os funcionários e gestores como administrar um museu, tem como tema recorrente . nos capítulos sobre as diversas funções, atribuições e atividades do museu . a necessidade de integração de toda a equipe cooperando entre si. Ainda na introdução, Patrick J. Boylan (2004, p.viii), afirma que a união da equipe é uma necessidade prática para produzir trabalhos descentralizados frente ao poder administrativo.

Na citação inicial, afirma-se que todos os profissionais de museu devem prestar atenção ao público, quaisquer que sejam suas atividades: montagem da exposição, recepção do visitante ou conservação tanto dos trabalhos do acervo quanto dos trabalhos expostos. No capítulo sobre o acolhimento do visitante, no manual prático do ICOM, essa questão fica evidente ao agregar valor semelhante aos trabalhos de todos os funcionários. Vicky Woollard (2004, p.117) afirma ser fundamental que todos os funcionários do museu compreendam que cada um deles contribui para que os visitantes tenham uma visita satisfatória, contemplando a exposição, o espaço e a recepção. O contato dos funcionários do museu com o público não acontece apenas nas ações educativas, mas também em cada trabalho que se propõe a eles. A responsabilidade do contato entre museu e público está em cada trabalho individual: da limpeza, da segurança, da expografia e, principalmente, da administração geral, que incute tais valores em todos seus funcionários.

Em poucas exposições do MUnA houve diálogo entre a curadoria e o educativo. A curadoria elaborava a exposição para o espaço e, depois de montada, o educativo planejava uma ação. Acredito que o fato da separação das atividades desde o início do MUnA tenha afetado uma certa dinâmica entre eles.

Os poucos momentos em que houve interação e diálogo entre as partes aconteceram quando os discentes participaram da montagem da exposição, da mediação com o público e também quando todos os docentes responsáveis por atividades do MUnA se reuniam para discutir planos de exposições, editais e seleções.

Uma das tentativas de integração, proporcionada pelo coordenador do MUnA, de 2008 a 2009, foi a criação de uma exposição com curadoria educativa. A proposta era vinculada à ideia de que no mezanino do Museu sempre haveria uma exposição de longa duração, com trabalhos do próprio acervo, elaborada por diferentes curadorias.⁷¹

Segundo o **Professor L**, a curadoria educativa consistia em expor produções artísticas do acervo escolhidas por quatro crianças, que criaram histórias por meio dessas peças. As crianças tiveram acesso à reserva técnica do MUnA e definiram quais trabalhos iriam usar para criar uma história na exposição. Nas escolhas das crianças ficava evidente o gosto infantil, pois eles elegeram os trabalhos mais coloridos e figurativos, incluindo até o carrinho do Nelson Leiner. Na expografia:

(...) havia os desenhos das crianças na parede, que elas criaram a partir da história. Os desenhos foram projetados na parede e pintados. Espalhado pela exposição haviam imagens dessas crianças olhando as obras, por meio de adesivos em tamanho real. A expografia ficou muito simpática. (informação verbal)⁷²

A partir do momento que o visitante ultrapassa a entrada do museu, ele procura desfrutar das especificidades culturais projetadas na exposição. Por isso é preciso trabalhar com a comunicação em relação aos diferentes públicos. Segundo Gonçalves (2004, p.104) os idealizadores e os promotores de exposições são mediadores do produto cultural para a apreciação estética, por meio da qual se promove também uma comunicação social.+ Portanto, a

⁷¹ A galeria principal e a sala de pesquisa visual ficariam para as exposições temporárias, enquanto o mezanino para as do acervo. Desta forma, o Museu não ficaria sem exposição, poderia aprimorar os programas de mediação e criar materiais educativos que ficassem disponíveis no site.

⁷² **Professor L**. Entrevista concedida à autora, em Uberlândia, em 23 de agosto de 2012.

realização dessa experiência no MUnA comprova que é possível pensar e elaborar projetos entre diferentes atividades museológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus do século XXI, segundo Graham Black (2005, p. ix), passaram a priorizar suas ações em torno do seu público. No livro *The Engaging Museum: Developing Museums for Visitor Involvement*, Black aponta e discute a importância do envolvimento do público com a coleção e a exposição de um museu e como essa relação influi no aprendizado do visitante.

O estudo para compreender a atuação das mediações em exposição do MUnA segue o raciocínio da pesquisa de Black (2005), na qual o museu deve atender às necessidades do público, tendo como objetivo maior a participação do visitante e, em seguida, a guarda dos objetos. Porém, diferente de Black, que estudou as ações educativas pela visão do visitante do museu, a pesquisa, em questão, buscou mostrar como foram realizadas as diversas mediações em exposição do MUnA através da memória oral e escrita dos mediadores que lá atuaram.

O programa de ação educativa do MUnA não criou muitos projetos escritos com objetivos, planos de ações, propostas e avaliações específicas que ficassem registradas em um arquivo específico no Museu. Contudo, isso não impediu que as ações educativas e o acolhimento do público nas exposições tenham acontecido. Desde o projeto de implantação do MUnA, que era idealizado como uma galeria de arte, um de seus objetivos era o acesso e a divulgação da Arte, revelando uma visão positiva da atuação educativa do Museu.

O fato do MUnA ser gerido por docentes e discentes da UFU possibilitou que o mesmo tivesse condutas educativas com referência e influência de estudos e experiências externas. O Projeto Piloto, de 1999, traz o apoio conceitual da Conservação Preventiva. Já o projeto Ação Educativa em Arte, de 2007 e 2008, faz referência à Proposta Triangular.

O fato do MUnA ser considerado um laboratório de arte para os alunos do curso de graduação em Artes Visuais, desde a sua idealização, deixa claro que um dos seus principais objetivos é atender as necessidades dos discentes e docentes. Tal atribuição possibilita que as ações do museu mantenham-se em constante renovação. O MUnA é um espaço em constante movimento, pela frequente troca de exposições, de participantes ou de propostas. É difícil definir se essa inconstância de ações é positiva ou negativa para o Museu, pois manter

algumas propostas pode ser importante para a comunidade externa estabelecer mais contato. Por outro lado, pode dificultar a manutenção das ações que tenham continuidade e que sejam independentes das necessidades de pesquisa da Graduação e da Pós Graduação.

Compreendendo que em certos períodos as mediações em exposição no MUnA tiveram algumas similitudes e partilhavam do mesmo contexto, foi criada uma divisão do tempo em três temporadas. A intenção de separar três períodos de tempo é proporcionar uma melhor visualização.

Embora a criação dos marcos temporal auxiliarem a visualizar o caminho trilhado nas práticas educativas, muitas outras experiências não foram citadas. Ao mesmo tempo, em que esses marcos trazem a tona variadas ações, eles também podem ofuscar a observação de outras não abordadas. Portanto, quero ressaltar a necessidade de se continuar a pesquisa de modo a revelar outras experiências e criar outras marcações.

A **1ª temporada**, que segue entre os anos de 1998 a 2004, reúne episódios que formalizaram as práticas de mediação e criaram ações de aproximação do público com o museu recém-aberto. Nos primeiros anos de exposição no MUnA os discentes . estagiários disponíveis para receber e atender ao público . também realizavam funções extras para auxiliar na demanda inicial. A prática dos estagiários em múltiplas funções no MUnA criava uma maior sinergia entre as ações museológicas como um todo.

Para que as mediações em exposição aconteçam são necessários três principais procedimentos: planejamento, execução e avaliação. Pelos relatos dos discentes mediadores e dos docentes orientadores, foi verificado que em cada uma das temporadas um desses processos teve um maior destaque evolutivo, o que não quer dizer que os outros procedimentos não fossem realizados.

Pode-se dizer que na **1ª temporada** os episódios demonstram uma evolução da execução pois, inicialmente, as mediações foram realizadas de maneira não sistemática. Cada mediador era livre para atuar conforme seus conhecimentos e práticas e, depois que os docentes passaram a orientar os estagiários, houve um direcionamento para aprendizagem na fruição da exposição. Outro fator que influenciou a evolução da realização da mediação na **1ª temporada** foi o início da

disciplina de estágio em licenciatura no museu e a primeira pesquisa ação sobre a mediação em exposição no MUnA.

O processo de mediação que teve maior relevância na **2ª temporada** foi o planejamento. Com a idealização e a execução de um projeto voltado a ação educativa e o andamento da disciplina de estágio no MUnA, os discentes e os docentes tiveram maior suporte para planejar as atividades. O planejamento como base para mediação em exposição possibilita desenvolver variadas propostas de envolvimento do visitante com a exposição. Como a **2ª temporada** teve um projeto de ação educativa apoiado pela Universidade, todos os professores de licenciatura foram envolvidos nas atividades educativas do MUnA e, desta maneira, criaram alternativas para planejar propostas de mediação. O fato de realizarem exercícios relacionados à exposição, seja na leitura dos trabalhos, seja na realização plástica, aconteceu com a elaboração de planos específicos.

Na **3ª temporada** a disciplina de estágio em licenciatura no MUnA ganhou mais força com a abertura de concurso para professor específico na área de educação em museu. Isso fez com que novas propostas de mediação em exposição fossem desenvolvidas, juntamente com pesquisas de avaliação das mediações, quantitativa ou qualitativamente. A **3ª temporada** indica o potencial educativo que se pode explorar no MUnA, uma vez que cada episódio indica as diversas alternativas de interação e envolvimento com a Arte exposta.

Ainda há muito a ser explorado no processo de avaliação e registro das mediações em exposição no MUnA bem como na ação educativa como um todo. Esta pesquisa se coloca como uma das formas de reflexão e união de informações sobre as práticas educativas, e indica a relação fundamental entre universidade, MUnA e educação formal (escola). Juntas, são potências com forças complementares para o aprendizado em Arte . tanto para a formação docente do discente, quanto para a vivência com Arte dos alunos ou para novas proposições exploratórias e incentivos tecnológicos de comunicação com a Arte exposta no Museu.

A partir desta pesquisa, em que se construiu uma documentação sobre as mediações⁷³, é exequível construir diretrizes específicas para o MUnA. Não existe um modelo ideal que se adeque a todos museus universitários com tipologia em arte, por isso, se faz necessário a pesquisa e avaliação individual para cada um. Por exemplo, o contexto do MAC-USP (Museu de Arte Contemporânea, da Universidade de São Paulo) é diverso em vários sentidos em relação ao MUnA. Porém, pode-se refletir sobre as ações desses museus em análise dos próprios parâmetros, como: público, profissionais que atuam, estrutura física etc.

Alguns episódios citados pelos entrevistados mostram o conflito gerado pela busca de exemplos externos para tentar solucionar problemas internos. O **Professor R** citou o interesse em desenvolver matérias de mediação para visitantes com dificuldades visuais, a partir do conhecimento dos trabalhos desenvolvidos em São Paulo, pela pesquisadora Amanda Tojal. O que queremos destacar é a possibilidade de criar ou não ações a partir de outras experiências, com recursos disponíveis e necessidades específicas do MUnA. Portanto, a ideia de uma avaliação e registo frequente das ações educativas são essenciais para saber as reais necessidades do educativo do MUnA.

Na pesquisa verificou-se que . apesar das mediações em exposição variarem de acordo com cada gestão e dos seus participantes inventarem e reinventarem formas para atrair visitantes e proporem interações com o museu . a dinâmica das práticas mantiveram uma organização de acordo com os espaços públicos do MUnA. São eles: galeria de exposição, auditório, oficina e pátio. Nesses espaços trabalhavam-se preferencialmente três ações básicas: leitura e interação das produções artísticas na exposição, reflexão sobre a temática e introdução sobre o Museu no auditório ou no pátio (podendo usar diversos materiais didáticos de apoio, como filme, objetos e outros) e produção plástica na oficina. Essas três principais ações seguem a proposta do ensino de arte da Proposta Triangular, que consiste na construção do conhecimento de arte pela relação entre a codificação, a informação e a experimentação, através das três ações básicas: ler a obra de arte, contextualizar e fazer arte (RIZZI, 2003, p. 66 e 67).

⁷³ Cabe acrescentar que a documentação produzida na pesquisa estará disponível no arquivo do Educativo do MUnA devidamente autorizada.

Para compreender as mediações foi preciso conhecer o seu universo: as propostas de envolvimento com o público. Para auxiliar na visualização das diversas atividades que aproximaram o público ao Museu, provocando ou não relações diretas, foi desenvolvida uma linha do tempo em que essas relações foram destacadas.

Compreendendo que toda ação educativa do MUnA está envolta em propostas para atrair, envolver e estimular o público, com objetivo de provocar uma leitura crítica, aprendizagem e reflexão sobre Arte e vida, as ações apresentadas na linha do tempo mostram algumas dessas maneiras . seja antes ou depois da primeira exposição. Cada ato a favor dessa relação, encontrado em relatos e registros, foi apresentado na linha do tempo como fator importante para encaminhar e favorecer a realização das mediações em exposição.

A partir desta visão parcial de como os docentes e discentes trabalharam na mediação em exposição do MUnA, são sugeridas algumas propostas que podem ser implementadas visando o crescimento e a valorização da atividade. Ao observar algumas alternativas de organização das ações educativas de outros museus, bem como as necessidades que o MUnA apresenta, são listadas 11 sugestões estratégicas que poderiam ser implementadas nos planos, diretrizes e regimento do Museu.

- 1- Avaliar a posição do MUnA em relação ao seu público, a outros museus e às novas propostas museológicas. Conhecer o que o MUnA tem a oferecer para o público e saber como eles entendem e se sentem em relação às atividades é uma importante ferramenta para compreender o caminho para gerar melhorias.

O público atual vive uma época em que os museus estão tornando mais interativos e engajados com o seu visitante. Assim, é preciso avaliar as novas proposições museológicas e saber o que é possível aplicar. Estar antenado com as evoluções de comunicação é essencial para aproximar o público e fazê-lo aproveitar o que o Museu tem a oferecer.

- 2-** Conhecer as atividades passadas do MUnA, para poder criar novas propostas. Acredita-se que os personagens que participaram das mediações em exposição não tinham o conhecimento da grandeza das ações realizadas. Nos relatos orais coletados, eles falaram apenas sobre as próprias experiências e algumas que acreditavam conhecer.

Desde o início da pesquisa e, também, na visão da maioria dos entrevistados, as ações educativas no MUnA foram desenvolvidas de acordo com cada gestão e contexto. A partir desta pesquisa é possível visualizar o contexto geral, pensar diretrizes e estratégias que melhorem a frequência do público, a participação dos estudantes e as relações entre professores e alunos no MUnA. É importante salientar que através da documentação e reflexão das práticas educativas que se pode pensar em diretrizes e ações para este Museu: considerando não uma situação ideal, mas sim o cenário real das mesmas.

- 3-** Conhecer o público que frequenta o MUnA. Nos últimos anos, de 2010 a 2012, foram desenvolvidas pesquisas sobre a relação do público com o museu, como a pesquisa quantitativa de mestrado de Allana Barcelos de Albuquerque e Moura⁷⁴ e da pesquisa qualitativa de conclusão de graduação de Maria Celinda Cignona Santos⁷⁵.

Em museus de grande porte há setores especializados na pesquisa quantitativa e qualitativa dos visitantes, o que auxilia na compreensão do valor da exposição, dos problemas e das melhorias necessárias. Há vários estudos e empresas especializadas nessa área, pois a avaliação da exposição do visitante mostra o *feedback* de toda logística museológica.

Nesse sentido, ainda é possível realizar diversas pesquisas sobre o público que frequenta as exposições do MUnA e a opinião dele sobre o

⁷⁴ Dissertação de mestrado intitulada: Público de Arte em Uberlândia: estudo de público em uma exposição do Museu de Arte. (2012)

⁷⁵ Trabalho de conclusão de curso: Material de Mediação em espaços expositivos de Arte. (2011)

Museu. Tais estudos auxiliam o museu melhorar áreas com problemas e aperfeiçoar ações museológicas.

- 4-** Conquistar novos públicos e também reconquistar aqueles que já foram um dia. O que seria dos museus se não existisse o público? Seriam apenas arquivos, acervos e coleções?

Por Uberlândia ser uma cidade central para a região do Triângulo Mineiro e contar com uma grande universidade federal à sua disposição, há uma frequente rotação de moradores e visitantes. Nesse sentido, deve-se sempre pensar em atender novos públicos.

A cada nova geração pode-se construir uma relação com o museu. E aqueles que um dia partilharam desse convívio como, por exemplo, discentes formados, precisam serem reconquistados. Algumas alternativas para manter a relação entre museu e público serão apresentadas nas sugestões seguintes.

- 5-** Manter atividades frequentes para diferentes públicos. Como exemplo, a **1ª temporada**, na qual foram realizados variados eventos acadêmicos e culturais para atrair diferentes públicos. Nesse período, com ajuda dos docentes para desenvolver a *agenda cultural*, o espaço do MUnA servia de palco para projeção de filmes, palestras e outros eventos acadêmicos.

O MUnA não comportaria um evento social grande como um casamento ou festas sociais, da mesma maneira que acontecem nos museus canadenses. Porém, essa é uma alternativa que muitos museus estão utilizando para aproximar públicos variados de suas exposições, proporcionando momentos de interação da Arte com a vida social.

Uma alternativa diversa, que também atrai a visitação ao museu, é tê-lo como espaço de convívio social com um café ou um restaurante. O MUnA já teve essa experiência, que acabou não fazendo sucesso.

Atualmente o bairro Fundinho, no qual o MUnA está localizado, tornou-se um espaço cultural com várias galerias, cafés e livrarias que

compõe o charmoso bairro do antigo centro da cidade. Talvez seja possível aproveitar essa aura para atrair novos públicos, com eventos específicos para eles.

- 6-** Manter uma publicação sobre o MUnA para escolas e também para o nível acadêmico. Para que o público saiba o que o MUnA oferece, o que foi realizado em termos de pesquisa e ações educativas, seria importante criar algum tipo de publicação, assim como a agenda cultural que foi desenvolvida na **1ª** e na **2ª temporadas**.

A publicação . independente de ser acadêmica ou com escrita acessível ao público escolar e em geral . é uma importante forma de divulgação e também de avaliação das atividades desenvolvidas. É um mecanismo que favorece sustento e crescimento do Museu. Um livro, um catálogo ou um simples *folder* pode ajudar as escolas a conhecer o trabalho do museu.

- 7-** Criar um projeto conjunto com município, estado e universidade para disponibilizar transportes. Existem vários exemplos de museus que fazem parcerias com instituições governamentais para auxiliar no problema de falta de transporte que muitas escolas enfrentam.

No relato do **Professor E.T.** foi citada a tentativa de parceria do MUnA com a UFU para disponibilizar ônibus para o transporte de grupos escolares. Na ocasião, entre 2006 e 2007, em que esteve participando da organização da ação educativa, conseguiram um ônibus para utilizar um dia. Ao solicitar o transporte para outros dias, o responsável por esta área na Universidade alertou que tal necessidade deveria estar prevista no projeto pedagógico do curso de graduação em Artes Visuais.

A sugestão é que os docentes se mobilizem junto à Universidade, para tentar disponibilizar ônibus, com a justificativa que o MUnA pertence ao curso e à UFU e que seu uso é fundamental para viabilizar a formação dos discentes na disciplina de estágio em licenciatura. Tal pedido não é

uma regalia, pois outros cursos que demandam viagens e estudos de campo têm acesso a esse serviço.

- 8-** Manter vínculos direto com professores de arte do ensino formal. Várias instituições culturais tem oferecido cursos e encontros para professores e, também, disponibiliza de materiais preparados para trabalharem em sala de aula. Esses mecanismos de dialogo entre professor e instituição é uma maneira de continuar o trabalho educativo desenvolvido na visita ao espaço cultural. É o trabalho de extensão que se conclui.

Houve um exemplo no MUnA que se concretizou esse diálogo na **2ª temporada** para a exposição *Cidade Invadida* (2007), que foi citado no capítulo 4. A história da mala itinerante, que produzida no Museu foi levada para escola e trabalhada em aula.

- 9-** Manter as atividades e eventos do MUnA atualizados no site. Seria interessante e importante para difusão cultural do MUnA disponibilizar *online*, no site ou em mídias sociais, as ações educativas disponíveis para o público, incluindo exercícios e textos acessíveis para uma ação educativa prévia ou posterior à visita ao museu.

O diálogo entre a organização do *site* e os participantes da ação educativa deve acontecer com frequência, para que o público possa ter acesso a informações atualizadas.

- 10-** Oferecer visitas guiadas em dias e horários alternativos, para que o público apareça, sem assumir compromisso prévio. Outro fator positivo para atrair público para a mediação é criar um horário definitivo, disponibilizando uma visita guiada para quem quiser conhecer o Museu sem marcar um horário.

A data pode variar de acordo com a demanda dos estagiários ou decisão dos gestores, podendo ser uma a cada exposição, semana, mês, semestre ou ano, em horário extra ao funcionamento normal. O importante

é criar oportunidades para formar grupos interessados em conhecer a nova exposição com uma mediação realizada por estagiários, pelo curador ou mesmo pelo próprio artista.

Existem vários exemplos positivos em que museus criam horários e dias específicos de bate-papo com o artista e o curador ou mesmo da disposição de mediação na exposição em horários alternativos.

11- Desenvolver e disponibilizar materiais de mediação sobre o MUnA para visitantes espontâneos. A observação de outros museus mostrou que se pode ter uma boa mediação em museu mesmo sem a presença de um sujeito mediador.

O material de mediação pode ser uma planta baixa do prédio que detalhe informações sobre as exposições; legendas de obras com breves explicações; áudio-guia e outras infinitas possibilidades que podem surgir com uma equipe que pesquisa, pensa, cria e elabora uma mediação.

Grinspum (2000, p.17) acrescenta que os elementos físicos de mediação em exposição servem como apoio aos visitantes despreparados, que necessitam de um recurso para ajudar na leitura dos atributos relevantes da exposição. Disponibilizar o controle da visita ao público, indicando a organização da exposição, faz com ele saiba o que procurar para que a experiência museológica seja satisfatória.

A existência de uma equipe efetiva de educação e mediadores no MUnA . que elabora, executa e avalia suas ações . é altamente recomendada. Em vários relatos foi citada a distância existente entre curadoria e montagem, dificultando o acesso a informações sobre a exposição e a organização da mediação.

Hoje o museu tem como principais funções, dispostas no mesmo patamar, a divulgação da cultura e a guarda dos bens culturais. Da mesma forma que o curador precisa organizar e zelar pelos objetos a serem expostos, o responsável pelas ações educativas em museu deve ter o mesmo diálogo com a exposição. Aliás, atualmente, em várias instituições culturais também se emprega o termo curador para educação no museu.

A partir desta pesquisa, espera-se que o MUnA possa investir mais na união de ideias, para que cada um trabalhe nas suas especificidades, mas a favor de uma postura única . mantendo o vínculo com o desenvolvimento da exposição.

Existem algumas lacunas sobre as mediações em exposição no MUnA que poderão ser trabalhadas no futuro, bem como a possibilidade de um aprofundamento específico. Acredita-se que esta pesquisa, na qual foram reunidas algumas das práticas realizadas, possa ajudar a pensar e a estruturar novos planos e estratégias que melhorem a frequência do público, a participação dos estudantes e as relações entre docentes e discentes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALENCAR, Valéria Peixoto. **O Mediador Cultural:** considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2008.

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e coleções universitários:** por que museus de arte na Universidade de São Paulo? Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) . Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ANTOLINO, Alik Santos; COUTO, Maria de Fátima Morethy (orientação). **Arte-educação no museu:** um estudo dos setores educativos da Pinacoteca e do Museu de Moderna de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ARSLAN, Luciana. et al. Conversas dentro do museu: ações educativas entre o Museu Universitário de Arte - MUnA e duas escolas públicas da cidade de Uberlândia, MG. IN: **Em Extensão**. Uberlândia, jul. / dez. 2010, v.9, n.2, p.118-123.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em um museu de arte. **Revista USP**. São Paulo, junho, julho e agosto 1989, p. 125-132.

_____. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, vol.3, n. 7, Set./Dez. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 nov. 2012.

_____. Museus como laboratórios. In: **Revista Museu**. 2004. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3733>. Acesso em: 12 nov. 2012.

_____. COUTINHO, Rejane; SALES, Heloisa Margarido. **Artes visuais:** da exposição à sala de aula. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. Mediação Cultural é social. IN: COUTINHO, Rejane Galvão; BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009, p.13-22.

_____. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte/Educação Contemporânea:** consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2010, p.98-112.

BARBOSA, Neília Marcelina; OLIVEIRA, Anna Luiza Barcellos de; TICLE, Maria Letícia Silva. **Ação Educativa em Museus:** Caderno 04. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Buongiorno, Rita ; Souza, Pedro de Souza (trad.). 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: do ensaio... à encenação**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

BLACK, Graham. **The Engaging Museum: developing museums for visitor involvement**. New York: Routledge, 2005.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: EDUSP, 2007.

BOYLAN, Patrick J. Introdução. IN: BOYLAN, Patrick J. (editor e coord.). **Como gerir um Museu: manual prático**. França: ICOM - Conselho Internacional de Museus. 2004, p. vii . ix. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

BRÜNINGHAUS-KNUBEL, Cornelia. Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas. In: BOYLAN, Patrick J. (editor e coord.). **Como gerir um Museu: manual prático**. França: ICOM - Conselho Internacional de Museus, 2004, p.129-144. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>> Acesso em: 4 dez. 2012.

BRUNO, Cristina. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. IN: **Museologia e Museus: princípios, problemas e métodos**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1997. (Cadernos de Sociomuseologia Centro de Estudos de Sociologia, n.10) Disponível em: <http://www.mestrado-museologia.net/Cadernos_pdf/Cadernos_10_1997.pdf> Acesso em: 4 dez. 2012.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 327 . 348.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloisio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da História Oral. **Biblos** - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, 16: 7-24, 2004.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2004.

COLEMAN, Laurence Vail. Museums in the campus scheme. IN: **College and university museums, a message for college and university presidents**. Washington, D.C., The American Association of Museums, 1942.

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: COUTINHO, Rejane Galvão; BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009, p.171-186.

_____. Questões sobre mediação e educação patrimonial. In: **Anais da ANPAP É 2011**. Disponível em:
<http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf>
Acesso em: 7 jan. 2013.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (org). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1992, p. 42 . 60.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005, p. 9-50.

FINN, David. **How to visit a museum**. New York: Harry N. Abrams, 1985

FONSECA, Alice Registro; DÓRIA, Renato Palumbo. Definindo o Valor Histórico: uma reflexão sobre patrimônio. IN: **Horizonte Científico**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008, v.2, n.2, p. 1-21.

_____. **A Cultura Material Karajá como Fonte Primária para a Construção do Conhecimento: Interfaces Entre Educação Patrimonial E Proposta Triangular**. Monografia (Graduação em Artes Plásticas) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

GOFFMAN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life**. United States: Anchor Books, 1959.

GONÇALVES, Lisbeth Rebolho. **Entre Cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.

GRINDER, Alison; McCoy, E. Sue. **The Good Guide: a sourcebook for interpreters, docents and tour guides**. Phoenix: Ironwood Publishing, 1989.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. Tese (Doutorado em Educação) . Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. An Introduction to education in museums and galleries. IN: HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museum and Gallery Education**. Great Britain: Leicester University Press, 1991, p.1-8.

_____. Learning in art museum: strategies of interpretation. In: HOOPER-GREENHILL, Eilean. **The Educational Role of the Museum**. New York: Routledge, 1999, p.53-66.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN e Museu Imperial, 1999.

IBRAM . Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

ICOM - Conselho Internacional de Museus. **Como Gerir um Museu: manual Prático**. França: UNESCO, 2004.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Tradução de Gizele de Souza. **Revista Brasileira da História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 09-42, jan./ jun. 2001.

LEHMKUHL, Luciene; DÓRIA, Renato Palumbo (orgs). **MUnA um acervo em exposição**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

LEITE, Maria Isabel; MASON, Rachel (orientação). **A Dimensão Educativa dos Museus Londrinos - o olhar estrangeiro**. Londres. Relatório Final de Pesquisa Pós-doutorado - Roehampton University, Janeiro/Junho 2007

LE MOS, Carlos. A. C. Panorama Geral. In: _____. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979, p. 9 . 27.

_____. **O que é Patrimônio**. São Paulo: Brasiliense, 1985

LIMA, Anny Christina. Traços e passos: visitas ao Museu Lasar Segall. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 229 . 236.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Ensino de Arte: perspectivas com base na prática de ensino. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 161-174.

MOURA, Allana Barcelos de Albuquerque. **Público de Arte em Uberlândia: estudo de publico em uma exposição do Museu de Arte**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

MOURA, Lídice Romano de. **Arte e Educação: uma experiência de formação de educadores mediadores**. Dissertação (Mestrado em Artes) . Universidade Estadual Paulista - UNESP, Instituto de Artes, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Fabiana Carvalho de. **O Acervo do Museu Universitário de Arte É MUnA: coleção e espaço museal por entre lacunas, fragmentos e**

contextualizações. Monografia (Graduação em Artes Plásticas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 111 . 139

PINTO, Julia Rocha. **Processos Avaliativos em Mediação Cultural: A postura reflexiva das ações educativas**. Dissertação (Mestrado em Artes) . Universidade Estadual Paulista - UNESP, Instituto de Artes, São Paulo, 2012.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução de Maria T. J. Ribeiro ; Revisão técnica de Dea Ribeiro Fenelon. São Paulo: **Proj. História**, vol.14, fev. 1997, p.25-39. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>> Acesso em: 31 jan. 2013.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos Metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 63 - 70.

SANTOS, Maria Celinda Cicogna; **Material de mediação em espaços expositivos de arte**. Monografia (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SOUZA, Mila de Paula; RODRIGUES, Sérgio Ricardo Fernandes. **Ação Educativa no Museu Universitário de Arte: relato de Experiência de Monitores**. Uberlândia. NUPEA, 2006. Disponível em:
<http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/6eraea/relatos_experiencia/tex_milaps_sergiorfr_00.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2012.

WEBER, Dorcas. **Ação Educativa em Museus de Arte: uma proposta para o MUnA**. Disponível em:
<[http://www.nupea.fafcs.ufu.br/atividades/5ERAEA/5ERAEA%20\(12\).pdf](http://www.nupea.fafcs.ufu.br/atividades/5ERAEA/5ERAEA%20(12).pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2012.

_____. **Ação Educativa em Museus de Arte: uma proposta para o MUnA**. Monografia. (Graduação em Artes Plásticas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação em museus**. São Paulo: UNESP, 2009.

WOLLARD, Vicky. Acolhimento do visitante. In: BOYLAN, Patrick J. (editor e coord.). **Como gerir um Museu: manual prático**. França: ICOM - Conselho Internacional de Museus. 2004, p. 113-128. Disponível em:
< <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

FONTES

Arquivo do MUnA

Cartas de solicitação para visitas a exposição do MUnA. 1999. (total de 9)

DEPARTAMENTO de Artes Plásticas. **Projeto Galeria de Arte**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1988.

_____. **Projeto Piloto MUnA-UFU**: um museu modelo a serviço da comunidade e da pesquisa universitária . Fase 1: diagnóstico e levantamento de dados. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Projeto encaminhado à FAPEMIG dentro do programa de Projeto de Pesquisa Científica e Tecnológica, 1999 (32 páginas).

Ficha de registro da reserva de espaço no MUnA: Galeria, Oficina ou Auditório, 1999. (total de 97)

FRANÇA, Alexandre Pereira; RAUSCHER, Beatriz Basile da Silva. **Galeria de Arte Amílcar de Castro** É Proposta de implantação de um espaço cultural da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1995.

INVENTÁRIO de Proteção do Acervo Cultural . Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas, Uberlândia . Minas Gerais, 2007.

LEHMKUHL. Luciene (coord.). OLIVEIRA, Fabiana Carvalho de (Bolsista). **MUnA: História de um acervo**. Relatório final do Projeto financiado pela Fundação de Amparo e Pesquisa no Estado de Minas Gerais - Edital Universal FAPEMIG/2006. Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2007- 2009.

MUnA . Museu Universitário de Arte. **Relatório de Atividades**: dezembro de 1998 a dezembro de 1999.

_____. **Programação de Atividades**: 2000.

_____. **Agenda Cultural**: dezembro 1999 a janeiro 2000.

_____. **Folder Domingo no MUnA**. Rede de Museus, julho de 2002.

_____. **Programação de Atividades**: 2001.

_____. **Agenda Cultural**: agosto a setembro de 2002.

_____. **Agenda Cultural**: janeiro 2003.

_____. **Relatório de Atividades**: 2001 a 2004.

_____. **Relatório de Atividades**: 2006.

_____. **Ficha de cadastro de interessados em monitoria na Ação Educativa do MUnA:** de junho a dezembro de 2006.

_____. **Ficha de cadastro de monitores no Projeto de estágio SIEX.** s/d.

_____. **Calendário de organização das mediações em exposição do MUnA:** de setembro a dezembro de 2007 e março a dezembro de 2008.

_____. **Ficha de inscrição para curso no MUnA,** s/d (em branco).

_____. **Lista de presença monitoria:** ação educativa MUnA, s/d (em branco).

_____. **Ficha de agendamento de Visitas Monitoradas,** MUnA, s/d (em branco).

_____. **Ficha de cadastro: monitoria ação educativa,** MUnA, s/d (em branco).

_____. **Ficha de inscrição dos estagiários,** MUnA, s/d (em branco).

RAUSCHER, Beatriz Basile da Silva (coord.) **Projeto de Extensão PIEEX/UFU:** Ação educativa em Arte. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Programa Institucional de Estágio Acadêmico de Extensão Remunerado / PIEEX/2007, período de realização de 11 de abril a 21 de dezembro de 2007. (projeto aprovado)

_____. (coord.) **Relatório Final das Atividades PIEEX/2007:** Projeto Ação educativa em Arte. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Programa Institucional de Estágio Acadêmico de Extensão Remunerado / PIEEX/2007, no. Cadastro SIEX/UFU 5418, período de realização: de 11 de abril a 21 de dezembro de 2007.

_____. (coord.) **Projeto de Extensão PIEEX/UFU:** Ação educativa em Arte. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Programa Institucional de Estágio Acadêmico de Extensão Remunerado / PIEEX/2008, período de realização: de julho de 2008 a janeiro de 2009. (projeto aprovado)

REGIMENTO do Museu Universitário de Arte É disposições preliminares. Uberlândia: MUnA, 2010.

SILVA, Elsie Coelho da. (coord.) **MUnA:** Arte, Cultura e Educação nos Museus, 2004. (material de divulgação)

Arquivo Secretaria da Graduação em Artes Visuais

Ficha de disciplina de Prática de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado 4, Departamento de Artes Plásticas . Licenciatura.

Ficha de disciplina Estágio Supervisionado 4, FAFCS . Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Curso de Artes Visuais . Licenciatura.

Arquivo pessoal Márcia Maria de Souza

MUnA. **Plano de ações** . Ação Educativa Exposição Corpo Memória, s/d.

Arquivo pessoal Eliane Tinoco

TINOCO, Eliane. Relatório de ações educativas desenvolvidas entre 2006 e 2007.

Roteiro para mapeamento da vizinhança do MUnA, 2007.

Arquivo pessoal Dorcas Weber

WEBER, Dorcas. Convite para mediação da exposição *Regras do Jogo* (mala-direta), 2002.

WEBER, Dorcas. Material de apoio sobre exposição *Regras do Jogo*, 2002.

WEBER, Dorcas. Material de apoio para monitores sobre exposição *Regras do Jogo*, 2002.

WEBER, Dorcas. Material de apoio para professores sobre exposição *Regras do Jogo*, 2002.

WEBER, Dorcas. Material de apoio para monitores, plano de ação da mediação na exposição *Regras do Jogo*, 2002.

Arquivo pessoal Luciana Arslan

ALCINO, Daniel Noronha; ARSLAN, Luciana Mourão. Relatório da pesquisa de público do Museu Universitário de Arte . MUnA, 2009.

ARSLAN, Luciana Mourão. Relatório de ação educativa do MUnA: 2008 a 2010.

Relatório dos alunos da disciplina de Estágio Supervisionado 4, 2º semestre 2009.

Relatório dos alunos da disciplina de Estágio Supervisionado 4, 2º semestre 2010.

ENTREVISTAS

Ex-aluno E. Entrevista concedida à autora, Ribeirão Preto, 5 nov. 2011.

Ex-aluno A. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 23 abr. 2012.

Ex-aluno D. Entrevista concedida à autora, via skype, 14 maio 2012.

Ex-aluno / Professor J. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 17 abr. 2012.

Ex-aluno / Professor M. Entrevista concedida à autora, via skype, 17 jun. 2012.

Professor R. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 19 out. 2011.

Professor B. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 9 abr. 2012.

Professor E. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 16 abr. 2012.

Professor C. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 17 abr. 2012.

Professor M.A. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 23 abr. 2012.

Professor E.C.. Relato concedido à autora, via e-mail, 24 abr. 2012.

Professor M.S. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 25 abr. 2012.

Professor L. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 23 ago. 2012.

Professor P. Entrevista concedida à autora, Uberlândia, 3 set. 2012.

APÊNDICE A - FICHA DOS ENTREVISTADOS

FICHA DOS ENTREVISTADOS

Nome: _____

e-mail: _____

Telefone: _____

Residência em: _____

Vínculo com MUnA (cargos exercícios e os anos): _____

Vínculo com a UFU (anos): _____

Data da entrevista: / / Local: _____

Duração da gravação: _____



Transcrição e envio ao entrevistado: _____

Algum documento ou foto apresentado:

Observações:

CATEGORIAS / PERGUNTAS	Indicadores
(A) Tempo atuação	
<ul style="list-style-type: none"> - Quais foram os cargos que exerceu no MUnA? Era professor efetivo ou substituto? - Em quais anos? - Esteve ligado às questões educativas no MUnA? Se sim, quais funções exerceu? 	
(B) MUnA da sua época	
<ul style="list-style-type: none"> - Quem era o coordenador do MUnA na época em que trabalhou? - O espaço do MUnA na época em trabalhou é diferente de como está hoje? - Descreva como eram os espaços do MUnA. (Da entrada à saída: galeria principal, mezanino, salas de exposição extras, escadas, administrativos, acervo, anfiteatro, ateliê) - Você sabe da história do edifício e do acervo do MUnA? Se sim, conte-me. - Para você, qual foi a exposição que mais marcou na época em que trabalhou? E por quê? 	
(C) Setor Educativo	
<ul style="list-style-type: none"> - Você lembra de alguma atividade que o setor educativo tenha desenvolvido junto a outras áreas do museu? Por exemplo: Organização de exposições, criação de catálogos, palestras e outros - Havia alguma equipe do setor do educativo no MUnA? - Você sabe se houve alguma época que o educativo foi mais ativo ou ao contrário? 	
(D) Ações Educativas - Mediações nas exposições	

<ul style="list-style-type: none"> - Havia mediações de exposição? - Quem eram os educadores-mediadores e o responsável pelo educativo? Citar os nomes ou a profissão que lembrar. - Você sabe se foi realizada alguma pesquisa ou relato de experiência ligada ao trabalho educativo? 	
(E) Ações Educativas - Propostas Metodológicas de ações educativas	
<ul style="list-style-type: none"> - Participou das mediações nas exposições? <p>Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais tipos de ações eram desenvolvidas para as exposições? (Atividades de apreciação estética, de reflexão e discussão e de práticas) - Conte uma proposta de ação que foi desenvolvida a partir de uma exposição. - Houve algum caso de ter mais de uma proposta de mediação para uma mesma exposição? - Durante as mediações houve momentos de apresentação e discussão sobre a dinâmica museológica ou sobre a função legitimadora dos museus? - Nas mediações foram utilizadas a história e a estética da arquitetura do MUnA como temas para as atividades? 	
(F) Ações Educativas - Expografia direcionada	
<ul style="list-style-type: none"> - Alguma exposição foi dirigida para um específico público? Crianças, adultos, turistas, cidadãos uberlandenses. 	
(G) Ações Educativas - Concepção de ensino e arte ó patrimônio	
<ul style="list-style-type: none"> - Aconteceram reuniões e discussões entre os educadores-mediadores, os artistas e os curadores para discutir as ações educativas? - Você participou de algumas delas? <p>Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lembra quais foram os tópicos de discussão? Por exemplo: ensino de arte; arte contemporânea; patrimônio cultural; preservação. 	
(H) Ações Educativas - Recursos didáticos	
<ul style="list-style-type: none"> - Você sabe se foi criado algum tipo de material de apoio aos visitantes e aos professores? Se sim, tem algum registro, documento ou cópia dele? - Você lembra de alguma exposição que tenha alguns recursos didáticos? Como por exemplo: texto de parede, visitas guiadas, material didático, projeção de vídeos explicativos, uso de tecnologia entre outros. - Algum curso ou palestra teve um grande destaque entre a comunidade e a imprensa? 	
(I) Contato com público	
<ul style="list-style-type: none"> - Alguém era responsável para fazer contato com as escolas e outros grupos para visitas? - O MUnA já teve algum financiamento ou parceria externa para exposição? 	
(J) Experiências Marcantes	
<ul style="list-style-type: none"> - Durante seu trabalho no MUnA teve alguma história ou experiência que foi marcante para sua carreira ou para melhorias do Museu? 	

APÊNDICE B É AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA NO MUnA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
Campus Santa Mônica - BLOCO 1V - Fone: 3239-4522 – e-mail
posartes@fafcs.ufu.br

MI CPART/054 Uberlândia, 27 de Junho de 2011

Para: **Prof. Dr. Paulo Roberto Lima Bueno**
Coordenador Museu Universitário de Arte

Vimos por meio desta solicitar-lhe uma ação colaborativa entre o Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia e o educativo do Museu Universitário de Arte.

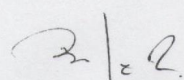
A mestranda Alice Registro Fonseca, que desenvolve uma pesquisa no nosso programa sobre as ações educativas desenvolvidas neste museu, pretende consultar o arquivo de ações educativas deste Museu e acompanhar o trabalho do educativo em diferentes programas para escolas, comunidades e famílias, e formação dos estagiários (do educativo) em formação (por meio do estágio docência no semestre vindouro).

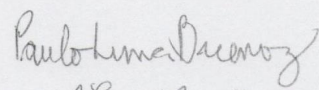
Também, a mestranda Allana Barcelos, realizará entrevistas com o público visitante deste Museu durante o mês de julho e agosto.

Tais pesquisas resultarão em uma reflexão sócio/histórica sobre as ações educativas desenvolvidas neste Museu e serão de enorme importância para a continuidade das ações educativas.

Contamos com a sua colaboração e autorização,

Atenciosamente,


Profª. Drª. Beatriz Basile da Silva Rauscher
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes


1º julho 2011